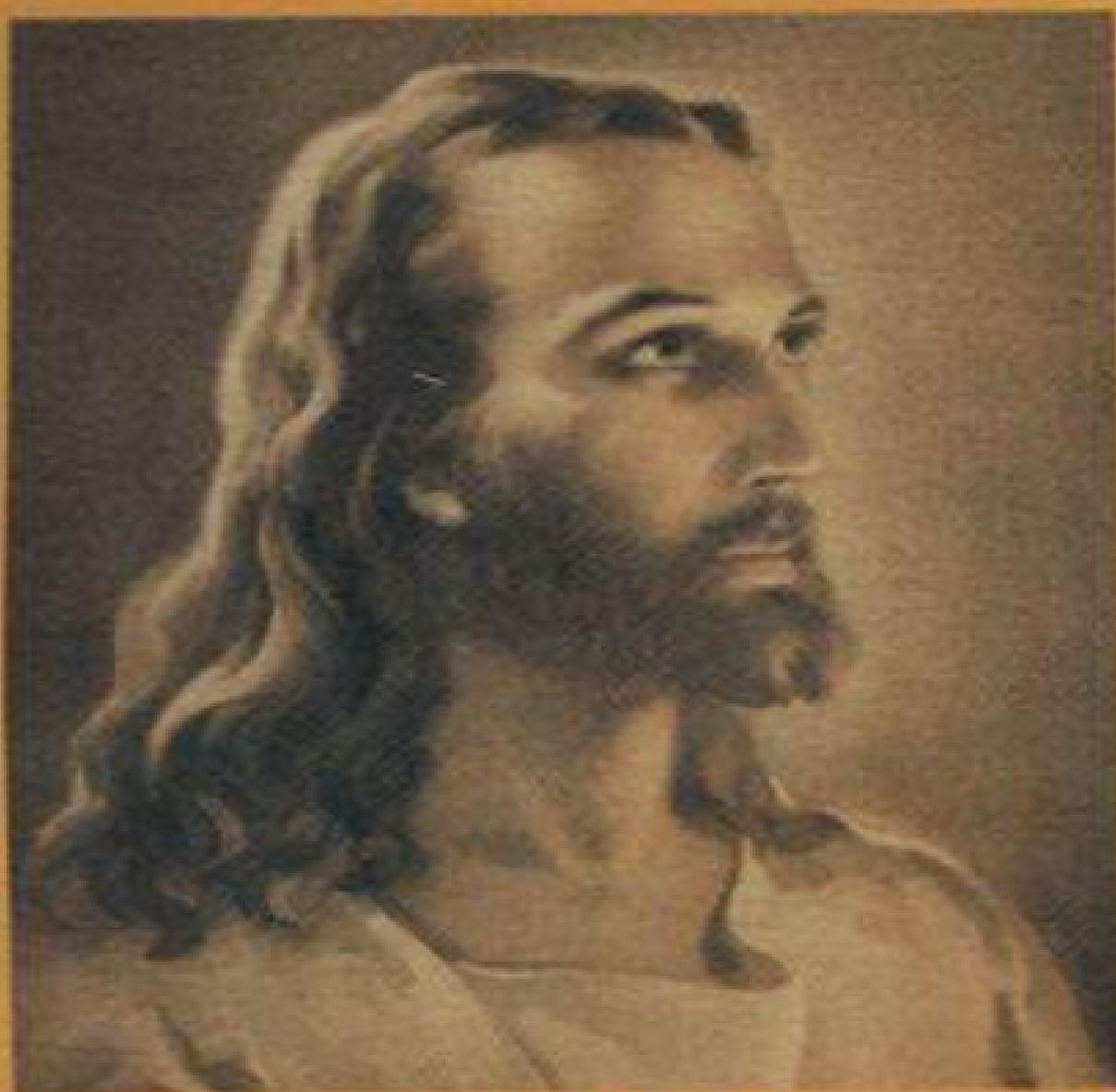


R O H D E N

**JESUS
NAZARENO**



MARTIN  CLARET

8ª EDIÇÃO

JESUS NAZARENO

Jesus Nazareno - 8ª edição, parcialmente reescrito e sem a linguagem teológica das edições anteriores - relata, com profunda emoção e visão histórica, a “história mais conhecida do mundo”. Conta a vida e as obras de Jesus desde antes do seu nascimento até a sua “paixão, morte, e ressurreição”.

É um livro comovente e inesquecível. Seguindo com fidelidade e singeleza as narrativas dos Evangelhos, Rohden descreve a vida do Nazareno linearmente, numa história sincronizada, contínua e sem intermitências, permitindo ao leitor uma visão sinóptica dos acontecimentos que os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João apresentam com repetições e pequenas divergências cronológicas.

Rohden foi um profundo conhecedor da vida do biografado. Traduziu *O Novo Testamento* diretamente do texto grego do primeiro século, ao qual enriqueceu com preciosos comentários e cujas edições se esgotam sucessivamente. Aliás, toda obra literária de Rohden é centrada na mensagem do Cristo.

Os que praticam e vivem os Evangelhos hão de notar que alguns pontos de menor importância foram esquecidos; outros, ao contrário, são lembrados com grande ênfase.

Este é um livro escrito **com** amor e por amor aos Evangelhos. É um livro de Vida que ressuscita, aos olhos dos vivos, o Cristo Vivo. E nos mostra quantos ensinamentos exemplificados podemos tirar dos ditos e atos sucedidos entre o “estábulo de Belém” e a “nuvem de Betânia”.

Papini, no prefácio do seu *História de Cristo* esculpe palavras sobre Jesus que magnificamente servem de moldura a este trabalho de Rohden: “Diz-se de Jesus que o profeta dos fracos e, ao contrário, ele vem trazer forças aos desalentados e levantar os oprimidos. Diz-se que a sua religião é para doentes e moribundos, mas ele cura os enfermos e ressuscita os mortos. Dizem-no inimigo da vida e ele vence a morte. Deus da tristeza, ele exorta à alegria, promentendo-nos um banquete eterno de felicidade. Muitos se afastaram dele porque não o conheceram; a estes se dirige esta obra.”

Rohden, como outros biógrafos inspirados, proclama Jesus como supremo modelo de vivência humana e espiritual.

“Eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.
” Estas foram as últimas palavras do Nazareno, mas para nós é sempre o

início da esperança imortal.

Vem, Jesus Nazareno! Ressuscita dentro de nós!

JESUS NAZARENO

Jesus Nazareno é um dos livros mais lidos de Rohden.

Narra, singelamente, a vida e a obra de Jesus, segundo os **4** evangelhos, sincronizados numa história linear e sem intermitências.

Rohden, que traduziu do texto grego O Novo *Testamento*, é um dos maiores conhecedores da vida do Nazareno.

Para o autor a mensagem do Homem de Nazaré tem sido a melhor inspiração e terapia para a Humanidade confusa e angustidada.

A leitura desta obra é um conforto e uma lição espiritual de Vida.

JESUS NAZARENO

COMO OS EVANGELHOS O DESCRIVEM E COMO MINHA ALMA O CONTEMPLA

VOLUME I **8**- edição

Mensagem

A **Martin Claret Editores** e o **Centro de Auto-Realização Alvorada**, cumprindo sua finalidade de ensinar e procurar orientar seus leitores na prática da Filosofia Univérsica, estão dinamicamente abertas para contactar com toda e qualquer pessoa ou grupo interessado em Cosmo-Meditação, Autoconhecimento e Auto-Realização.

Escrevam-nos solicitando material informativo. Teremos grande prazer em atendê-los e trocar correspondência sobre estes assuntos.

Editoração Eletrônica Bypass Comunicação Ltda.

Fotolitos em Editoração Eletrônica Scritta

Papel

Off-Set

Impressão e Acabamento

© **Martin Claret C_{APA}**

José Duarte T. de Castro

M_{IOLO} Revisão Marcos Agatão

Digitação

Márcia Gomes de Oliveira

Direção de Arte

José Duarte T. de Castro **Martin Claret Editores Ltda** - R. Alegrete, **62** - Sumaré - Cx. Postal **9897** CEP **01254** - Tel: **(011) 262-8144** - Fax: **(011) 263-7146** - São Paulo - SP

Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores - pessoas físicas e jurídicas - que deram as condições para que fosse possível a publicação deste livro.

Advertência

A substituição da tradicional palavra latina *crear* pelo neologismo moderno *criar* é aceitável em nível de cultura primária, porque favorece a alfabetização e dispensa esforço mental - mas não é aceitável em nível de cultura superior, porque deturpa o pensamento.

Crear é a manifestação da Essência em forma de existência — *criar* é a transição de uma existência para outra existência.

O Poder Infinito é o *creador* do Universo - um fazendeiro é um *criador* de gado.

Há entre os homens gênios *creadores*, embora não sejam talvez *criadores*.

A conhecida lei de Lavoisier diz que “na natureza nada se *crea* nada se aniquila, tudo se transforma”, se grafarmos “nada se *crea*”, esta lei está certa, mas se escrevermos “nada se *cria*”, ela resulta totalmente falsa.

Por isto, preferimos a verdade e clareza do pensamento a quaisquer convenções acadêmicas.

Huberto Rohden Vida e Obra

Ciências, Filosofia e Teologia em Universidades da Europa — Innsbruck (Áustria), Valkenbuig (Holanda) e Nápoles (Itália).

De regresso ao Brasil, trabalhou como professor, conferencista e escritor. Publicou mais de **60** (sessenta) obras sobre ciência, filosofia e religião, editadas pela Editora Vozes (Petrópolis), União Cultural (São Paulo), Editora Globo (Porto Alegre), Livraria Freitas Bastos (Rio de Janeiro), Fundação Alvorada e outra editoras.¹ Vários livros de Huberto Rohden foram traduzidos em outra línguas, inclusive o Esperanto; alguns existem em Braille, para institutos de cegos.

Rohden não está filiado a nenhuma igreja, seita ou partido político. Fundou e dirige o movimento mundial Alvorada, com sede em São Paulo.

De **1945** a **1946** teve uma Bolsa de estudos para Pesquisas Científicas, na Universidade de Princeton, Newjersey (Estados Unidos), onde conviveu com Albert Einstein e lançou os alicerces para o movimento de âmbito mundial da Filosofia Univérsica, tomando por base do pensamento e da vida humana a constituição do próprio Universo, evidenciando a afinidade entre Matemática, Metafísica e Mística.

Em **1946**, Huberto Rohden foi convidado pela American University, de Whashington, D.C., para reger as cátedras de Filosofia Universal e de Religiões Comparadas, cargo esse que exerceu durante cinco anos.

Durante a última Guerra Mundial foi convidado pelo Bureau of Inter-American Affairs, de Washington, para fazer parte do corpo de tradutores das notícias de guerra, do inglês para português. Ainda na American University, de Washington, fundou o Brazilian Center, centro cultural brasileiro, com o fim de manter intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos, sendo então seu presidente honorário o senhor Nereu Ramos.

Na capital dos Estados Unidos, Rohden frequen- tou, durante três anos, o Golden Lotus Temple, onde foi iniciado em Kriya Yoga por Swami Premananda, diretor hindu desse ashram.

Pelo fim da sua permanência nos Estados Unidos, Huberto Rohden foi convidado para fazer parte do corpo docente da nova Universidade Internacional International Christian University (ICU), de Metaka, Japão, a fim de reger as cátedras de Filosofia Universal e Religiões Comparadas; mas, devido à guerra na Coréia, a Universidade japonesa não foi inaugurada, e Rohden regressou ao Brasil. Em São Paulo foi nomeado professor de filosofia na Universidade Ma- ckenzie, cargo do qual não tomou posse.

Em **1952**, fundou em São Paulo a Instituição Cultural e Beneficente Alvorada, que mantém cursos permanentes, em São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia, sobre Filosofia Univérsica e Filosofia do Evangelho, e dirige Casas de Retiro Espiritual (ashrams) em diversos Estados do Brasil.

Em **1969**, Rohden foi chamado a Portugal para fazer conferências sobre autoconhecimento e auto-realização. Em Lisboa fundou um setor do Centro de Auto- Realização Alvorada.

Ultimamente, Rohden residia na capital,² onde permanecia alguns dias na semana, escrevendo e reescrevendo seus livros, nos textos definitivos.

Três dias da semana costumava passá-los no ashram, em contacto com a natureza, plantando árvores, flores ou trabalhando no seu apiário modelo.

Quando estava na Capital, Rohden frequentava, periodicamente, a editora Alvorada, responsável pela editoração de seus livros, dando-lhe inspiração e orientação cultural.

Fundamentalmente, toda a obra educacional e filosófica de Rohden divide-se em quatro grandes segmentos: **1)** a sede central da Instituição (Centro de Auto -Realização), em São Paulo, onde são ministrados cursos e horas de meditação; **2)** o ashram, situado a **70** quilômetros da Capital, onde são dados, periodicamente, os Retiros Espirituais, de **3** dias completos; **3)** a editora ALVORADA, de São Paulo, que difunde, através de livros e cassetes, a Filosofia Univérsica; **4)** um grupo de dedicados e fiéis amigos, alunos e discípulos, que trabalham na consolidação e continuação da sua obra educacional.

A zero hora do dia **7** de outubro de **1981**, após longa internação em uma clínica naturalista de São Paulo, aos **87** anos, o professor Huberto Rohden partiu deste mundo e do convívio de seus amigos e discípulos. Suas últimas palavras, em estado consciente, foram: “Eu vim para servir a Humanidade”.

Rohden deixa, para a gerações futuras, um legado cultural e um exemplo de fé e trabalho, somente comparado aos dos grandes homens do nosso século.

PREFÁCIO DAS EDIÇÕES ANTERIORES

Incide esta edição de Jesus Nazareno num período estranhamente caótico, ao meio de um mundo convulsionado, por uma espantosa babel de ideologias absurdas, cada uma das quais se exhibe como sendo a infalível panacéia dos males que afligem a humanidade, como o elixir de uma harmonia universa.

Os homens não querem conceder a sua cegueira. Não querem rezar o sincero “confiteor” das suas culpas.

A salvação do mundo não está em códigos legislativos e tratados internacionais. Não está nas cátedras universitárias e nos institutos técnicos. Não está no passo cadenciado dos exércitos, nem no troar das artilharias.

A única esperança de uma paz duradoura, a única garantia de uma sólida harmonia nacional e internacional está no sincero e decidido retorno da humanidade a Jesus Cristo e às máximas do seu Evangelho.

Fora do Evangelho não há salvação!

Mas ai de nós!... Jesus e a sua doutrina são um par de grandes incógnitas, não só para o mundo pagão, mas também para milhões de cristãos dos nossos dias...

“No meio de vós está aquele a quem vós ignorais”...

O “agnotós Theós”, que Paulo de Tarso encontrou nas ruas de Atenas, continua a sua incompreendida peregrinação pelo mundo que lhe adotou o nome, mas não o espírito...

*Nas minhas obras **Paulo de Tarso, Agostinho, Em Espírito e Verdade, De Alma para Alma** e em outros livros, frisei, às vezes, com ferro em brasa, a urgente necessidade que temos de voltar a Cristo, e, a exemplo dos grandes apóstolos dos primeiros séculos, recolocar a pessoa e o espírito do Divino Mestre bem no centro das nossas práticas religiosas e, mais ainda, da nossa vida quotidiana.*

Se a nossa vida espiritual se resumir em simples cerimônias litúrgicas e na repetição mecânica de fórmulas decoradas; se não personificarmos na nossa vida real o espírito do Cristo e estabelecermos uma perfeita harmonia entre o nosso credo e o decálogo, entre o dogma e o moral, entre a ascética do nosso devocionário e a ética do nosso viver concreto e quotidiano — será Jesus Cristo para nós, cristãos, um Deus ignoto, e o seu Evangelho um simples título decorativo.

Os adeptos de um cristianismo acomodaticio, os amigos das atitudes indefinidas e penumbristas, bem sei, desamam esta linguagem e maldizem estas clari- nadas de guerra, que os perturbam na suave modorra do seu pacifismo inoperante. Mas sei também que não faltam cristãos genuínos, espíritos retos, almas dinâmicas, verdadeiros paladinos da igreja melitante, que pelejam briosamente nas falanges dos voluntários do Cristo-Rei.

*Nos melhores momentos da nossa existência, **nas** horas mais humanas e mais divinas da nossa vida, todos nós sentimos a nostalgia do Infinito e as saudades do Cristo do Evangelho, porque:*

— *para nossa inteligência é Cristo o sol da verdade; sem ele, tudo é noite e treva...*

— *para a nossa vontade é Cristo o fundamento da moralidade; sem ele tudo é pecado e miséria...*

— para o nosso coração, é Cristo a fonte de toda a felicidade, na vida presente e futura; sem ele, tudo é desconsolo e desespero...

Todo homem que chegou a conhecer e amar o Cristo real do Evangelho confessará, com um dos mais poderosos espíritos ferido pela inquietação religiosa e empolgado pelo mistério da eternidade:

“Fizeste-nos para ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração até que descanse em ti.” (Agostinho.)

PREFÁCIO PÁRA A SÉTIMA EDIÇÃO

É este um dos meus livros mais antigos sobre o maior homem da história, livro agora completamente atualizado. Narra ingelamente a vida de Jesus de Nazaré, segundo os quatro Evangelhos, sincronizados numa narrativa contínua e sem intermitência.

Este livro não desce à profundezas filosóficas ou metafísicas sobre a pessoa e vida humana de Jesus; conta simplesmente a vida terrestre do carpinteiro de Nazaré, sob os auspícios do Cristo Cósmico.

Na presente edição omitimos muitas das divagações subjetivas das edições anteriores, limitando-nos, o mais possível, aos fatos objetivos da história de Jesus. É um livro de fácil compreensão, próprio para ser lido em família ou em reuniões de meditação coletiva.

O leitor que queira penetrar mais profundamente no espírito do Cristo, fará bem em ler os meus livros **Sabedoria das Parábolas**, ou então os quatro volumes da “Sabedoria do Evangelho” intitulados:

1— Filosofia Cósmica do Evangelho; **2** — O Sermão da Montanha; **3** — Assim Dizia o Mestre; **4** — O Triunfo da Vida sobre a Morte.

Também o meu livro **Que vos Parece do Cristo?**, toma uma perspectiva mais profunda e metafísica em face do Cristo Cósmico, que se revelou, aqui na terra, na pessoa de Jesus de Nazaré.

Nessas obras considero que esse Cristo pré-histórico é chamado em grego o **Lógos**, em latim **Verbo**, designando a mais antiga e mais perfeita emanção individual da Divindade Universal. Ele é, segundo João,

0 “Unigénito do Pai”, e, segundo Paulo de Tarso, o “Primogênito de todas as criaturas”.

Os filósofos gregos da antiguidade usavam a palavra **lógos** (derivada do verbo **lógo**, dizer) no sentido da manifestação da **Divindade**

Transcendente em forma de Deus Imanente no mundo visível; ou seja, a manifestação do Invisível em forma visível.

*João, o discípulo amado, o místico, escreveu o quarto Evangelho, provavelmente em Êfeso, na Ásia Menor, usando também a palavra **Lógos** para o Cristo Cósmico, antes da sua encarnação na pessoa de Jesus de Nazaré.*

*A Vulgata Latina traduz **Lógos** por **Verbo**, no sentido da manifestação individual da Divindade Universal, concordando com as palavras de Paulo de Tarso, que chama o Cristo Cósmico o “primogênito de todas as criaturas”, não das criaturas terrestres, mas das criaturas cósmicas.*

*Esse **Lógos**, ou **Verbo**, é a mais antiga emanção individual da Divindade Universal, anterior à criação do mundo material.*

Este Cristo Cósmico se revestiu de natureza humana, “para entrar em sua glória”, como Jesus diz aos discípulos de Emaús, e assim, através da morte voluntária no dizer de Paulo de Tarso foi “super-exaltado” e voltou ao mundo cósmico, maior do que quando desceu à terra.

“Da sua plenitude — diz João — todos nós recebemos, graça e mais graça”; a plenitude do Cristo Cósmico transbordou em benefício da humanidade, segundo a abertura ou receptividade de cada homem.

“Em Jesus, diz Paulo, habita corporalmente toda a plenitude de Deus.”

O transbordamento dessa plenitude reverte em benefício da humanidade.

Neste sentido é Jesus nosso redentor ou salvador.

Esclarecemos também aos leitores que, através de todo este livro, conservamos a palavra “milagre” ou “prodígio”, quando nos referimos a certos atos de Jesus, não como fatos sobrenaturais contra ou além das leis naturais, mas como acontecimentos que ultrapassam o alcance da inteligência humana normal.

PRIMEIRA PARTE SOLIDÃO E TRABALHO

JOÃO, O PRECURSOR

Antes de o sol nascer, mesmo de aparecerem os primeiros clarões da aurora, desponta a estrela d’alva, prenúncio do grande luzeiro.

Mais de quatro séculos haviam expirado desde que emudecera o derradeiro vaticínio do último dos profetas da lei antiga.

“Eis que envio o meu arauto ante a tua face — dissera Malaquias — a fim de preparar-te os caminhos. Uma voz clama no deserto: Preparai os caminhos do Senhor! Endireitai as suas veredas!”

Refere-se esta palavra do último dos vates antigos à pessoa do precursor do Messias.

Entrementes, continuava a negrejar a grande noite da humanidade, e, após o vaticínio de Malaquias, parecia cerrar-se mais ainda a escuridão; tanto assim que, em todo esse longo período, nenhum vidente apareceu, nenhuma réstea de luz coou através dessa noite.. .

Até que, finalmente, sobre as montanhas da Judéia, desponta a estrela matutina — João Batista, pródromo da “luz do mundo”.

É ele o maior dos profetas. Já não vislumbra o Salvador em visões longínquas; vê-o diante de si, vivo e verdadeiro — assim como a estrela d’alva contempla o sol e lhe reflete as irradiações antes que pupilas humanas o consigam enxergar.

Prodígios acompanham a anunciação do precursor; sinais estranhos assinalam-lhe a vida e circudam-lhe a morte.

Vivia então, nas montanhas da Judéia, o casal Zacarias e Isabel. Vergavam ao peso dos anos, e, quiçá, mais ainda ao peso de uma cruz que tanto tinha de dolorosa como de humilhante: não tinham filho. Para o israelita era duplamente dura essa sorte; porque o excluía da possibilidade de entrar em contato com o futuro Messias mediante a linha genealógica. Pertencer ao número dos ascendentes do Salvador era o mais ardente anelo dos filhos de Abraão. A esterilidade afigurava-se ao hebreu um castigo de Deus, que parecia declarar o casal indigno de ver entre os seus descendentes aquele pelo qual suspiravam os povos.

Por entre as agruras deste pesar, tinham passado, os dois, os longos anos da sua existência, e já as neves da anciania anunciavam a última estação da vida.

Zacarias era sacerdote. Nesta qualidade, tinha de desempenhar, de quando em quando, as funções litúrgicas no templo de Jerusalém.

Desde os tempos de Davi, funcionavam no santuário nacional de Israel, vinte e quatro turmas de serventuários do culto, tocando a cada qual uma semana de ministério sacerdotal.

Competia-lhes alimentarem o fogo dos sacrifícios, oferecerem incensos e holocaustos e cuidarem do grande candelabro de ouro e dos pães de proposição, que se achavam na parte do templo a que chamavam “santo” ou santuário.

Determinava-se por sorte o trabalho que diariamente tocava a cada um dos sacerdotes. Oferecer o sacrifício de incenso era considerado especialmente honroso, e só se concedia uma vez por semana a cada sacerdote. O momento em que do altar do incenso subia aos ares a coluna de fumo era solenizado por toques festivos de trombetas, enquanto o povo, que nos átrios assistia ao sacrifício, se prostrava de face em terra.

Terminado este ato de culto, lançava o sacerdote a bênção ao povo, e retirava-se.

Repetia-se esta cerimônia todos os dias, ao nascer e ao pôr-do-sol.

Certo dia, oferecia Zacarias o sacrifício matutino. Achava-se sozinho no santuário, deitando incenso sobre as brasas, nas caçarolas de ouro. Evolvam-se lentamente ao céu as alvejantes fumarolas, e com elas subiam ao trono do Altíssimo as preces do sacerdote, que se quedava, imóvel, com os olhos fitos no altar.

Eis senão quando, aperece, à direita do altar, um vulto estranho!.. .

Zacarias estremece, aterrado com a inesperada aparição.

— Não temas, Zacarias — diz-lhe com voz calma o desconhecido — foi atendida a tua oração; eis que tua esposa Isabel terá um filho, a quem porás o nome de João. Será grande aos olhos de Deus e repleto dum espírito santo desde o seio de sua mãe; converterá e fará voltar a Deus a muitos dos filhos de Israel.

O ancião, percebendo tão singular notícia, reflete por uns momentos e surge-lhe na mente ligeira dúvida sobre a possibilidade de semelhante promessa.

— **Por que sinal conhecerei a verdade das tuas palavras? — perguntou à aparição — pois eu sou velho, e também minha mulher é avançada em anos.**

Respondeu-lhe o misterioso alguém:

— **Eu sou Gabriel, que assisto ante o trono de Deus, e fui enviado para comunicar-te esta mensagem. Mas, como não deste fé às minhas palavras, serás mudo e incapaz de proferir palavra, até ao dia que tudo isso se realizará.**

O povo esperava da parte' de fora, nos átrios do templo, estranhando a demora de Zacarias. Quando, finalmente, o sacerdote apareceu no topo da escada e não pôde formular as costumadas palavras de bênção, compreenderam todos que algo de extraordinário lhe sucedera. Estava mudo.

Terminado o período do serviço litúrgico, regressou Zacarias para casa, em completa mudez. Deu a entender à esposa aflita, por meio de acenos, o que lhe acontecera no templo, bem como a jubilosa esperança que tinham de um herdeiro.

E ambos louvaram a Deus, e agradeceram-lhe tão grande favor.

MARIA, A MÃE

Embalada na verde solidão das montanhas da Galiléia, dormitava uma aldeia pitoresca, por nome Nazaré. Nazaré significa broto, rebento.

Achava-se situada num vale, cercada de uma cadeia de montes que atingem a **165** metros de altura.

O vale mede **2.000** metros de leste a oeste sobre **500** de norte a sul, ficando aberto apenas desta última parte; dos outros lados, está cercada de rochas calcáreas, cuja brancura contrasta com o verde das figueiras, oliveiras e ciprestes, e com o variegado matiz dos jardins e pomares que cobrem a planície. .

Nazaré não tinha importância histórica o seu nome não ocorre nas páginas dos livros sacros do Antigo Testamento.

À beira da povoação, alvejava uma vivenda singela, e nessa casinha vivia uma jovem por nome Maria.

Maria, ou Myriam (Mirjam), é antigo nome egípcio- hebraico.

Profundos mistérios envolvem a vida de Maria. Sabemos apenas que era da estirpe real de Davi e, provavelmente, filha de Joaquim e Ana, Casal que, segundo a tradição, vivia em Jerusalém. Diz ainda. ã. antiguidade cristã que, em pequena, costumava Maria trabalhar no templo, em companhia de outras meninas de sua idade,.

Mais tarde, encontramos a jovem em Nazaré. A humilde casinha serrana, à beira da povoação, era o santuário e o seu campo de trabalhos.

Segundo a tradição achava-se Maria no subsolo da sua casa, que ainda se mostra em Nazaré, talvez em meditação, quando

inesperadamente lhe apareceu um vulto luminoso, que o Evangelho denomina Gabriel, e a saudou com estas palavras:

“Eu te saúdo, cheia de graça... o Senhor é contigo. .. bendita és tu entre as mulheres..

Maria, percebendo semelhantes palavras, põe-se a refletir o que viria a significar essa saudação... “Eu te saúdo. . . cheia de graça? Nunca ninguém lhe falara assim. “O Senhor é contigo?. .. bendita és tu entre as mulheres?... por quê. . .

Ainda estava ela a lutar consigo mesma, quando o mensageiro prossegue:

“Não temas, Maria! Encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho a quem porás o nome de Jesus. Será poderoso e chamado filho do Altíssimo; e o seu reino não terá fim.”

Mateus, autor do primeiro Evangelho, e sobretudo Lucas, autor do terceiro, se referem à concepção excepcional do corpo de Jesus. Ambos admitem a paternidade *real*, mas não *material*, de José. A concepção de Jesus foi realmente hominal, mas não animal, como a dos outros homens. Desta concepção hominal nasce, segundo Jesus, o “Filho do Homem”, ao passo que da outra resulta o “Filho de mulher”. Cerca de **600** anos antes de Cristo escreveu Isaías, o maior dos profetas de Israel, que a nova humanidade seria preludiada quando houvesse compatibilidade entre virgindade e gravidez: “Eis que a virgem terá no útero e dará à luz um filho.” (Isaías, **7-14**.)

Se uma entidade puramente espiritual pudesse fecundar uma mulher humana, o filho dela não seria um ser realmente humano, como foi Jesus. A fecundação humana real, mas não material, descrita pelos evangelistas, é a da nova humanidade do futuro, de que Jesus foi o precursor e que João menciona no seu Evangelho, falando de homens que não nasceram do desejo do varão, e nem do desejo da carne, nem (da fusão) de sangues, mas de Deus.

Esta nova humanidade já era prevista no Gênesis, e Lucas tenta no seu Evangelho descrever esta concepção imaterial, mas real, segundo as informações diretas que teve da mãe de Jesus.

MARIA VISITA ISABEL

Zacarias e Isabel residiam, provavelmente, na aldeia serrana que hoje se denomina “São João da Montanha”, situada em Ain-Karim, cerca de

légua e meia para o oeste de Jerusalém.

Diz o evangelista que a Virgem se dirigiu “pressurosa” às montanhas da Judéia; não ia como quem vai de passeio, mas, sim, impelida pelo espírito de Deus e pela amizade para com sua parenta Isabel, que tanto necessitava dos serviços da jovem. Ia também no intuito de felicitar a anciã, pois o anjo lhe revelara que ela teria um filho.

Isabel é a primeira a avistar, à porta do jardim, a jovem parenta de Nazaré; corre-lhe ao encontro, de braços abertos e exclama: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! Em que mereci a graça de ser visitada pela mãe do meu Senhor?...”

A estas palavras de Isabel, a nazarena ergue ao céu as mãos, e rompe neste inspirado hino de louvor.

“Minha alma glorifica ao Senhor.

E meu espírito exulta em Deus, meu Salvador.

Lançou olhar benigno à sua humilde serva.

Eis que desde agora me chamarão bem-aventurada todos os povos!

Grandes maravilhas que fez o poderoso, santo é o seu nome!

Vai de geração em geração a sua misericórdia sobre todos os que o temem!

Manifesta o poder do seu braço.

Aniquila os corações soberbos.

Derriba do trono os poderosos e exalta os humildes.

Sacia de bens os famintos e despede vazios os ricos.

Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia para com Abraão e seus descendentes para sempre — conforme prometera a nossos pais.”

João Batista, nascituro, adivinha a presença do Messias, assim como o tenro germe no fundo da terra experimenta a proximidade do sol e começa a agitar-se para ir ao encontro da luz. O precursor já começa a desempenhar a sua missão: exulta de júbilo no seio materno, e em sua alma resplandece a luz da graça, antes mesmo que os seus olhos contemplem a “luz do mundo”.

◆ **

E Maria, oferece-se como serva a Isabel e fica em sua casa três meses, prestando-lhe todos os serviços que uma simples empregada costuma prestar à sua patroa...

As almas mesquinhas querem ser servidas — as almas grandes querem servir.

Terminados três meses, e nascido o Precursor, despede-se Maria da família de Zacarias e Isabel, e regressa para Nazaré.

O PROFETA DO DESERTO

“Aproxima-se o tempo em que Isabel devia dar à luz; e deu à luz um filho. Ouviram os vizinhos e parentes que o Senhor lhe fizera mercê, e foram dar-lhe os parabéns.

No oitavo dia foi o menino circuncidado.”

Consistia a circuncisão numa cerimônia religiosa pela qual o recém-nascido filho varão era incorporado ao povo de Deus. Celebrava-se este ato, não no templo de Jerusalém, mas na sinagoga do lugar, e, muitas vezes, em casa dos pais. Competia ao chefe da família circuncidar o filho, podendo, todavia, ser substituído pelo sacerdote, ou por outra pessoa.

Por essa ocasião se impunha o nome à criança, como acontece no batismo cristão.

Aos grandes luzeiros do seu reino o próprio Deus lhes impõe o nome.

“Foram circuncidar o menino e queriam impor-lhe o nome de seu pai Zacarias. Sua mãe, porém, protestou, dizendo: De modo algum! Mas há de chamar-se João.”

Sabia, sem dúvida, pelo marido, que esta era a oirdem do celeste mensageiro.

Mas toda a gente discordava, dizendo: “Não há ninguém em tua parentela que tenha este nome.”

E perguntaram ao pai como é que queria chamar o filho.

Zacarias pediu uma taboinha e escreveu estas palavras:

“João — é seu nome.”

É seu nome! Não sou eu que lho imponho; é o nome que ele recebeu de Deus.

Admiraram-se todos.

No mesmo instante, recuperou o ancião a fala, e, glorificou a Deus, rompendo neste hino de louvar:

“Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque

visitou e redimiu seu povo. Suscitou-nos um Salvador poderoso na família de seu servo Davi, assim como, há séculos, prometera por boca de seus santos profetas: de livrar-nos dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam; de fazer misericórdia aos nossos pais e recordar-se da sua santa aliança, do juramento que fez a nosso pai, Abraão; de conceder-nos que, libertados das mãos dos nossos inimigos, o servíssemos sem temor, em santidade e justiça, todos os dias da nossa vida.

E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo; irás ante a face do Senhor para preparar-lhe o caminho, e fazer o seu povo conhecer a salvação, que consiste na remissão dos pecados, graças à entranhável misericórdia de nosso Deus; pois que das alturas nos visitou o sol nascente; a fim de alumiar aos que jazem nas trevas sombrias da morte e dirigir os nossos passos a caminho da paz.”

Quedaram-se os circunstantes, estupefatos, em face destes acontecimentos, e diziam uns aos outros: “Que será deste menino? Pois que está com ele a mão do Senhor!”

E por todas as montanhas da Judéia divulgou-se a notícia deste fato.

*

Por espaço de quase meio século, teve Moisés de preparar-se, na solidão do deserto, para conduzir o povo de Israel até às fronteiras de Canaã, a terra que fluía leite e mel.

Nada diz o evangelista sobre a mocidade desse homem singular a não ser que “o menino crescia e se fortalecia no espírito, e habitava no deserto até ao dia em que devia manifestar-se a Israel”.

Vida estranha, essa do Precursor. Passa uns vinte anos na solidão das plagas inóspitas que se alargam, ermas e tristes, para as bandas do Mar Morto — regiões quase completamente despidas de vegetação, rasgadas de profundos precipícios, penhascos e cavernas, paradeiro favorito de solitários eremitas — gente estranha, como lhes chama o escritor romano Plínio — homens que passam a existência sem dinheiro nem mulher, alheios à sociedade, só conversando com as palmeiras da solidão. ..

Nessas silenciosas paragens viveu João os anos da mocidade, entregue à oração e à meditação das verdades eternas, a fim de se preparar para a sua grande missão de arauto do Messias.

DE NAZARÉ A BELÉM

É tradição antiga celebrar o nascimento de Jesus no dia **25** de dezembro, que no hemisfério norte, é inverno; mas é provável que ele tinha nascido na primavera ou no verão, porque diz o Evangelho que os pastores guardavam os seus rebanhos no campo, o que não acontecia no inverno quando os rebanhos se achavam nos estábulos. Pode Jesus ter nascido entre maio e julho, primavera ou verão na Palestina.

O Império Romano celebrava, cada ano, as solenidades do *Natalis Invicti Solis* (nascimento do sol invicto), entre **21** e **25** de dezembro, no

chamado “Solstício de inverno”, quando o sol se acha no ponto mais distante do hemisfério norte e principia a reaproximar-se da terra, embora esse movimento seja da terra, e não do sol. E os cristãos desse tempo acompanhavam esse “regresso do sol” com as solenidades da chegada da “luz do mundo”.

Cerca de nove meses tinham decorrido desde aquele memorável dia em que o anjo do Senhor aparecera a Maria, em Nazaré.

Mas não era em Nazaré da Galiléia que devia nascer Jesus. Quatro séculos havia que o profeta Miquéias designara como torrão natal do Messias uma modesta aldeia da Judéia, dizendo: ‘Tu, Belém de Éfrata, pequenina embora entre as cidades principais de Judá, verás surgir o chefe de Israel, cuja origem remonta aos dias da eternidade!’ (Miquéias, 5-2.)

Estava nos desígnios da Providências que o filho de Davi nascesse na cidade real de Davi.

*

♦

Habitavam Maria e José nas montanhas de Nazaré; José a trabalhar na sua oficina de carpinteiro; Maria ocupada na lida doméstica.

Eis senão quando, de improviso, se espalha a notícia de que o imperador romano ordenara um recenseamento para todo o império. Na província da Síria e nas terras da Palestina estava a execução das ordens imperiais a cargo de Sulpício Quirino (Cirino).

À luz de documentos escavados das areias do Egito, e que remontam a esse mesmo período, sabemos que, na terra lendária dos faraós, se procedia a um recenseamento geral da população de **14** em **14** anos.

Não faltou entre os eruditos do nosso século quem estranhasse o fato de o evangelista indicar Quirino como encarregado desse trabalho na Judéia. E Herodes, que fazia? Não lhe competia a ele? ..

Entretanto, possuímos documentos que dão plena razão ao evangelista. Herodes estava velho, e, nos últimos anos, devido a uma série de desmandos e atos de indisciplina, inspirava pouca confiança ao César de Roma. De resto, já era tempo de dar os primeiros passos para fazer da Judéia uma província romana propriamente dita. Por isso, era aconselhável que o recenseamento da população fosse feito por um emissário de Roma, como era o presidente da Síria.

Grande foi o alvoroço que o decreto de Tibério César despertou no meio dos judeus. Fazia-lhes sentir dolorosamente a sua condição de povo

tributário e dependente de uma nação estrangeira — eles, os filhos do povo eleito, súditos de um imperador pagão?...

Os mundanos receberam com pragas e imprecações o humilhante decreto; os patriotas exaltados rangiam os dentes e urdiam planos de vingança; as mulheres lamentavam o transtorno que a ordem de César causava ao sossego da família.

Consoante o costume da época, devia cada cidadão dirigir-se à terra natal de seus maiores, a fim de se arrolar nos registros públicos.

Maria e José eram oriundos de Belém, descendentes da estirpe real de Davi; pelo que tinham de demandar a cidade do seu régio ascendente.

O recenseamento! . . .

Estupefata e surpresa, ouviu Maria esta notícia.

Uma e muitas vezes, mormente naquelas últimas semanas, tinha ela lido e meditado a profecia de Miquéias, que dava Belém como cidade natal do Salvador, quando ela, que seria sua mãe, habitava em Nazaré. Até que, de improviso, se lhe desvenda o mistério! O imperador romano servia de instrumento nas mãos da Providência para realização dos seus planos!

Ao cabo de poucos dias, fizeram-se de partida os dois peregrinos, Maria e José.

Grupos de peregrinos passavam, montados em camelos, de carro ou a pé; barulhentos uns, taciturnos outros.

À noite, nos albergues onde pousavam numerosos peregrinos, era grande a algazarra e a animosidade. Discutiam, em termos exaltados, a arrogância do imperador de Roma.

O casal de Nazaré, que, em vez de invocar as pragas de *Yahve* sobre a cabeça de César Augusto, tirava tranquiilamente do surrão os flexíveis bolos de farinha e os comia condimentados com água fresca, passava quase despercebido no meio do vozerio geral. De quando em quando, algum pegureiro improvisado em político de alto coturno desandava um olhar de desprezo e compaixão aos dois e dizia lá consigo: “Esta gentinha nem parece suspeitar da injúria que os Goim d’além-mar irrogam ao povo eleito dos filhos de Abraão...”

Jerusalém!... eis a maravilha do templo!.. .

Os dois transpõem respeitosamente o limiar do templo agradecem a Deus a proteção que lhes dispensou.

NASCIMENTO DE JESUS

Seria ao declinar do quarto ou quinto dia da jornada quando Maria e José avistaram as primeiras casas de Belém.

Belém fica a umas duas horas para o sul de Jerusalém, à beira da estrada que conduz a Hebron. A casaria derrama-se com pitoresca irregularidade sobre duas colinas separadas uma da outra por uma ligeira depressão de terreno. Em derredor das vivendas, vicejam abundantes olivais, vinhedos e figueiredos; e para além se desdobram as férteis campinas de Beth-Sahur, quase sempre pontuadas de grupos de ovelhas, ou rebanhos de cabras.

Beth-lehem quer dizer: casa do pão, ou seja: celeiro de trigo. E, de fato, eram vastos os trigais que cobriam essas zonas.

Na rampa da colina ocidental abre-se uma caverna maior, a par de outras menores, com a entrada para a banda do leste.

Nesse dia, os dois solitários viajores subiram à altura em que assenta a povoação; a jovem montada na paciente azêmola, o fiel esposo a pé, exausto de fadiga, com o rosto coberto de pó e os lábios a arderem de sede.

Foram à procura de um albergue, de um galpão ou algum ranchinho à beira da estrada, onde passassem a noite.

Baldados esforços. Por mais que José se esforçasse, por mais que batesse de porta em porta, por mais que suplicasse e fizesse ver a necessidade de descanso para sua esposa — não encontrou lugar nas hospedarias de Belém.

“Vinha Jesus ao que era seu — e os seus não o receberam!”

Belém regorgitava de forasteiros, atraídos pelo recenseamento; todas as estalagens abarrotadas de peregrinos; só mesmo a peso de ouro teria sido possível obter ainda algum agasalho; mas os dois viandantes de Nazaré eram pobres. . .

*
*

Entrementes, acabava o crepúsculo vespertino de envolver em sombras as colinas e casas de Belém. Maria e José abandonaram a aldeia inóspita e foram em demanda de uma caverna espaçosa, de cuja existência sabia o carpinteiro.

Media uns **10** metros de fundo sobre **4** de largo e **3** de altura. Defronte dessa gruta tinham os pastores da vizinhança construído uma espécie de varanda ou rancho de palha. Pelas paredes internas corriam diversas mangedouras destinadas aos animais domésticos que se refugiavam na caverna em dias de chuva.

Nesse abrigo recolheram-se, pois, Maria e José, arranjando-o do melhor modo possível, à luz de uma lanterna.

Apagam-se, a pouco e pouco, as luzes de Belém. Tranquilas e serenas, cintilam as estrelas da meia-noite, contemplando a terra envolta em escuridão. . .

José, depois de dispor as palhas secas da caverna para servirem de leito à esposa, retira-se, e, de exausto, cai em sono profundo...

|* *

O peregrino que hoje, quase **2.000** anos após aquela noite bendita, visita a gruta de Belém, encontra, erguido por cima da mesma, um templo magnífico. Debaixo do altar se acham suspensas inúmeras lâmpadas, sempre acesas, iluminando uma grande estrela de prata, embutida no pavimento de mármore. Em torno dessa estrela — símbolo da luz do mundo que despontou à meia-noite — fulgura a inscrição:

Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est.

(Aqui nasceu da Virgem Maria, Jesus Cristo.)

OS PASTORES

Para o leste de Belém, à distância de meia légua, desdobravam-se as verdejantes campinas de Beth-Sahur, palavra que significa aurora. É a mesma várzea histórica em que lourejavam, antigamente, os trigais de Booz e onde Rute andava respigando uns punhados de trigo deixado pelos ceifadores do abastado fazendeiro be- tleemita; é ainda a mesma planície em que, um milênio atrás, o intrépido pastorzinho, Davi, apascentara os rebanhos de seu pai, Jessé.

Serena e bela corria a noite.

Nas alturas do firmamento, cintilava um exército de estrelas iluminando suavemente os palácios dos ricos e os tugúrios dos pobres.

Lá fora, nas extensas planuras de Beth-Sahur, viam-se diversos grupos, de pastores sentados diante das suas barracas, ao redor do braseiro, ao passo que outros, mais além, tomavam conta dos rebanhos.

Era meia-noite passada.

Ao longe, por detrás de nodosos sicômoros vergados ao peso dos anos, começava o horizonte levantino a tingir-se de tênue alvor, enquanto a lua, no quarto minguante, difundia pela atmosfera uma claridade argêntea, envolvendo em mistérios a vastidão dos espaços noturnos. . .

Os singelos pastores passavam as longas horas da vigília a contar histórias de outras eras e outras terras, quando não bordavam comentários mais ou menos exaltados em torno do recente decreto do César de Roma; um ou outro grupo falava das esperanças de Israel, suspirando pela vinda do Messias.

De' súbito, um dos guardas-noturnos solta uma exclamação de surpresa. Sobre uma das colinas de Belém, paira uma como neblina luminosa, que se move lentamente em direção aos acampamentos dos pastores.

Todos se põem a observar, estupefatos, o estranho fenômeno.

Os rebanhos agitam-se, estremunhados; os cães levantam clamoroso latido; os pastores empunham as suas armas primitivas. Tão intenso se vai tornando o fulgor da misteriosa nuvem que ilumina grande parte das campinas de Beth-Sahur, parecendo até empalidecer o brilho das estrelas da noite. Por algum tempo se quedam os pastores, imóveis, com a mão sobre os olhos, em ansiosa expectativa.

Eis senão quando, se desentranha do centro do luminoso nevoeiro uma figura de indizível beleza — um anjo aureolado de luz.

Os pastores, à vista dessa aparição, caem por terra, transidos de terror. Outros fogem, espavoridos. . .

Que seria aquilo?. . . Um anjo do Senhor?. .. Deus mesmo?. . .

Entrementes, acercara-se deles a luminosa aparição, dizendo-lhes:

“Não temais! Eis que vos anuncio uma grande alegria, que caberá a todo o povo: hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é o Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em faixas e reclinado numa mangedoura.”

Apenas acabou o anjo de falar, desfez-se a fúlgida nebulosa numa infinidade de espíritos celestes — seres de tão encantadora beleza como não pode idear a fantasia mais arrojada; dispuseram-se, em torno do primeiro anjo, formando uma imensa *via-láctea* entre o céu e a terra, e começaram a girar e a bailar com uma graça indizível, cantando:

“Glória a Deus nas alturas!. . .

E, na terra, paz aos homens da sua benevolência. . .” ⁽³⁾

Os acentos suaves dessas vozes ecoavam sobre os vargedos de Beth-Sahur e pelas montanhas da Judéia além.

Os pastores mal acreditaram nos seus sentidos; parecia-lhes um sonho dourado; estavam como que inebriados de gozo e queriam habitar

eternamente à luz daquela glória que os circundava. .

Pouco a pouco se foram os celestes cantores...

Os pastores voltaram a si; esfregaram os olhos deslumbrados e entreolharam-se, mudos de estupefação. ..

“Yamos até Belém! — exclamaram alguns, mais resolutos — e vejamos o que aconteceu, o que acaba de nos anunciar o Senhor.”

“Nasceu-vos hoje o Salvador do mundo”, disse o anjo.

Que notícia estranha.

Encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada numa mangedoura. — Não era assim que eles esperavam o advento do Messias; mas devia ser assim mesmo.

Abandonaram os seus rebanhos, e, à porfia, correram a Belém. Galgaram a pequena colina e enfrentaram a gruta tão sua conhecida. Pararam, indecisos, ante o insólito clarão que rompia do interior.

Nisto aparece à entrada da caverna um homem de aspecto amável, e, ouvindo a aparição que tiveram, convida-os a entrar.

E os pastores, reverentes e receiosos, penetram no interior da gruta. Aí encontram um menino, deitadinho sobre as palhas de uma mangedoura; ao pé dele, a jovem mãe.

Depois voltaram aos seus rebanhos.

Maria, guardava no coração todos estes acontecimentos, meditando-os sem cessar.

APRESENTAÇÃO NO TEMPLO

Após o nascimento de Jesus, deteve-se a família ainda por algum tempo em Belém, se é que não tencionava estabelecer-se lá definitivamente. Belém era a terra natal de seus ascendentes; Belém acabava de se tornar o cenário do maior acontecimento da sua vida.

No oitavo dia, foi o menino circuncidado, conforme preceituava a lei mosaica. Competia, geralmente, ao pai executar esta cerimonia.

Nesta mesma ocasião, foi-lhe imposto o nome de Jesus, que significa: Deus-Salvador, nome que o anjo revelara com antecipação à Maria.

Quarenta dias depois do nascimento de Jesus, levaram-no os pais a Jerusalém.

Mandava a lei de Moisés que a mulher, depois de dar à luz um filho, ficasse em casa **40** dias (**60** dias, se era filha), não tocasse em objeto sagrado nem entrasse no templo de Deus.

Fizeram-se, pois, de partida; Maria montada na jumentinha, com o filho ao colo; o esposo a pé, guiando cautelosamente a paciente azêmola.

De Belém a Jerusalém, a viagem era de duas horas. Levava o caminho pela planície de Refais, por onde, séculos atrás, viera Abraão com seu filho Isaac para imolá-lo nas alturas de Moriá; o mesmo caminho a cuja beira Jacó descansara e onde sepultara, aflito, a sua saudosa Raquel; a mesma estrada que tinha visto os exércitos de Davi e as luxuosas carruagens de Salomão, quando visitava os jardins e parques de Etan.

Por detrás de um cotovelo da estrada, aponta subitamente o lendário mausoléu de Raquel. Quanto não sofrera aquela mulher forte por causa de seu Benjamim, filho das suas dores e preço da sua vida!. .. Daí a pouco, teriam as filhas de Belém de chorar a motre violenta de muitos benjamins trucidados pelo ferro do ímpio Herodes.

Do alto de um outeiro, os peregrinos espraiam o olhar pelas regiões circunvizinhas; contemplam as montanhas da Judéia; mais além, os desertos áridos de Moab; para o sul, alvejam as casinhas pitorescas de Belém; para o norte, já se divisa a magnífica metrópole com a obra-prima do templo e os seus castelos a se desenharem sobre o fundo escuro do Monte das Oliveiras.

Mais além — o Gólgota!. ..

Chegados à cidade, hospedam-se os peregrinos em casa de uma família conhecida.

Na manhã seguinte, apresentam-se em trajos de festa, e, antes de se iniciarem no templo os sacrifícios matutinos, sobem ao monte Moriá e entram no santuário.

Atravessam o “átrio dos pagãos”, ladrilhado de mosaicos, e, depois de cruzarem o átrio externo e subirem por uma escada de vinte degraus, transpõem a chamada “porta de Nicanor”, onde fazem alto; as mulheres não podiam entrar no átrio dos homens.

Maria coloca-se no meio das demais mulheres que lá esperam a hora da purificação.

Aparece um sacerdote em longa túnica branca, acompanhado de alguns levitas, e procede à cerimônia prescrita pela lei mosaica.

Ao mesmo tempo, oferece José um par de pombos, que era a oferta tradicional que as famílias pobres faziam ao templo, por essa ocasião.

Em lembrança da maravilhosa providência que Deus dispensara aos israelitas, naquela memorável noite, quando os primogênitos dos egípcios

caíram vítimas do anjo exterminador, devia todo o primogênito de Israel ser consagrado a Deus.

José penetra, pois, no átrio dos sacerdotes, onde o serventuário do culto ergue o menino ao céu, oferecendo-o a Deus; depois do que o pai o resgata com o modesto estipêndio de cinco siclos. E o sacerdote devolve o menino, abençoando-o.

O VIDENTE SIMEÃO

No átrio do templo, ao pé da “porta de Nicanor”, divisamos um ancião de aspecto venerando e longas barbas brancas a cair-lhe sobre o peito. A sua existência resume-se toda num anseio daquele por quem suspiravam os povos, há dezenas de séculos. Quantas vezes, por entre o silêncio da noite, não erguera Simeão as mãos às alturas de Moriá, suplicando com lágrimas nos olhos:

“Orvalhai, ó céus, o Justo! Nuvens, fazei-o descer em chuva benéfica! Abre-te, ó terra, e brota o Salvador!..

Fora esta a oração matutina da sua juventude, e era ainda esta a prece vespertina da sua extrema an-
ciana.

Tivera revelação divina de que não veria a morte sem que primeiro contemplasse o Redentor.

Por isso, vivia Simeão a esperar, a esperar sempre, sempre..

Eis senão quando, por uma voz íntima, reconhece no filho de Maria, o alvo dos seus anseios! Aproxima-se e pede à jovem nazarena lhe entregue o filhinho.

E Simeão, com o menino ao colo, os olhos voltados ao céu e o semblante cheio de luz, rompe num hino de jubilosa gratidão:

“Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos contemplaram o teu Salvador, que suscitaste ante a face de todos os povos — uma luz iluminadora para os gentios, uma glória para teu povo, Israel!” E depois desta oração, o ancião se recolhe ao descanso eterno.

Já não tem encantos o mundo para quem viu o Salvador do mundo!

Já não tem delícias a vida para quem apertou ao coração aquele que é o caminho, a verdade e a vida!

Contente e feliz, Simeão se despede da vida, assim como o dia se despede da noite, quando no horizonte começam a tremeluzir os primeiros sorrisos da aurora.

Em seguida, o ancião restitui a criança à sua mãe, dizendo com ares de mistério:

“Eis que este menino é destinado a ser ocasião de ruína e de ressurreição para muitos em Israel — e será algo de contradição!”

Depois, cravando um olhar profético em Maria, acrescenta:

“A tua alma, porém, será transpassada por uma espada, para que se manifestem os pensamentos que muitos ocultam em seu coração” . . .

A jovem mãe estremece como que atingida pela lâmina fria de um punhal; uma visão de dores se lhe antolha.

Entrementes, acudira também uma velhinha de quase um século de existência. Chamava-se Ana. A sua vida era um ato contínuo de oração. Ainda muito jovem, enviuvara; e desde então era Deus o seu único amor.

Alquebrada, arrimada a tosco bordão, arrasta-se pelo átrio do templo, até à “Porta de Nicanor”; levanta os olhos enevoados... E, no mesmo instante uma torrente de júbilo lhe inunda a alma. Era como quando o sol, momentos antes de submergir nas brumas crepusculares do horizonte, se reanima uma vez mais e derrama sobre a natureza exausta os últimos lampejos vespertinos.

Ana reconhece que tem diante de si o Messias, o objeto de todas as suas meditações, de todos os suspiros da sua vida. Toma nas suas mãos trêmulas a mãozinha delicada de Jesus, aperta-a efusivamente aos lábios, e por momentos parece rejuvenescer-se-lhe o semblante esmaecido. Amor é juventude. Desfaça embora o corpo, a alma que ama não conhece velhice nem decrepitude senil; quanto mais intenso o seu amor, mais radiante se torna a sua mocidade espiritual. \

E também ela, como Simeão, se recolhe ao derradeiro descanso, cheia de fé, de esperança e amor, porque vira o sol nascente nos olhos de Jesus Menino.

MAGOS DO ORIENTE

Silêncio e trevas envolvem as extensas planuras da Caldéia. No azul-negro do firmamento, cintilam miríades de astros.

No meio das vastas estepes, se ergue uma espécie de atalaia de madeira. Em tomo dela, se agrupam numerosas tendas e barracas de hordas nômades. Pelas campinas se lobrigam, disseminadas aqui e acolá, bandos de camelos e de ovelhas, uns a pastar tranquilamente, outros deitados na relva.

No alto da torre, se vê um homem encostado ao largo peitoril, absorto na contemplação do céu estrelado. Baltasar lhe chamam os seus patrícios. A longa túnica branca, a cair-lhe até aos tornozelos, empresta um quê de venerando e fantástico ao noturno observador. De quando em quando, ergue as mãos ao céu, e os seus lábios parecem murmurar discretas preces.

Estará esperando por algum sinal do céu?

Depois de muito sondar e muito observar, senta-se num tamborete, toma nas mãos um pergaminho coberto de hieróglifos, e se abisma no estudo desse escrito.

É um dos livros sacros que os hebreus lá deixaram, quando regressaram do cativeiro babilónico para as terras de Canaã (606-536 A.C.). Fala de um luzeiro que despontará no céu como sinal do advento do Messias predito pelos profetas:

“Uma estrela surgirá de Jacó, em Israel aparecerá um luzeiro.”

Só Deus sabe quantas noites passou em claro, no seu observatório, o astrónomo, chefe daquela tribo de nômades!

Quando apareceria o maravilhoso astro?...

Alguns amigos seus, chefes de outras tribos, nutriam a mesma esperança. Uma voz íntima lhes falava na alma, animando-os a perseverarem nos seus anelos.

Eram pagãos, todos eles; mas sabiam que o Messias não seria apenas Salvador de Israel, senão do mundo inteiro. É o que diziam os livros sagrados dos hebreus.

* * *

No meio das suas lucubrações levanta Baltasar os olhos e vê despontar no horizonte um fenómeno estranho. É uma estrela de intenso fulgor.

Com uma exclamação de surpresa e de júbilo, saúda ele o suspirado sinal, e, ainda na mesma noite, despacha mensageiros para os amigos, comunicando-lhes a feliz descoberta, e convidando-os a virem juntamente com ele procurar o Salvador predito pelos profetas de Israel.

Em seguida, escolhe os mais robustos dentre os seus camelos, os mais fiéis dentre os seus servos, enche os cofres de jóias e espera o dia.

Muitos dos seus súditos, menos esclarecidos, meneiam a cabeça estranhando semelhante resolução. Empreender uma longa e penosa jornada, incerta, quase à toa, em busca de uma criança recém-nascida, que uns documentos antigos apelidam Messias — que idéia tão desatinada! Não seria melhor esperar aviso mais claro e explícito?

O chefe da tribo, porém, não se deixa dissuadir do seu intento; uma voz íntima o impele irresistivelmente a seguir a estrela.

No dia aprazado, encontram-se os três chefes, cada qual cercado de luxuosa comitiva.

De onde vieram eles?

Do Oriente, diz o evangelista. Talvez da Arábia, da Pérsia — não sabemos.

Todos de comum acordo se põem a caminho, cheios de confiança e coragem.

Sucedem-se dias e mais dias. E a caravana sempre no ancalço do misterioso luzeiro. Oferecem aspecto pitoresco esses camelos, com luxuosos arreios de prata e pequenos guizos **1** chocalhos suspensos no pescoço.

“Magos” é o nome que o historiador sacro dá a esses três homens.

Assim se denominava então uma casta científico- religiosa do Oriente. Refere Heródoto que existiam seis tribos de magos. Quando os persas conquistaram a Média, souberam os magos afirmar a sua influência e prestígio no novo reino.

Adoravam o fogo, o ar, a terra e a água, os quatro elementos dos quais, segundo a filosofia antiga, se compõe o universo. Para que os cadáveres dos defuntos não contaminassem esses elementos sagrados, eram os mesmos expostos em cima de torres, a fim de serem devorados pelos abutres. Eram as famosas “torres do silêncio”. Apresentavam na parte superior uma plataforma cortada de barras transversais, sobre as quais se colocavam os corpos.

Os magos da antiguidade usavam vestimentas talaras, túnicas de cor branca e chapéu alto com abas caindo sobre os dois lados do rosto. Pretendiam ser mediadores entre os homens e as divindades; intervinham em todos os sacrifícios; interpretavam sonhos e agouros; diziam conhecer o futuro.

Mais tarde, os gregos davam o nome de magos aos feiticeiros. Nos livros sacros do Novo Testamento encontramos alguns deles: Bar-jesu (At. **13-6**) e Simeão (At. **8-9**).

Segundo a tradição cristã, chamavam-se os três magos do Evangelho: Baltasar, Melchior e Gaspar, encarnando, cada um deles o tipo da sua nacionalidade e representando as raças de Sem, Cam e Jafé.

Na sua expedição em demanda do Messias, não levavam armas.

De manhã, aos primeiros albores do dia, entoavam hinos a Deus, com os olhos fitos na estrela, que parecia adivinhar-lhes os anseios do coração.

Ao meio-dia, quando toda a atmosfera estava em incêndios e o areal reverberava com vigor os raios solares, procurava a caravana algum oásis, alguma fonte de água, se tal delícia lhes deparava a sorte; apeavam-se então, tomavam a frugal refeição e descansavam umas horas à sombra das tamareiras e sicômoros do deserto. Mal, porém, a viração da tarde principiava a cicizar pelas flabelas das palmeiras, retomavam o caminho.

Destarte, prosseguiram os três viajores do Oriente, em demanda do recém-nascido rei dos judeus.

Ao se aproximarem de Jerusalém, de súbito desaparece a estrela!

Que fazer?

Principiaram a tomar informações acerca do recém-nascido rei dos judeus. Mas os interpelados limitavam-se a arregalar os olhos e encolher os ombros, como quem não atinava com o sentido da pergunta. E mandaram a estranha caravana para Herodes.

Os senhores da Judéia eram os romanos, e Herodes, o Grande, a governava sob os auspícios dos Césares.

Encaminharam-se os fatigados viajores ao palácio do rei e solicitaram audiência.

Herodes, ouvindo do nascimento de um príncipe com o título de “rei dos judeus”, sentiu-se aterrado. Homem cruel, não sofria rival; quem caísse na suspeita de se arrogar direitos régios era eliminado pelo punhal ou pelo veneno. Herodes tinha assassinado algumas das suas mulheres, diversos filhos, seu sogro e bom número de fidalgos.

Se de terras longínquas vinham soberanos à procura de um príncipe judaico, não podia esse boato deixar de ter fundamento...

Convocou, secretamente, os entendidos nas Escrituras Sagradas e perguntou-lhes onde devia nascer o tal Messias, rei dos judeus, de que falavam os livros proféticos.

Responderam eles:

“Em Belém de Judá; pois assim está escrito pelo profeta Miquéias: E tu, Belém, na terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades principais de Judá; porque de ti surgirá o chefe que há de governar o meu povo Israel.”

Com efeito, assim escrevera, sete séculos antes, o inspirado vidente.

Herodes não pensava senão num dominador político, que derrotasse os seus adversários e restabelecesse o reino de Davi e Salomão.

E ele, Herodes?

Ver-se-ia eclipsado, eliminado talvez no número dos vivos...

Por isso: matar quanto antes o novo rei dos judeus!

Entretanto, caráter perverso e hipócrita, mandou chamar, clandestinamente, os magos do Oriente e disse-lhes: “Ide e procurai com afã o menino, e, quando o houverdes encontrado, mandai-me recado para que também eu vá prestar-lhe as minhas homenagens.”

Os reis, sem nada suspietarem, partiram rumo sul, em demanda de Belém, que dista de Jerusalém cerca de **12** quilômetros.

Mal acabavam de transpor os muros da cidade, quando reapareceu a estrela guiadora, como se por eles houvesse esperado.

Ao avistarem a estrela, sentiram a alma inundada de consolação; pois aquela luz lhes dizia que estavam no caminho verdadeiro.

Foi-se a estrela movendo lentamente diante deles, até parar sobre Belém, rente à entrada de uma casinha modesta, à beira da povoação.

Os três viajantes estranharam a pequenez da vivenda e entreolharam-se cheios de surpresa. Seria possível que o rei de Israel tivesse por palácio aquela choupana?...

Entraram, encontraram a Jesus e logo se prostraram em terra, tocando o chão com a testa, à moda oriental, homenageando destarte o jovem príncipe. Em seguida, abriram os seus cofres e ofereceram ao menino, ouro, incenso e mirra — produtos das suas terras.

Na noite que precedeu sua partida, apareceu-lhes em sonhos um anjo do Senhor e os advertiu de que não voltassem por Jerusalém, porque Herodes maquinava a morte do menino.

Levantaram-se, pois, antes do clarear do dia e regressaram para seus países por outro caminho.

A descrição acima corresponde à tradição popular. A Ciência, porém, fala de uma conjunção de certos planetas, que teria sido a tal estrela dos magos.

É provável que não se tenha tratado de nenhuma estrela objetiva, mas da estrela subjetiva dos magos, que se reuniram por uma intuição interna. Isto também explica porque a estrela desapareceu, ao entrarem em Jerusalém, e reapareceu ao saírem. O ambiente espiritual de Jerusalém interferiu negativamente com a intuição dos magos, e esta interferência

terminou quando deixaram esse ambiente negativo. Se se tratasse de uma estrela material objetiva, não seria admissível que ela se movesse na direção indicada, e desaparecesse e reaparecesse, como diz o Evangelho.

De resto, o texto grego diz que os magos vieram da *anatolé*, isto é, da *origem* que pode indicar a intuição espiritual deles.

Os magos devem ter aparecido em Belém cerca de dois anos depois do nascimento de Jesus, porque Herodes mandou matar todos os meninos abaixo de dois anos. Nesse tempo, a sagrada família já morava numa casinha em Belém, e não estava mais na caverna, como fazem crer os nossos presépios de fantasia popular.

JESUS FUGITIVO

Mal tinham os reis do Oriente transposto as fronteiras da Judéia, quando um mensageiro celeste aparece a José em sonho e lhe diz: “Levanta-te! Toma o menino e sua mãe e foge para o Egito e fica lá até que eu te avise; porque Herodes procura o menino para matá-lo.”

Levanta-se José prontamente, transmite à Maria a ordem, e, antes que despontasse o dia, já está a sagrada família fora de Belém, rumo ao Egito.

De Gaza seguem caminho sudoeste, pelo alvejante areal.

Mais e mais recua a vegetação palestinese, e diante deles alarga-se a monotonia do deserto arábico.

Poucos dias ainda e os três atravessam o istmo de Suez, penetrando nas regiões do Baixo Egito.

De vez em quando, deparava-lhes a sorte alguma caverna. Nela se recolhiam em noite inclemente, e adormeciam sobre as pedras duras.

Estabeleceu-se o trio, provavelmente nas proximidades da cidade de Heliópolis, onde existia um templo judaico.

A permanência deles no Egito, foi uma vida de desterro, de privações de toda a sorte. Eram pobres. Quase nada tinham podido levar de Belém.

José apressou-se a alugar uma modesta vivenda, nos arrabaldes da cidade, e começou a arranjá-la do melhor modo que as circunstâncias o permitiam. Madrugador por hábito, labutava o dia todo até altas horas da noite, a fim de ganhar o necessário para si e para a família. Carpinteiro de profissão, não tardou a transformar a casinha num lar doméstico, com os móveis mais necessários. As mãos hábeis de Maria cercaram a vivenda de uma horta e um jardimzinho. Quando não se achava ocupada nesses

misteres, trabalhava ao pé do fogão, ou se sentava à roca, fiando e tecendo para a família.

O Egito não deixava de ser para todo o israelita, uma terra santa. As venerandas tradições do povo eleito radicavam nesse solo, intimamente irmanadas com o país e a história dos faraós. Aí tinham vivido Jacó e Moisés. Em Heliópolis, centro sulino de Gessen, tinham-se os filhos de Jacó desenvolvido numa nação poderosa e florescente, mesmo sob o azorrague dos feitores africanos.

Viviam eles em terra de exílio.

REGRESSO À PÁTRIA

Não sabemos quanto tempo durou o exílio de Jesus no Egito.

A visita dos magos do Oriente, e a subsequente fuga dos três para terras longínquas, ocorreram provavelmente no segundo ano da vida de Jesus.

Certa noite, reapareceu o anjo do Senhor a José e ordenou-lhe que voltasse à sua terra, porque Herodes já não existia.

Não tardaram os três a fazer-se de partida.

Jesus, menino dos seus 4 a 5 anos, marchava ao lado de José, os pés calçados de sandálias, um chapeuzinho de folha de palmeira na cabeça, e uma bolsa de couro a tiracolo — primavera em flor todo ele!

Maria, montada no fiel jumentinho, seguia atrás. O sol africano lhe havia amorenado a tez, fazendo-a parecer mais forte e vigorosa que dantes.

Um frêmito de júbilo estremece a alma de Jesus, quando, por detrás dos amarelados cômoros de areia, emerge o Mar Mediterrâneo.

Era bem penosa a jornada ao longo do litoral, rumo a Gaza, Azoto e Ascalon, teatro das proezas de Sansão.

Após diversos dias, cruzam as várzeas de Saron.

Daí dobraram para o leste, deixando à esquerda o monte Carmelo, e atravessando o vale de Esdrelon, até avistarem, ao longe as montanhas da Judéia.

Num dos albergues onde os três pernoveram falava-se em política, e José ouviu que em vez do sanguinário Herodes, reinava na Judéia seu filho Arquelau, que acabava de regressar de Roma. Era homem cruel como fora seu pai. Pelo que o chefe da família achou mais prudente não voltar para Belém, que fica a pouca distância de Jerusalém. Declinaram, pois, para o norte, em direção à Samaria, e daí para a Galiléia, em cujo coração se oculta

a aldeia serrana Nazaré. Aí, certamente, possuía a mãe de Jesus uma casinha, herança de seus pais.

ENTRE OS DOUTORES

Pelos cumes das montanhas de Nazaré, ardiam numerosas fogueiras, prenúncios das solenidades pascais.

O carpinteiro José pôs em ordem a sua modesta oficina, e, em companhia de Maria e de Jesus, se fez de partida, rumo a Jerusalém, a fim de tomar parte nas cerimônias do culto.

Acabava Jesus de completar doze anos, e, filho obediente à lei, foi acompanhar, pela primeira vez, oficialmente, as festas da Páscoa.

A jornada levava uns quatro a cinco dias.

Desceram, pois, os peregrinos as rampas da serra de Nazaré e cruzaram a extensa planície de Esdremon.

Não tardaram a transpor a fronteira da Galiléia, penetrando nas terras dos samaritanos.

Ao declinar do quarto dia, chegaram os peregrinos a Beroth, última pousada.

Na manhã do quinto dia, subiram ao monte Scopus, de onde avistaram a cidade, a magnificência do templo aureolado pelos fulgores do sol matutino.

Fizeram alto os três viandantes.

Nos dias seguintes, tomaram parte nas cerimônias religiosas.

Na véspera da grande solenidade, eliminava-se das casas tudo que fosse fermentado; o pai de família imolava um cordeirinho no átrio dos sacerdotes; o sacerdote apanhava o sangue numa concha de ouro e o derramava sobre o altar, enquanto os cantores entoavam o grande “Hallel” ou aleluia, isto é, o salmo **113**: “No êxodo de Israel do Egito”, e ao mesmo tempo as trombetas vibravam em festivos clangores. Em seguida, o cordeiro esfolado era levado para casa e estendido num espeto em forma de cruz.

No dia imediato, compareciam todos os homens ao templo à hora do sacrifício solene, que consistia no oferecimento de diversos holocaustos e da vítima expiatória. Pela tarde, com a assistência do povo, cortava o sacerdote as primeiras espigas de cevada, oferecendo-as a Deus como primícias da colheita.

Depois da oblação das primícias era permitido aos peregrinos regressarem aos seus lares.

* * *

Terminadas as funções litúrgicas, fizeram-se José e Maria de partida, rumo a Nazaré, ele com os homens, ela com as mulheres. Assim o pedia o costume. Jesus viria com os meninos.

Ao anoitecer, iam encontrar-se, num ponto marcado.

A primeira pousada foi em Beroth, um dia de viagem da capital. Mas quem não aparecia era Jesus! Já entrara o sol, e as sombras da noite vinham desdobrando-se sobre a terra — de Jesus nem vestígio!

Cresciam as inquietações de José e Maria. Correram todo o arraial dos peregrinos, perguntando, de barraca em barraca, descrevendo a figura de Jesus, o seu tamanho, o seu talhe, a tez do seu rosto, etc.; mas ninguém tinha notícias dele.

Mal clareara o dia, e os pais já se achavam a caminho de Jerusalém. Onde estaria Jesus? Teria caído em mãos inimigas? Teria Arquelau, sucessor de Herodes, descoberto o segredo da fuga para o Egito? Teria reconhecido no menino o fugitivo de Belém?...

Chegados à capital, deitaram a correr de casa em casa, perguntando a amigos e conhecidos.

Tudo de balde!

* * *

Entrementes, frequentava Jesus as reuniões dos doutores da lei, que se realizavam, geralmente, numa dependência do templo, situada na parte extrema do átrio exterior. Aí costumavam congregar-se os doutores das Escrituras para discutir o texto sacro e propor as suas dúvidas.

Nesse recinto, penetrou o menino de Nazaré, e, sem mais cerimônias, se sentou no meio dos doutores, como quem se acha em casa própria.

A princípio, se trocaram olhares de estranheza e desaprovação; não era praxe que meninos de doze anos comparecessem a esse senado religioso. Mas, depois de algumas perguntas dirigidas a Jesus, e por ele respondidas, mudou-se a situação: os venerandos doutores da lei quedaram-se, maravilhados da sabedoria do desconhecido. E quão encantadora que era a sua modéstia! Apesar do seu profundo saber, não se dava ares de sabido, conservando toda aquela candura e simplicidade que formam o encanto da alma; perguntava aos mestres, pedindo-lhes o parecer sobre este ou aquele salmo, sobre esta ou aquela profecia. Às vezes, dava-se por satisfeito com a resposta; não raro, porém, meneava a cabeça, com gesto de desaprovação. Tocava o auge a estupefação dos mestres de Israel quando o menino dava

solução clara e concisa a problemas que, havia séculos, formavam ponto de controvérsia entre as escolas religiosas do país.

Ao cair da tarde, retirava-se Jesus do templo e procurava abrigo e um pedaço de pão em casa de pessoa conhecida, quando não saía da cidade e pernoitava em alguma caverna próxima, matando a fome com o que o acaso lhe deparasse. De manhã, voltava ao templo, onde era esperado com ansiedade pelos doutores de Israel.

Assim passaram-se dois dias.

Na manhã do terceiro dia, ouviram José e Maria falar desse “menino-prodígio”, e logo concluíram: É nosso Jesus.

E eis que o encontraram na escola do templo no meio dos doutores da lei!

Jesus vê seus pais, mas não se perturba nem se lança aos braços de sua aflita mãe. Levanta-se tranquilamente e, muito calmo e sério, os espera.

“Filho! — exclama a mãe com dolorosa ternura — por que nos fizeste isto? Eis que teu pai e eu te vínhamos procurando cheios de aflição!”

Jesus percebe esta censura; mas dos lábios não lhe passa uma palavrinha de desculpa nem um pedido de perdão; nenhuma nuvem de tristeza lhe tolda a frente, nem uma lágrima de comoção lhe cai dos olhos, nem um sorriso de alegre satisfação lhe contrai os lábios...

E dos lábios lhe brotam:

“Por que me procuráveis? Não sabíeis que tenho de ocupar-me das coisas de meu Pai?...”

Teu pai, diz Maria, referindo-se a José; mas Jesus responde com “meu Pai”, referindo-se a Deus.

Aliás através de todos os Evangelhos, Jesus nunca usou as palavras pai ou mãe referentes a seres humanos; para ele, pai é só Deus; Maria é “mulher”, ou “senhora”, mas nunca a chama mãe. Jesus se considera um ser estranho e alheio na terra e na humanidade, um peregrino do Infinito, mais solitário do que solidário.

ONDE ESTEVE JESUS DOS 12 AOS 30 ANOS?

Desse longo período da vida de Jesus — mais da metade da sua vida terrestre — nada referem os evangelistas. Lucas resume esses **18** anos nas poucas palavras:

“Subiu com seus pais a Nazaré e lhes estava sujeito; e foi crescendo em idade e estatura, em sabedoria e graça perante Deus e os homens.”

Tem se escrito vasta literatura sobre esse período misterioso de Jesus.

Acham alguns que a hierarquia eclesiástica, depois de Constantino Magno, tenha suprimido a parte do Evangelho que se refere a esse tempo, a fim de abrir caminho para a consolidação do seu domínio.

A opinião mais comum, porém, é que o jovem tenha demandado terras longínquas, o Egito ou a Índia, a fim de ser iniciado pelos grandes mestres espirituais que ali viviam ou haviam deixado escolas esotéricas. Outros se contentam com admitir uma estada entre os essênios, fraternidade ascético-mística de judeus, não longe do Mar Morto.

O estranho é, entretanto, que os conterrâneos de Jesus nada saibam dessa suposta ausência dele. Quando, aos **30** anos aparece em público, perguntam eles, cheios de surpresa:

“Donde lhe vem essa sabedoria? Pois não é ele o filho do carpinteiro José? Não está entre nós a sua mãe, e não conhecemos nós seus irmãos e suas irmãs?”

Se Jesus tivesse estado ausente tantos anos, não seria óbvio que seus conterrâneos mencionassem o fato? E que procurassem relacionar a sua sabedoria com essa longa ausência e possível permanência em outras partes do globo? Nada disto, porém, acontece. Tacitamente, os nazarenos supõem que Jesus não tenha estado ausente.

De resto, que necessidade tinha ele de se sentar aos pés dos outros mestres humanos, ele que já aos **12** anos possuía uma sabedoria espiritual maior que os teólogos da sinagoga e do templo, encanecidos nos estudos das revelações de Deus?

Quatro historiadores contemporâneos, entre eles alguns conterrâneos de Jesus, nada sabem de uma ausência ou de viagens dele; nem mesmo Paulo de Tarso, homem viajado, menciona tal fato. O próprio médico grego Lucas, afirma no seu Evangelho que vai narrar a vida de Jesus em ordem cronológica e por informações diretas de testemunhas presenciais, nem ele sabe de uma ausência de Jesus adolescente.

Ausência física não deve ter havido — mas certamente uma ausência metafísica. Se aos **12** anos, Jesus eclipsava a sabedoria dos sábios de Israel é provável que nos **18** anos da sua vida anônima tenha feito viagens

espirituais ao Infinito, viagens cósmicas ao “Reino dos Céus”, palavra central de todos os seus ensinamentos, durante a vida pública.

Durante a sua vida, como refere o Evangelho repetidas vezes, Jesus se retirava para o cume dos montes ou para a solidão do ermo, a fim de estar a sós com o Pai dos céus, por vezes noites inteiras. Não terá o jovem feito o mesmo, em Nazaré? Não terá ele, após os labores diários na pequena carpintaria, demandado à solidão das montanhas que circundam Nazaré, abismando-se, no mundo do “Pai dos céus” ou do “reino de Deus”?

Ninguém pode, com tamanho amor e brilho, falar dessa realidade invisível sem que a tenha experimentado, longa e intensamente, em sua própria alma.

É possível que Jesus tenha, por algum tempo, frequentado as reuniões dos essênios, cujos ensinamentos, porém, não atingem as alturas que se revelam nas páginas dos Evangelhos.

Não havia, para o jovem carpinteiro, mestre humano no mundo — havia, porém, o Mestre dos mestres, para além de todos os mundos conhecidos. E é provável que Jesus tenha recebido a sua sabedoria diretamente da sua experiência pessoal com Deus.

MESTRE E MÉDICO PARTE SEGUNDA

O MERGULHO DE JESUS

Aos **30** anos, mais ou menos, Jesus I emerge do seu longo anonimato e resolve iniciar a sua vida social, na Judéia e Galiléia.

Depois de dois ou três dias rumo sul atinge as ribanceiras do Jordão. Depois de sair do seio do lago de Genesaré, lança-se essa torrente para o sul, descrevendo um sem-número de sinuosidades, ora alargando o leito para a direita ou para a esquerda, ora recolhendo as águas entre estreitos paredões de rocha, até sumir-se nas profundezas do Mar Morto.

Cerca de três léguas para o sul do lago de Genesaré, transpôs Jesus o rio sobre uma ponte de pedra, e, acompanhando o curso das águas, prosseguiu na margem oriental, em demanda das regiões de Jerico.

Nesse caminho, associou-se a outros peregrinos que como ele, iam ter com o profeta do deserto, do qual todo o mundo falava.

Ao declinar da tarde, atingiu o vale de Jerico, que representava naquele tempo uma das zonas mais belas da Palestina, célebre por seu bálsamo, afamada pelos rosais e palmares, que davam a essas regiões uns ares de paraíso.

Na margem oposta, alvejam as casas de Gilgal e de Jericó, cidades opulentas, embaladas em bosques de luxuriante vegetação.

Jesus fez alto no ponto em que o rio descreve uma grande volta para o leste.

Era este o lugar em que o profeta do deserto mergulhava as multidões.

De súbito, deparou-se a Jesus um espetáculo impressionante: na praia do rio, sobre uma plataforma de rocha, estava um homem na flor da idade, magro, pés descalços, vestido de hirsuta pele de camelo, que envolvia as formas esqueléticas, dos ombros até aos joelhos, e vinha presa ao corpo por uma cinta de couro.

Era este lugar em que o essênio João mergulhava os pecadores nas águas do Jordão, exortando-os à *metanóia* (transmentalização) ou conversão de uma vida de erros e pecado para uma vida de verdade e santidade.

Fazendo João parte da fraternidade dos essênios, que praticava regularmente a cerimônia simbólica do mergulho (*baptisma*, em grego), e tendo também Jesus convivido com os essênios, era natural que os dois continuassem a praticar, mais tarde, o rito do mergulho.

Esse mergulho físico, ou batismo, não dava pureza espiritual, mas era um símbolo material exterior que lembrava um simbolizado espiritual interior, que João admitia como já realizado, ou então convidava os batizantes a realizá-lo. O mergulho era pois um símbolo exotérico de um simbolizado esotérico, confirmando o que já ocorrera com o iniciando.

Desde os tempos dos grandes profetas do Antigo Testamento, não se vira fenômeno igual em Israel.

Havia séculos que tinham emudecido os lábios do último dos mensageiros de *Yahveh*, Malaquias.

A voz de João era forte, vibrante, dura mesmo; as suas palavras, breves e incisivas; os seus gestos, parcos e rápidos; toda a sua atitude incutia terror e confiança ao mesmo tempo.

Duas grandes verdades proclamava o profeta às margens do Jordão: O machado está à raiz da árvore! Ai do homem que não abandonar os seus caminhos pecaminosos e produzir frutos de sincera conversão! Será cortado e lançado ao fogo! Preparai os caminhos do Senhor! Chegou o Messias, o

Cristo prometido há séculos! Não sou eu mesmo, mas virá após mim, ele, que já antes de mim existia e ao qual nem sequer sou digno de desatar as correias do calçado; eu vos mergulho na água; o Messias, porém, vos há de mergulhar no espírito santo!

Ao proferir estas últimas palavras, abalou-se profundamente o pregador; tremia-se a voz e as negras pupilas percorriam lentamente a multidão dos ouvintes, como que à procura de alguém.

Entrementes, passava a certa distância o peregrino de Nazaré, silencioso, como se fosse um dos numerosos pecadores que vinham solicitar o mergulho de conversão.

De repente, erguendo a mão, o profeta apontou para a pessoa que acabava de assomar à praia, bradando:

— Eis aí, o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!

No mesmo instante, todos os olhares se cravaram na pessoa de Jesus, enquanto o mergulhador continuava a declarar ao povo quem era o recém-chegado.

Indescritível foi o assombro que de todos se apoderou. A presença de Jesus e as palavras de João empolgaram a multidão e abalaram as consciências.

Soldados e coletores aproximaram-se da plataforma de pedra em que se achava o pregador, perguntando, contritos, o que deviam fazer para salvar-se. João dirigia uma palavra clara e concisa a cada um. Austero para consigo mesmo, era benigno para com os outros. O que lhes impunha era pouco, apenas o essencial; mas isto com grande veemência. Aos ricos e abastados exigia-lhes que repartissem com os pobres os meios de subsistência. Aos coletores proibia-os de exigirem mais do que a taxa prescrita. Aos soldados dava-lhes ordem severa de evitarem violências e de se contentarem com o seu soldo. A todos mandava que se convertessem sinceramente e, em sinal disto, se fizessem mergulhar; pois assim lhe ordenara Deus preparasse o advento do reino messiânico.

Também se aproximaram dele alguns fariseus e uns saduceus; faltava-lhes a devida disposição interior; pelo que o austero pregador os increpou com veemência, desmacarando-os perante todo o povo com estas palavras: “Raças de serpentes! Quem vos disse que escaparíeis ao castigo de Deus, que vos ameaça? Produzi frutos de sincera conversão e não digais: Temos Abraão por pai. Pois digo-vos eu que destas pedras pode Deus suscitar

filhos a Abraão! Já está o machado à raiz da árvore; toda a árvore que não produzir fruto bom será cortada e lançada ao fogo.”

A maior parte dos ouvintes obtemperava à voz do profeta. Numerosas pessoas, depondo parte do vestuário, desciam ao Jordão, onde o mergulhador os submergia na torrente, recomendando-lhes emenda séria da vida.

Entre estes últimos achava-se Jesus.

João hesitou em mergulhar Jesus, balbuciando, perplexo e confuso:

— Como? Tu vens para ser mergulhado por mim?... Eu é que devia ser mergulhado por ti...

Volveu-lhe Jesus um olhar significativo, dizendo:

— Permite, por ora, que assim aconteça; convém cumprirmos tudo o que é justo.

João compreendeu o sentido destas palavras, e cedeu à vontade de Jesus, o qual logo desceu às águas da torrente e recebeu o mergulho de conversão.

Apenas acabava Jesus de subir do leito do rio e se pusera em oração, quando se fez ouvir nas alturas um como ribombar de trovão! Ao mesmo tempo, baixava do céu uma nuvem luminosa, despedindo para a terra jorros de luz, que envolviam nos seus fulgores as pessoas de Jesus e de João, aclarando a redondeza. Uma dessas esteiras de luz celeste desceu sobre a cabeça de Jesus, parecendo formar uma ponte entre o céu e a terra. E, no meio dessa torrente, pairava o espírito santo em forma de pomba ..Do interior da nuvem, partia uma voz, que ecoava pelas fraldas das montanhas além, dizendo:

— Este é o meu Filho muito querido, no qual tenho posto a minha complacência!

Fugiu, espavorida, a multidão; outros, se lançavam por terra, como que fulminados pelo raio.

Também o mergulhador caiu de joelhos. Só Jesus se conservou de pé, imóvel.

Antes que o povo se refizesse do susto, retirou-se Jesus das margens do Jordão.

JESUS TENTADO PELO DIABO

Depois de mergulhado, passou Jesus para a margem esquerda do Jordão, e, cruzando a florida planície de Jerico, tomou para o Norte, em

demanda do deserto de Judá.

Quando mais prosseguia, mais inóspita se ia tornando a região.

Chegado ao coração do ermo, subiu a um monte rochoso e íngrime, que leva hoje o nome de Quarentena, ou “monte do diabo”.

Vem essas alturas rasgadas de cavernas, abertas pela natureza, ou por mão humana, e que serviam antigamente de asilo aos eremitas. Consta a aquele monte de rochas calcáreas, que apresentam aspecto triste e desolador: nenhuma árvore, nem um arbusto sequer ameniza aquela fatigante monotonia. Por todas as partes se escancaram negras quebradas e precipícios.

É tradição antiquíssima que o profeta Elias viveu nessa lúgubre solidão, quando fugitivo das cóleras de Jezabel.

Quem sabe se esses antros não ofereceram também guarida, por algum tempo, a João, o mergulhador?...

Foi nesse mesmo deserto, por entre esses mesmos penhascos, que Jesus resolveu passar os quarenta dias que seguiram ao seu mergulho no Jordão. A caverna em que se diz ter habitado se acha na escabrosa ladeira oriental do monte.

Por que esse longo retiro?

Segundo cálculos humanos, não podia haver para o Nazareno momento mais propício do que este para inaugurar a sua missão entre o povo, que ouvira as palavras de João e presenciara os fenômenos às margens do Jordão; de um golpe teria ele conquistado todas as simpatias.

Entretanto, em vez de principiar a sua atividade, entrega-se Jesus a uma vida de meditação; e diz o Evangelho que a isto foi impelido pelo espírito, isto é, por inspiração divina.

Que fez Jesus durante esse período de silêncio?

A sua ocupação principal consistia na meditação. Vivia em colóquio constante com o Pai celeste.

Acompanhava essa vida contemplativa um jejum ininterrupto; Jesus não comeu nem bebeu coisa alguma naqueles quarenta dias.

* * *

Esta cena descrita pelos evangelistas é considerada tradicionalmente como um encontro físico, externo, de Jesus com satanás.

Entretanto, é possível que toda a tentação seja um episódio interno na pessoa de Jesus.

Jesus chama satanás a Pedro, quando este se opõe à idéia da morte voluntária do Mestre. E chama diabo a Judas, quando este não tinha fé nas palavras dele.

Durante **40** dias de silêncio e jejum estava o ego humano de Jesus eclipsado e fora de ação. Depois de terminando esse longo período houve uma reação sub- tânea do Jesus humano contra o Cristo divino; a natureza humana sugere a Jesus um plano de redenção compatível com o seu ego humano: conforto material, ambição social e domínio mundial, correspondendo às três fases da tentação, todas elas rebatidas vitoriosamente pelo Cristo divino.

Diz o texto que Jesus foi conduzido ao deserto pelo espírito de Deus com o fim de ser tentado ou testado, pelo “adversário” (em hebraico: *satan*; em grego: *diábolos*).

Antes de iniciar a sua vida pública, Jesus se submete a esse teste dos dois pólos da sua natureza humano-divina, teste do qual o seu Cristo saiu plenamente vitorioso.

Se admitirmos uma tentação no ambiente físico, externo, temos de aceitar que o diabo o tenha levado pelos ares, do deserto do mar morto a Jerusalém, cerca de **40** quilômetros; e se assim fosse não teria alguém visto Jesus lá no pináculo do Templo? Teríamos de aceitar também que Jesus tivesse sido transportado pelo diabo a um monte elevado, que não existe na Judéia, mas tão-somente para o norte da Galiléia, fora da Palestina, centenas de quilômetros fora do deserto da tentação; e logo depois o diabo teria levado Jesus de volta ao deserto da Judéia. É mais provável que todo o episódio da tentação tenha ocorrido na alma de Jesus.

“MESTRE, ONDE MORAS?”

Era pelas **4** horas da tarde.

Às margens do Jordão estava João Batista, cercado de seus discípulos e numerosa multidão de povo. Falavam, em termos concisos e vibrantes, do próximo advento do reino de Deus.

De súbito, cala-se e crava o olhar num dos transeuntes.

Silêncio profundo! Expectativa geral!...

A alguma distância do rio passa um homem na sua plenitude física, mental e espiritual.

Depois de observar, por algum tempo, o misterioso peregrino, ergue João a mão direita, e, apontando para ele, exclama:

— Eis aí o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!

E, após um momento acrescentou:

— Este é o homem do qual eu dizia: após mim virá alguém que existia antes de mim; eu não o conhecia, mas vim para que ele fosse manifestado em Israel; e é por isto que eu realizo o mergulho na água; aquele que me enviou para fazer o mergulho na água me disse: sobre quem vires descer e permanecer o espírito sagrado, esse é o que mergulha no espírito sagrado; ora, eu vi o espírito sagrado descer do céu em forma de pomba e permanecer sobre Jesus; e dei o testemunha dizendo: Este é o Filho de Deus.

Entre os que mais se comoveram com as palavras do Precursor havia dois discípulos dele, André e João. Resolveram aderir àquele homem a quem o mestre intitulava: Cordeiro de Deus.

Quando, pois, no dia imediato, Jesus tornava a passar pela praia e João o indigitou novamente, animaram-se os dois a travar relação com ele.

Foram, pois, André e João no encalço do Nazareno, que seguia ao longo da torrente.

Mas sentiam-se tomados de um acanhamento, que não lhes permitia se apresentassem ao grande profeta; André esperava que João dissesse a primeira palavra, e este esperava o mesmo de seu companheiro.

Jesus, porém, que bem lhes conhecia as intenções, voltou-se para os dois, e cumprimentou-os.

Mas nem com isto se lhes quebrou o enleio. Pelo que lhes perguntou:

— Que procurais?

Ao que um deles, ladeando a questão, respondeu:

— Mestre, onde moras?

— Vinde e vede — tornou-lhe o Senhor, convidando-os a uma visita à casa onde se achava hospedado.

Foram.

Pelo caminho, entreteve-se Jesus com os dois.

— Somos galileus — replicou André, cobrando ânimo. — Meu amigo João é filho de Zebedeu, que tem pescaria no lago de Genesaré. Quanto a mim, chamo-me André; sou filho de Jonas e irmão de Simão.

Falava André, de gênio expansivo, ao passo que João, de natural taciturno e sonhador, se limitava a acrescentar uma ou outra palavra, ou confirmar simplesmente a narração do companheiro.

Em seguida, passou Jesus a discorrer sobre a pessoa de João, afirmando que era o maior dos profetas, incumbido de vaticinar o Messias.

Entrementes, haviam os três viandantes chegado à casa onde Jesus se hospedava.

Foi este o primeiro encontro e o primeiro colóquio que com Jesus tiveram André e João. Tão profunda foi a impressão, que para logo se tornaram discípulos do reino do Cristo.

“ENCONTRAMOS O MESSIAS”

A felicidade é expansiva; o entusiasmo do interior tende a exteriorizar-se, a comunicar-se aos outros, assim como a luz e o calor se difundem irresistivelmente pelo ambiente.

Contente de ter encontrado o Messias, apressou-se André a levar a alviçareira notícia a seu irmão Simão, o qual, provavelmente, se achava em companhia do mergulhador.

—r Encontramos o Messias!

Simão percebeu estas palavras e ouviu a narração de André. Para um israelita de lei não podia haver notícia mais grata do que esta. Homem já de certa idade, casado, natural da cidade marítima de Betsaida, mantinha Pedro uma empresa de pescaria juntamente com Zebedeu e os filhos dele, Tiago e João.

A história e a tradição no-lo dão como homem de brio e iniciativa, estatura meã, compleição robusta, olhar vivo e gênio resoluto.

Assim que Jesus avistou a Simão, cravou nele um olhar, dizendo:

— Tu és Simão, filho Jonas; daqui por diante, o teu nome será Kepha.

Na língua hebraica, ou melhor, no dialeto aramaico que Jesus falava, a palavra “Kepha”, significa ao mesmo tempo “pedra”, de que se pode derivar Pedro.

Entretanto, não era ainda definitiva a vocação desses primeiros discípulos. Permitiu-lhes Jesus que voltassem a ocupar-se dos seus afazeres mundanos; só mais tarde, depois de comprovada a sua constância e fidelidade, é que iriam ser admitidos inseparavelmente ao apostolado do Evangelho.

No dia seguinte, partiu Jesus com destino à Galiléia.

Pelo caminho, deparou-se-lhe um tal Filipe, conterrâneo de André e Simão. De natural tímido e reservado, porém, muito dócil e de caráter

maleável, bastou-lhe um simples “segue-me” — e Filipe se sentiu impelido a se tornar discípulo de Jesus.

Pouco depois, toparam com Natanael, o qual, provavelmente, é idêntico ao apóstolo Bartolomeu. Era de Caná, da Galiléia, homem de bastante cultura, reto, franco e sincero investigador da verdade. Nem lhe faltava certa veia humorística.

Filipe tivera ocasião de lhe falar da pessoa do Messias, que acabava de aparecer, vindo de Nazaré.

Natanael conhecia de perto esse modesto lugarejo da serra, pois fica a pouca distância de Caná; e sabia que, por via de regra, os nazarenos não primavam pela cultura e civilização, porém tanto mais por seu espírito de bairrismo. Era Nazaré uma aldeia tão sem importância histórica, que nem uma única vez encontramos o nome no Antigo Testamento.

Pelo que o interpelado observou, com um sorriso de ironia:

— De Nazaré pode lá sair coisa que preste?

— Vem ver! — tornou Filipe, com ares de triunfo.

E Natanael seguiu o amigo, entre crente e céptico.

Quando Jesus avistou o recém-chegado, observou em voz alta, apontando para ele.

— Eis aí um israelita de verdade, no qual não há falso!

Admirado, perguntou-lhe Natanael:

— De onde me conheces, Senhor?

— Antes que Filipe te chamasse — volveu Jesus — te via eu, quando estavas debaixo da figueira.

Acompanhou Jesus estas últimas palavras de um olhar tão significativo, que o céptico, de relance, lhes compreendeu o sentido. Convenceu-se de que o Nazareno lhe conhecia os segredos de consciência e presenciara um episódio da sua vida particular, de que só Deus fora testemunha.

Esta revelação subitânea abalou a alma de Natanael; sincero como era, reconheceu em Jesus o juiz das consciências, e exclamou:

— Tu és o Messias! Tu és o Rei de Israel!

E, sem mais, se declarou pronto a aderir ao profeta de Nazaré.

E todos juntos prosseguiram viagem rumo à Galiléia.

AS BODAS DE CANÁ

Três dias depois destas ocorrências, retirou-se Jesus das margens do Jordão, onde chamara os seus primeiros discípulos, atravessou a extensa planície de Esdrelon e chegou à cidade de Cafarnaum.

Daí não tardou a dirigir-se para sudoeste e ficou em Caná. Era Caná uma modesta povoação situada à beira da estrada que de Cafarnaum conduz a Nazaré.

Disseminavam-se, aqui e acolá, pelas dependências dos serros, grupos de casas, emolduradas no verde-claro painel de pomares e jardins. Para as bandas do oeste, corre uma fonte de três bicas, que é a única em toda a redondeza. É, pois provável, que tenha sido ela que forneceu a água para o primeiro milagre de Jesus.

No dia da sua chegada encontrou Jesus a cidade-zinha em festivas galas. É que se celebrava o casamento de um jovem par muito estimado.

Os nubentes, ao que parece, eram parentes de Maria, mãe de Jesus.

Levou o Mestre consigo às bodas os seus novéis discípulos: André, Simão Pedro, João, Filipe e Natanael.

As coisas começam bem — terá pensado, de si para si, um ou outro dos discípulos. — Logo ao terceiro dia do apostolado, uma festa nupcial! Isto aqui é outra coisa do que comer gafanhotos e mel silvestre como mestre João. A continuar nesse andar, será bem aprazível ser amigo do Nazareno. .

Uma festa nupcial durava ao menos três dias.

Numa dessas manhãs, chegou Jesus com seus discípulos, não somente para atender ao amável convite dos nubentes, como ainda por motivo de ordem superior.

Deu-se o caso desagradável de se esgotar a provisão de vinho no meio do banquete, fosse por descuido na encomenda, fosse pela circunstância de ter comparecido maior número de convivas do que se calculava.

A mãe de Jesus, que servia à mesa dos homens, reparou logo no desapontamento dos criados e copeiros, que corriam à adega, e voltavam com os jarros vazios; segredavam umas palavras rápidas ao ouvido do mestre-sala, que, por seu turno, encolhia os ombros.

No momento propício, ao servir um prato, inclinou-se Maria ao ouvido de Jesus e disse-lhe à meia-voz:

— Não tem vinho...

Respondeu-lhe Jesus, tranquilamente:

— Senhora, que tem isto comigo e contigo?

E acrescentou umas palavras que a nós parecem um tanto enigmáticas, dizendo:

— Ainda não chegou a minha hora.

Para a mãe de Jesus, porém, não foram nada enigmáticas essas palavras, nem viu nisto recusa alguma; entendeu que equivaliam a um atendimento ao seu pedido, por sinal que foi logo ter com os serventes e lhes recomendou obediência, dizendo:

— Fazei tudo o que ele vos disser.

Passados momentos, levantou-se Jesus da mesa e foi ter com os criados.

— Enchei de água essas talhas — ordenou-lhes Jesus.

Entreolharam-se os criados, sem saber o que pensar de semelhante ordem; lembrados, porém, da recomendação da amável senhora, obedeceram e dirigiram-se à fonte.

Água é água — terão murmurado com seus botões alguns deles, enquanto enchiam a talha. — Mas o que a gente quer é vinho.

Trabalharam e encheram seis grandes talhas de pedra, cada uma das quais comportava cerca de **100** litros.

Seiscentos litros d'água! Para que tanta? Não bastariam alguns litros?...

Aproximou-se Jesus, estendeu as mãos sobre a água, ergueu os olhos ao céu, murmurou umas palavras e ordenou aos servos:

— Tirai agora e levai ao mestre-sala.

Que pasmo o dos criados! Já não era água, era vinho genuíno.

O mestre-sala provou do vinho, e, ignorando-lhe a procedência, foi ter com o esposo, preconizando a qualidade superior do precioso licor, e estranhando ao mesmo tempo que tivesse guardado até ao fim da festa aquela bebida.

O esposo provou do líquido, e, indagou da sua origem. Ninguém sabia dar explicação. Os criados asseveravam que só tinham deitado água nas talhas.

Serviu-se em todas as mesas do vinho, e todos beberam dele.

PRIMEIRA PURIFICAÇÃO NO TEMPLO

Aproximava-se a festa da páscoa Judaica.

Estas solenidades nada tinham que ver com a nossa páscoa cristã que ainda não se dera. Páscoa judaica (ou *pessach*) era a comemoração anual da independência nacional de Israel, da sua saída da longa escravidão do Egito.

No dia marcado, se dirigiu Jesus ao templo para assistir à imolação do cordeiro pascal.

Na espaçosa galeria do templo se reuniu em torno dele grande número de povo. Muitos haviam ouvido a sua doutrina, na Galiléia.

E o Mestre pôs-se a falar às multidões.

Não tardou que se formassem dois partidos, pró e contra Jesus. Principalmente os sacerdotes, fariseus e doutores da lei se encheram de inveja, porque o *rabi* de Nazaré ensinava em público, sem haver cursado as escolas deles, nem ter para isto requerido autorização ao Sinédrio.

O povo, porém, o escutava com prazer e o aplaudia entusiasticamente, porque a sua palavra era poderosa.

Certa manhã, chegou ao templo em companhia de seus discípulos, e encontrou o átrio invadido de vendilhões e cambistas.

Avançou contra os profanadores e intimou-os a abandonarem o vestíbulo do santuário juntamente com as suas mercadorias. Não foi atendido. Os interessados opuseram-se-lhe tenazmente, perguntando com que direito se arvorava em polícia do templo, ele, o forasteiro, o galileu.

Em face dessa resistência, lançou Jesus mão de uma corda, que encontrou no pavimento, dobrou-a em forma de azorrague, e bradou:

— Fora com estas coisas; não façais da casa de meu Pai uma praça de mercado!

Enquanto Jesus expulsava os vendilhões, os sacerdotes e chefes do templo reuniram-se em conciliábulo e deram largas aos seus sentimentos de ódio contra o Nazareno. Fez-nos passar vergonha diante do povo e dos forasteiros — diziam entre si — arrogou-se direitos que não lhe competem. .. É um homem perigoso... Se lhe dermos liberdade, acabará por arruinar o prestígio e o crédito da nossa classe...

Em seguida, instituíram uma comissão de sacerdotes e fariseus conspícuos, que, em nome do Sinédrio, fossem ter com Jesus e lhe perguntassem em face do povo quem o autorizara a proceder daquele modo; só um profeta enviado por Deus teria o direito de fazer o que ele fizera; que provasse com um milagre a sua missão divina, se é que se tinha em conta de embaixador de Deus.

Jesus ouviu esse protesto e essa intimação e prometeu aos adversários, a seu tempo, provar-lhes com um milagre a sua missão superior.

— Qual é esse milagre? — inquiriram eles.

— Destruí este templo — replicou-lhes Jesus — e eu o reedificarei em três dias.

Referia-se, diz o Evangelista, ao templo de seu corpo, indigitando sua pessoa. Queria dizer que, depois de arrazado pela morte violenta o santuário da sua humanidade — do qual aquele edifício material era protótipo — ele o reconstruiria dentro de três dias, ressurgindo vivo do sepulcro; e que esta seria a prova das provas, o argumento da sua missão divina.

“RENASCER DE ÁGUA E ESPÍRITO”

Achava-se o Mestre em Jerusalém, hospedado numa casinha modesta, nas alturas de Sião, pertencente, talvez, à família de Lázaro de Betânia, ou algum dos discípulos.

Numa dessas noites, quando tudo era paz e silêncio, e a lua no quarto minguante espargia dúbia claridade pelo espaço, passava pelas ruas de Jerusalém um homem de notável ilustração e prestígio, por nome Nicodemos. Era doutor da lei e membro do Sinédrio, Senado religioso de Israel. Vinha embuçado no seu manto de *rabi*, e deitava olhares desconfiados para a direita e para a esquerda, como se receasse ser visto por alguém.

Nesta mesma noite estava Jesus sentado na varanda da vivenda, conversando com o discípulo João, que viera com ele da Galiléia e se hospedara na mesma casa.

Nisto se perceberam pancadas discretas na porta da entrada. João levantou-se, abriu a porta, e defrontou com o *rabi* Nicodemos.

Introduziu-o na casa e apresentou-o ao Mestre. Sentaram-se os três na varanda, que dava sobre o jardim.

E travou-se então entre Jesus e Nicodemos aquele memorável colóquio noturno sobre o reino de Deus, colóquio de que o quarto evangelista nos deixou breve compêndio, e, por sinal, ele mesmo assistiu, com interesse, àquela dissertação do Mestre, seguindo-a...

— Mestre, preludiu Nicodemos, dando a entender que vinha como discípulo, e não como doutor da lei. — Mestre, sabemos que vieste da parte

de Deus para ensinar; porque ninguém pode fazer os prodígios que tu fazes, a não ser que Deus esteja com ele.

Nicodemos, como se vê, estava impressionado com o que Jesus fazia, os tais milagres, mas ignorava o mais importante, o que ele era.

Então passa o Mestre a mostrar a seu novel discípulo que o principal não é *fazer algo*, mas *ser alguém*.

Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.

Nascer de novo? Nicodemos logo pensa em reen- carnação material e replica:

— Como pode um homem velho nascer de novo?

E, um tanto irônico, acrescenta:

— Será que pode voltar ao ventre de sua mãe e nascer mais uma vez?

Ao que Jesus responde solenemente:

— Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer de novo pelo espírito não pode ver o Reino de Deus; quem nasce da carne é carne, mas o que nasce do espírito é espírito; não te admires de eu te dizer: é necessário nascer de novo.

E Jesus acrescentou:

— Em verdade, em verdade te digo que não pode entrar no Reino de Deus quem não nascer de novo da água e espírito.

De água e espírito?

Aqui Jesus faz ver a Nicodemos que não é necessário renascer pela carne, nem é suficiente renascer só pelo espírito, mas é necessário nascer de novo de água e espírito, renascer também num corpo novo, não um material, mas um corpo imaterial, porque o homem completo não é espírito nem matéria, mas é espírito revertido de corpo, não mais de um corpo material como agora ruas revestido de um corpo-imaterial.

Os livros sacros, tanto do Antigo como do Novo Testamento, se referem, repetidas vezes, a esse corpo imaterial. No primeiro verso do primeiro capítulo do Gênesis, Moisés diz: “No princípio, os *Elohim* criaram o céu e a terra, mas a terra era invisível, como diz o texto grego.” Não era ainda uma terra material como hoje, mas uma terra feita de pura energia (talvez astral), de energia ainda não congelada em matéria, como disse Einstein.

Assim deve também o espírito do homem transformar o seu corpo material de hoje no corpo imaterial (astral?) mais perfeito, para poder nascer de novo “de água e espírito”.

A palavra “água” é usada nos livros sacros para dizer pura energia. Jesus fala à samaritana de “água viva”, do corpo imaterial vivificada pelo espírito.

Depois disto acrescentou Jesus umas comparações significativas, dizendo:

— O sopro sopra onde quer; bem lhe ouves o ruído, mas não sabes donde vem a para onde vai. Assim também acontece a todo o homem que renasce do espírito.

Nicodemos ouve, profundamente pensativo, estas palavras e murmura à meia-voz:

— Como é isto possível?...

E Jesus, com ares de censura, lhe responde:

Tu és o mestre de Israel e ignoras isto?

E lhe faz ver incisivamente que ele não se baseia em crenças vagas e incertas, mas numa experiência imediata e evidente:

— Nós dizemos o que sabemos e damos testemunho do que vimos...

Depois, acrescenta:

— Assim como Moisés, no deserto, ergueu às alturas a serpente, assim deve também ser erguido às alturas o Filho do Homem, para que todo aquele que tem fé nele tenha a vida eterna.

A serpente rastejante, horizontal, mordida e matava os israelitas, mas a serpente verticalizada curava aqueles que para ela olhassem com fé, sintonizando a sua consciência com a consciência desse símbolo espiritual.

A serpente mortífera é o corpo material do homem ainda não espiritualizado; a serpente vivificante é o corpo imaterial do homem espiritualizado; o corpo material é mortal, o corpo imaterial é imortal.

Com estas palavras misteriosas simbolizou o Mestre a *transformação* do homem total (que os profetas chamam *ressurreição* do corpo), que queria entrar na vida eterna do reino dos céus. É o homem total, que se deve transformar, e não apenas a sua alma; a alma espiritual deve também espiritualizar e imortalizar o corpo.

Uns três anos depois, Nicodemos reaparece como decidido discípulo de Jesus embalsamando, juntamente com José de Arimatéia, o corpo de

Jesus crucificado.

O PRECURSOR NO CÁRCERE

Reinava, nesse tempo, na Galiléia e Peréia, o tetrarca Herodes II, apelidado Antipas.

Não herdara o gênio cruel e sanguinário de seu pai; mas era homem ambicioso e sensual.

De caminho a Roma, onde fora no intuito de solicitar aprovação do seu governo, caíra vítima das seduções de Herodias, mulher de Filipe, seu meio-irmão.

Após o seu regresso da metrópole do império, repudiou sua mulher legítima, filha do rei árabe Aretas, e levou para casa Herodias.

Residia o príncipe, habitualmente, na opulenta cidade de Tiberíades, sobre a margem ocidental do lago de Genesaré.

Cruzava naquele tempo as regiões do Jordão, João Batista, destinado a abrir caminho ao reino do Cristo e remover os obstáculos que embargassem a marcha do Evangelho.

Um dos impecilhos era a vida escandalosa de Herodes.

Resolveu, pois, o intrépido arauto de Deus desobstruir a passagem. Dirigiu-se ao palácio de Herodes e disse-lhe:

— Não te é permitido possuir a mulher de teu irmão.

De modo análogo se apresentara, outrora, o profeta Natan ao rei Davi, homicida e adúltero; e Davi reconhecera o seu crime.

Não assim Herodes. Estimava o profeta às margens do Jordão. Instigado, porém, por Herodias e receando o prestígio de que o Batista gozava entre o povo, madou prendê-lo e lançá-lo no cárcere.

A fim de evitar uma insurreição popular por este ato de violência, fez transportar o importuno vingador da moralidade pública para o castelo de Maqueronte, à margem oriental do Mar Morto.

“ÁGUA VIVA”

Achava-se Jesus na Peréia, quando lhe chegou a notícia da prisão do Precursor.

Retirou-se então para a Galiléia, porque não era chegada ainda a sua hora, e não convinha acirrar com a sua presença os ódios dos seus inimigos.

* * *

Atingia o sol o zénite, quando Jesus descia das montanhas da Judéia, e, transpondo as fronteiras da Samaria, passou pelos vargedos de Siquém.

Era um lugar histórico, esse. Aí levantara Abraão um altar a *Yahveh*; aí se achava o túmulo de José do Egito; aí residira o patriarca Jacó, abrindo o célebre poço que lhe perpetuava o nome.

À beira deste poço sentou-se Jesus, exausto da longa jornada e coberto de pó.

Os discípulos dirigiram-se à cidade próxima de Sicar, a fim de comprar mantimentos.

Jesus deixou-se ficar sozinho à beira do poço de Jacó, sentado sobre o largo bocal. Parecia esperar alguém...

Não tardou a aparecer uma mulher samaritana, com um jarro ao ombro. Viu o homem sentado; pelo traje, devia ser um *rabi* judeu. A recém-chegada não lhe prestou atenção. Aproximou-se do poço para tirar água; depois, voltaria para a cidade e continuaria na sua vida de sempre.

Eis senão quando o desconhecido lhe dirige a palavra, pedindo-lhe um gole d'água.

A samaritana estranha o pedido; é a primeira vez que um judeu lhe pede um favor; pois os “ortodoxos” da Judéia não se davam com os “hereges” da Samaria; nem sequer os cumprimentavam, para não se “contaminarem”. ..

— Como é que tu, um judeu, me pedes de beber, a mim, que sou samaritana? pergunta ela, admirada.

— Conhecerás tu o dom de Deus — replica Jesus, pausada e solenemente — e aquele que te pede: dá-me de beber, pedir-lhe-ias que te desse água?

Aludia Jesus às águas vivas da sua doutrina.

— Senhor, não tens com que tirar, e o poço é fundo. De onde, pois, tirar essa água? Acaso és tu maior que nosso pai Jacó, que nos deu esse poço?

Prosseguiu Jesus a falar nas águas vivas com que vinha dessendetar a humanidade:

— Todo aquele que bebe desta água, tornará a ter sede; mas quem beber da água que eu lhe darei, não terá mais sede eternamente. A água que eu lhe darei se tomará nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna.

A samaritana, cada vez mais interessada, pede:

— Senhor, dá-me dessa água, para que nunca mais tenha sede, nem mais precise vir cá tirar água.

Inesperadamente, mas com determinada intenção, dá Jesus outra direção à conversa, dizendo à mulher:

— Vai chamar teu marido.

— Não tenho marido — responde ela.

Com essa ordem, de chamar seu marido, reata Jesus, secretamente, o colóquio sobre a água viva que apaga a sede para sempre: a samaritana havia bebido das águas de amores profanos com seus cinco maridos e mais um amante, e quanto mais bebia, mais sede tinha.

— É verdade — replicou Jesus — em dizer que não tens marido; cinco maridos tiveste, e o homem que tens agora nem é teu marido.

Sumamente espantada, exclama a mulher:

— Senhor, vejo que tu és um profeta!

E logo desvia a conversa de um ponto tão ingrato para ela, e entra em terrenos de controvérsia religiosa, dizendo:

— Nossos pais adoravam Deus neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar.

Então, lhe dá Jesus um gole da água viva, dizendo enfaticamente:

— Acredita-me, senhora; chegará a hora em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis a Deus; mas chegará a hora, e já chegou, em que o adorareis em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura; Deus é espírito, e em espírito e verdade o devem adorar os que o adoram.

Tão abundante foi este gole de “água viva” que a samaritana bebeu, que ela exclamou:

— Será que virá o Messias que é chamado o Ungido, e ele nos anunciará toda a verdade?...

Respondeu-lhe explicitamente Jesus:

— Sou eu mesmo, que te está falando.

Então a mulher abandonou o seu cântaro e foi correr toda a cidade, clamando:

— Vinde e vede um homem que me disse tudo o que tenho feito. Não será ele o Cristo?

Vieram muitos da cidade e foram ter com Jesus.

Voltaram então os discípulos com mantimentos que tinham trazido da cidade, e insistiram com o Mestre que comesse. Ele, porém, responde:

— Eu tenho um manjar, que vós não conheceis. E acrescentou:

— O meu manjar é cumprir a vontade do Pai, que me enviou.

Muitos samaritanos tiveram fé em Jesus e disseram à mulher:

— Não é por causa das tuas palavras, mas porque nós mesmos o ouvimos e sabemos que este é o salvador do mundo.

O FILHO DO FUNCIONÁRIO

Após uma permanência de dois dias em Sicar da Samaria, partiu Jesus rumo norte, em demanda da Galiléia. Dirigiu-se primeiramente a Caná, onde, no ano precedente, converterá água em vinho.

Eis senão quando se lhe apresenta um funcionário real de Cafarnaum, provavelmente empregado de Herodes. Tinha em casa um filho gravemente enfermo. Desenganado pelos médicos, recorreu ao taumaturgo de Nazaré, que acabava de regressar à Galiléia.

Chegou-se, pois, a Jesus e pediu-lhe que fosse a Cafarnaum salvar-lhe o filho.

O Mestre replicou ao oficial em tom de censura:

— Vós, quando não vedes milagres, não tendes fé.

O homem, porém, não atendeu a essa repreensão. Continuou a insistir no mesmo pedido, como se nada percebera:

— Vem, Senhor, antes que meu filho morra.

Resolveu então Jesus, antes de dar saúde ao corpo do filho, curar a alma enferma do pai; exigiu-lhe uma prova real de fé, ordenando categoricamente:

— Vai, que teu filho vive!

O pai creu incondicionalmente nas palavras de Jesus, embora não lhe compreendesse o como; e regressou para casa, ansioso por ver o filho.

Ao aproximar-se da casa correram-lhe ao encontro os criados com a alviçareira notícia de que seu filho estava de perfeita saúde.

— A que hora começou a melhorar? Inquiriu, estupefato o pai.

— Ontem, por volta de **1** hora da tarde, a febre o deixou — responderam-lhe.

Reconheceu o funcionário que era a mesma hora em que Jesus lhe dissera: “Vai, que teu filho vive.”

JESUS EM NAZARÉ

Num dia de sábado, entrou Jesus na sinagoga de Nazaré. Encheu-se o recinto.

Subiu ao estrado dos mestres de Israel, enquanto um criado lhe entregava um rolo do profeta Isaías.

Desdobrou, a esmo, o rolo sagrado e deu com as palavras seguintes:

“Repousa sobre mim o espírito do Senhor; ungiu-me para anunciar a boa nova aos pobres; enviou-me para curar os corações contritos, para libertar os cativos, restituir aos cegos a luz dos olhos, proclamar aos oprimidos a redenção, apregoar o ano salutar do Senhor e o dia da retribuição.” (Is. 61-**lss.**)

Enrolou o rolo, entregou-o ao criado, sentou-se e começou a discorrer sobre a passagem dizendo:

— Hoje se cumpriu esta profecia que acabais de ouvir.

E fez ver que era em sua própria pessoa que se realizara o vaticínio de Isaías.

• E .amanha Ira a sabedoria dos conceitos, tal a glória e "a unção das suas palavras, que muitos dos ouvintes o aplaudiram, ufanos de contarem entre os seus conterrâneos uma personagem tão inteligente e simpática. Outros, pelo contrário, tomados de inveja se sentiam eclipsados pelos fulgores do seu espírito. E diziam: “Não é esse o filho do carpinteiro José? Não conhecemos nós a Maria, sua mãe? A Tiago, José, Judas e Simão, seus irmãos?”

Não ignorava Jesus a animosidade que contra ele nutriam muitos dos seus conterrâneos.

Pelo que, passou a instituir um exame de consciência dizendo:

— De certo, me direis: Médico, cura-te a ti mesmo; faze também aqui os milagres que, como ouvimos fizeste em Cafamaum.

Quer dizer: Se és, de fato, o profeta de que fala Isaías, prova-o com os milagres a que ele alude; faze aqui o que fizeste alhures.

Passou então Jesus a ilustrar o estado religioso dos seus conterrâneos, comparando-o com o dos israelitas nos tempos de Elias e de Eliseu, períodos de decadência espiritual, quando os gentios prestavam mais ouvidos à palavra de Deus do que o povo escolhido:

— Muitas viúvas havia em Israel, no tempo do profeta Elias — disse ele — quando o céu estava cerrado por três anos e seis meses, e reinava grande fome em todo o país; mas a nenhuma delas foi enviado Elias, senão à viúva de Sarepta, forasteira, no país de Sidon.

Os ouvintes estavam a par dos fatos; sabiam que Elias, no tempo do ímpio rei Acab e da rainha Jezabel, tivera de fugir para o deserto, onde era

sustentado por um corvo. Depois, o enviara Deus à casa de uma viúva pagã, em Sare, para que ela alimentasse o profeta. Lera, assim, preferência a uma mulher gentia às filhas de Israel, em vista da corrupção do povo eleito.

Os nazarenos compreenderam a lição. Em toda a parte ,até entre os pagãos ou semipagãos da Samaria, e nas regiões gentias de Tiro e Sidon, encontrara Jesus fé suficiente para semear os seus milagres —; menos em Nazaré.

Ouviram-se murmúrios, aqui e acolá, e protestos a meia-voz.

Jesus, porém, prosseguiu, tranquilo e calmo:

— Da mesma forma, eram muitos os leprosos em Israel, no tempo do profeta Eliseu; mas nenhum deles saiu curado, senão somente Naaman, o sírio.

Estas palavras caíram como brasas nos corações dos nazarenos! Queriam um Messias-taumaturgo, mas não um Messias-juiz que insistisse numa emenda da vida.

Por isso, despeitados, levantaram grande celeuma na sinagoga, apoderaram-se de Jesus, arrastaram-no fora e, colocando-o à beira de um despenhadeiro próximo, tentaram precipitá-lo.

Jesus deixou-se levar sem resistência. De repente, voltou-se para os seus inimigos, fitou neles um olhar — e todos recuaram, como que fulminados pelo raio. Enquanto se quedavam estupefatos, ante o misterioso fulgor daqueles olhos, passou Jesus, silencioso e sério, pela turba e regressou para Nazaré. Talvez se tenha torna invisível.

Aí tinham os nazarenos o seu “milagre”...

EXPULSÃO DE UM DEMÔNIO

Achava-se Jesus na sinagoga de Cafarnaum, falando ao povo.

No meio do sermão e do silêncio geral — eis que, de súbito, rompe um grito estridente do seio da multidão!

— Fora! Que temos nós contigo, Jesus de Nazaré?. .. Vieste para nos perder?... Sei quem és: o Santo de Deus!

É a primeira vez, durante a sua vida pública, que Jesus se vê face a face desse mundo estranho em manifestação sensível.

Consternação geral na sinagoga! É sempre terrífica a ingerência subitânea do mundo desconhecido, no âmbito da esfera material da vida humana.

Ordenou Jesus ao demônio:

— Cala-te!

E, instantaneamente, o espírito emudeceu como um cão reduzido ao silêncio pelo dono.

Em seguida, ordenou ao espírito:

— Sai deste homem!

A esta ordem categórica, o misterioso alguém agitou violentamente a pobre vítima, atirou-a ao meio da sala, e, dando um grito estridente, saiu do homem sem lhe fazer mal.

Cheia de assombro se quedava a multidão, à vista de tão estupendo poder. Não desconheciam o poder sinistro dos demônios, mas ignoravam que o humilde Nazareno fosse mais poderoso que aqueles.

#**

Repetidas vezes, menciona o Evangelho que J^{ísus} expulsou demônios de homens possessos.

Em face da confusão geral, passamos a explicar o seguinte:

1. Demônio não é o diabo, também chamado satanás (adversário).

Demônios são entidades da natureza, de copor invisível, cujo evolução consciente é inferior a dos homens, e são por isto chamados habitantes dos “ínferos”, isto é, um nível inferior aos homens.

Se os homens estão no nível *mental*, os demônios estão no mundo *elemental*.

2. Os demônios não são almas de seres humanos.

Sendo o diabo ou satanás, uma criação do livre-arbítrio, Deus não expulsa do homem algo que ele (homem) criou pelo abuso do seu livre-arbítrio, que é sempre respeitado por Deus; somente o próprio homem pode expulsar o diabo que ele mesmo criou.

Neste sentido, Jesus chama Pedro Satanás, revelando logo o que ele entende por satanás: “o teu modo de pensar não é de Deus, mas do homem”, porque Pedro protestara à idéia da morte voluntária de Jesus. Mas não expulsou de seu discípulo esse satanás; o próprio Pedro o expulsou, quando se converteu.

Judas é chamado *diabo* (diábolos, palavra grega para adversário), e o Evangelista explica porque Judas é chamado diabo.

3. Sendo os demônios entidades de uma evolução infra-hominal, sentem eles a necessidade de se apoderarem das energias vitais do corpo humano, sobretudo do fosfato do cérebro, obsessionando assim certos homens. Os demônios não obsessionam o corpo humano por maldade moral, mas por motivos biológicos, nem prejudicam o homem, moral ou espiritualmente,

mas apenas fisicamente. São uma espécie de vampiros do mundo infra-hominal.

4. Nem uma única vez refere o Evangelho, que Jesus tenha expulsado um diabo. Diabo, ou satanás, é uma mentalidade criada por um ser mental (humano ou sobre-humano).

5. Os demônios são entidades *objetivas* e não apenas males *subjetivos*; do contrário, os demônios não poderiam sair do homem e apoderar-se de uma manada de porcos como refere o Evangelho.

6. Nunca nenhum dos demônios mencionados no Evangelho mostra ódio ou hostilidade a Deus ou às coisas espirituais; todos revelam grande respeito e admiração a Jesus, chamando-o “Filho de Deus”, ou “Santo de Deus”, “Filho do Altíssimo”, mas todos têm medo de Jesus e se sentem mal na presença dele — assim como um morcego ou uma coruja se sentem mal em plena luz solar.

Sendo que o corpo de Jesus estava sempre envolto numa vibração ou aura de alta frequência, os demônios, de nível baixo, se sentem atormentados e bradam: “Que temos nós contigo?” ou “Vieste atormentar-nos antes do tempo?” “Não nos mandes para o abismo.”

7. Paulo de Tarso, na epístola aos Filipenses, diz que, em nome de Jesus, se dobram todos os joelhos, dos celestes, dos terrestres e dos infra-terrestres (ínferos).

O Credo Apostólico, que é do 2.º século, diz: “Jesus foi crucificado, morto e sepultado e desceu aos ínferos.” Ultimamente, para evitar confusão entre inferno e ínferos, esta última palavra do credo foi substituída por “mansão dos mortos”, e assim a emenda saiu pior que o soneto, porque não existe nenhuma

mansão dos mortos; as almas dos mortos vivem em algum espaço do Universo.

8. O homem de elevada evolução espiritual não corre perigo de ser obsessionado pelos demônios, que são do mundo elemental, de baixa evolução.

CURA DA SOGRA DE PEDRO

Saindo da sinagoga de Cafarnaum, entrou Jesus na casa de Simão Pedro, cuja sogra se achava de cama com febre.

Dirigiu-se à casa da doente. Pedro introduziu-o no quarto da velhinha.

O visitante tomou amigavelmente entre as suas mãos a mão da febricitante, e ordenou à febre que abandonasse aquele corpo — e no mesmo instante voltou a saúde ao organismo desfalecido.

E logo a recém-curada se levantou e começou a servir Jesus e seus discípulos.

A PESCA ABUNDANTE

Continuava Jesus a residir em Cafarnaum. Frequentemente, porém, deixava o tumulto da cidade e percorria as planícies e as montanhas circunvizinhas, disseminando por toda a parte a boa nova da redenção. Às vezes também embarcava numa das canoas de pesca atracadas à praia, e passava para a banda oriental do lago de Genesaré.

Desempenha esse lago um papel mui saliente na vida pública de Jesus. A sua forma é de um gracioso oval, ou de um cacho de uvas pendente, como alguém julga ter descoberto. Os filhos de Israel comparavam-no a um *kinnor*, a uma harpa. As margens orientais têm a forma de um arco, caindo em barrancos abruptos e rudes escarpas. O litoral oposto desdobra-se numa sucessão de golfos, enseadas e praias sinuosas. Grande número de colinas e coxilhas de mediana altura, ora avançam até ao espelho das águas, ora recuam para o interior, formando pequenos promontórios, entre cujas fraldas se abrigam três planícies, qual a qual mais bela e fecunda. A que fica no meio chama-se Genesar e deu o nome ao lago.

Sobre a margem ocidental se erguiam, naquele tempo, quatro cidades de maior importância, a saber: Cafarnaum, Betsaide, Mágdala e Tiberíades.

Betsaida, torrão natal de Tiago e João, como ainda de alguns outros discípulos, teve, provavelmente, a honra de ser o cenário do acontecimento seguinte.

Pedro, Tiago e João tinham tarrafeado a noite toda, sem resultado. Estavam cansados do labor insano e numa disposição deprimente.

Nisto aparece Jesus à beira do lago.

Chegado à praia, viu-se apertado das turbas, que porfiavam em vê-lo e ouvi-lo.

E o Mestre, sempre fértil em expedientes práticos, embarca prontamente numa das canoas ou lanchas, que pertenciam a Simão Pedro. Acabara o velho pescador de voltar do labor noturno infrutífero e estava ocupado em lavar as redes, em companhia dos dois filhos de Zebedeu.

Pediu-lhes Jesus que afastasse um pouco da margem a barca.

Com prazer acedeu o discípulo ao pedido do Mestre, e, enquanto a grande massa dos ouvintes se conservava em pé, na praia ou sentados nos rochedos e anfractos dos barrancos e ribanceiras, começou o Mestre a doutriná-los de dentro da barca.

Púlpito original, não menos prático que poético era esse galhardo batel a flutuar airosamente sobre as azuladas ondas do Genesaré, ao sopro fagueiro das auras matutinas! Lá na outra banda, o globo solar vinha emergindo gradualmente das brumas do horizonte, desenhando movediça coluna de fogo na superfície do lago.

Propôs Jesus, talvez nesta ocasião, as parábolas do joio entre o trigo, da rede de pescar, e diversas outras.

“O reino dos céus é semelhante a...”

Assim costumava ele principiar cada uma das suas palestras. Falava, às vezes, uma, duas, três horas; mas ninguém se aborrecia, ninguém se cansava, ninguém se movia do lugar.

Simão Pedro, sentado na popa da embarcação, com uma mão na barra do leme, escutava, absorto, aquelas doutrinas, comentando em silêncio, lá consigo mesmo, as palavras do Mestre.

“O reino dos céus é semelhante a uma rede de pescador”...

Lá no fundo da canoa jazia a velha tarrafa de Pedro, velha, mas ainda boa, depois de consertada.

“É semelhante a uma rede que apanha toda a sorte de peixes”...

Menos mal, se assim fora... Toda a sorte de peixes?... Que trabalho insano o da última noite!... E nada de peixe... Nem uma escama sequer!...

De súbito, veio-lhe à mente o convite do Senhor e aquela palavra misteriosa: Daqui por diante o teu nome será Pedro...

Estranho! Este nome encerrava algum mistério...

Sim, era tao bom seguir a Jesus, trabalhar e sofrer com ele e por ele...

Segui-lo — para onde?... E a família?... E a casa?... E os negócios? Abandonar tudo isto? . . E quem tomaria conta?... E, depois, percorrer aquelas terras todas, dia e noite, noite e dia, a evangelizar o povo, ele, o pescador Simão, filho de Jonas? Fazer-se de *rabi*, de mestre?... Explicar a lei e os profetas? . . Interpretar as Escrituras? . . E a capacidade para tanto? As parábolas que Jesus propunha ao povo eram belas e consoladoras; mas saberia ele, o pescador ignorante, falar assim ao povo? . . E quem lhe daria forças para levar tão árdua missão até ao fim da vida? . .

Nisto rematou Jesus a sua alocução ao povo. Agradeceu a amabilidade do dono da barca e disse-lhe:

— Faze-te ao largo.

Pedro empunhou o remo, e, com movimentos enérgicos, se fez de voga. Estava no seu elemento. Seguiram-no, em suas embarcações, Tiago e João, mais alguns outros.

Depois de se verem à boa distância do litoral, disse Jesus a Simão Pedro e seus companheiros:

— Lançai as vossas redes.

— Senhor — replicou Pedro — temos trabalhado a noite toda, sem nada apanhar.

Na qualidade de velho pescador, traquejado na lida, sabia ele perfeitamente que aquela hora matutina era imprópria para a pescaria. Entretanto, para atender ao desejo do Mestre, acrescentou:

— Contudo, sob tua palavra, lançarei a rede.

Assim fez.

Seguiram-se momentos de suspensão geral, de silenciosa expectativa. Não se ouvia senão o característico chape-chape das pequenas ondas a beijarem os flancos do bote.

De repente, fortes sacudidas na extremidade da rede. Pedro recolheu a tarrafa, cautelosamente, vagarosamente, com o coração aos saltos — e eis que ela vinha tão cheia, que o feliz pescador se viu obrigado a invocar o auxílio dos companheiros para evitar se rompessem as malhas da rede. Acudiram alvoroçados os filhos de Zebedeu e encheram os botes com a palpitante riqueza.

Indescritível foi o assombro dos discípulos; nunca em dias de sua vida lhes sucedera coisa igual.

De relance, compreendeu Simão Pedro que este prodígio era a resposta às suas dúvidas e hesitações que havia pouco; compreendeu que tudo podia quando assistido por aquele que com a vocação ao apostolado dava também as forças necessárias para desempenhá-lo devidamente.

Aterrado ante a majestade de Deus, e como que aniquilado em face da sua própria pequenez, pros- trou-se Pedro aos pés de Jesus, balbuciando:

— Retira-te de mim, Senhor, que sou um pecador!. ..

Jesus, porém, tomando-o pela mão, erguendo-o amigavelmente, lhe respondeu:

— Não temas, Pedro: daqui por diante serás pescador de homens.

O pescador da Galiléia adivinhou vagamente o sentido destas palavras, e sentiu a alma penetrada de uma coragem sobre-humana.

Sem demora, abandonou tudo e foi em seguimento do Mestre. O mesmo fizeram Tiago e João.

CURA DE UM LEPROSO

Percorria Jesus as cidades e aldeias em derredor de Cafarnaum, anunciando a todos a boa nova do reino de Deus e curando os enfermos. Betsaida, torrão natal de Pedro, Tiago e João; Corozain, cidade tão opulenta quão impenitente; Mágdala, Caná, Naim, Nazaré, Tiberíades, cidade riquíssima e sede do rei Herodes — todas elas ouviram a palavra do Mestre.

Certo dia, aproximava-se o Mestre de uma destas cidades quando subitamente veio correndo um homem coberto de lepra, e, lançou-se-lhe aos pés, exclamando:

— Senhor! se quiseres, podes tornar-me limpo.

Estendeu Jesus a mão, tocou o enfermo e disse:

— Eu quero: sê limpo.

E no mesmo instante desapareceu a lepra.

Era do número dessas ruínas humanas o desditoso israelita de que nos fala o Evangelho. A sua moléstia achava-se numa fase bem adiantada; pois estava “coberto de lepra” da cabeça aos pés.

Ouvira, certamente, dos milagres do Nazareno por intermédio de algum companheiro de infortúnio que se lhe associara nos últimos tempos. A extrema miséria o impeliu a postergar a lei da separação; afoitamente se aproximou de Jesus, única esperança no seu desespero.

Era grande a fé que tinha no poder do taumaturgo de Nazaré; “se quiseres podes tornar-me limpo”, diz ele; basta um simples ato da tua vontade; não tens necessidade de pedir a Deus que te conceda esse poder, como fez Moisés, quando queria curar sua irmã Myriam; tu és mais poderoso que todos os profetas.

Será que o leproso reconhecia a divindade do Cristo?

“Eu quero: sê limpo” — replicou Jesus, servindo-se das mesmas palavras da confiante súplica. Não recorre a outrem, não invoca poderes superiores, nem pede o concurso de seres misteriosos; não se diz possesso nem “atuado” dos mesmos; basta-lhe um simples: “eu quero!” proferido com a mais serena tranquilidade.

Jesus lhe dá esta ordem:

— Não o digas a ninguém; mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece por tua purificação o sacrifício prescrito por Moisés, para que lhes sirva de testemunho.

Consistia esta oferta num par de avezinhas e um cordeiro. Uma das aves era imolada em sacrifício, a outra, aspergida com o sangue da primeira, e posta em liberdade.

Jesus insistiu na observância destas cerimônias para que os sacerdotes de Israel não tivessem motivo justo para o acoimarem de transgressor da lei; ao mesmo tempo lhes dava ensejo de verificarem com seus próprios olhos, a realidade da cura e crerem na missão divina de seu autor.

“Apesar disto, divulgou-se cada vez mais a notícia do fato”, porque o feliz não cabia em si de contente, e, impellido pelo sentimento de gratidão, foi espalhar por toda a redondeza a notícia do favor que acabava de receber das mãos do Nazareno.

“Afluíram então grandes massas de povo para ouvirem a Jesus e serem curadas das suas enfermidades. Jesus, porém, retirou-se a um lugar deserto para orar.”

O PARALÍTICO DE CORPO E ALMA

Certo dia, estava Jesus a ensinar numa casa em Cafarnaum. Desta feita, porém, não estavam aí a escutá-lo apenas só os bons galileus, senão também numerosos fariseus e doutores da lei, que tinham vindo de Jerusalém e de outras cidades, enviados pelo Sinédrio, a fim de observarem a conduta e criticarem as palavras do profeta de Nazaré.

“Mas o poder do Senhor lá estava para curá-los.”

Eis senão quando, no meio da pregação, se desenrola aos olhos de todos um espetáculo singular! Vem descendo lentamente do teto um leito suspenso em quatro cordas, e nesse leito jaz um paralítico.

Foi geral a estupefação.

Que sucedera?

Enquanto Jesus ensinava no interior da casa, quatro homens tinham vindo com um paralítico numa padiola. Procuraram introduzi-lo na casa e colocá-lo aos pés do Mestre; mas não conseguiram romper caminho através da multidão compacta que se apinhava nas portas e janelas, e enchia até a escada e o terreiro da casa. Recorreram então a um expediente original;

subiram por uma escada exterior ao terraço do edifício, retiraram umas peças móveis e arriaram o enfermo rentinho aos pés de Jesus. Pois faziam consigo mesmos este cálculo; basta que o Nazareno veja o estado lamentável deste homem, para não deixá-lo sem recurso.

E não se enganaram.

À vista da fé que nos animava, disse Jesus ao paralítico:

— Tem confiança, meu filho! Teus pecados te são perdoados.

Inesperadas caíram estas palavras no meio do povo em expectativa. Todos eles, galileus e judeus, esperavam algum prodígio, uma cura milagrosa, — e eis que, em vez disto, Jesus fala em perdoar pecados!

A petição do paralítico era: “livra-me do mal” e Jesus entende que é: “perdoa-se as minhas maldades!”

Mas o olhar do Mestre enxergava, não somente a moléstia corporal, via também a paralisia espiritual daquela alma.

Resolveu, pois, curar-lhe primeiro a alma e, depois o corpo.

Os escribas e fariseus, porém, quando ouviram as palavras: “os seus pecados te são perdoados”, escandalizaram-se e pensaram lá consigo: “Que está a dizer esse homem? Blasfema! Pois quem pode perdoar pecados senão deus somente?”...

Jesus, porém, conhecendo os pensamentos dos seus adversários, observou-lhes tranquilamente:

— Que estais aí a pensar mal em vossos corações?. .. Que é mais fácil dizer a este homem: “os teus pecados te são perdoados?” ou dizer-lhe “Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa?”

Silêncio geral... Os fariseus viam-se em face de uma dessas perguntas a que era perigoso responder, como sabiam por experiência; não desconheciam a terrível dialética do Nazareno; mais de uma vez os tinha ele confundido com uma simples contra-pergunta, e eles não estavam com vontade de passar vergonha aos olhos dos pescadores da Galiléia.

Por isso se conservaram calados, aguardando o resto da cena.

Ergueu-se Jesus e cravou os olhos nos seus contra- ditores, dizendo:

— Ora, haveis de ver que o Filho do Homem tem o poder de perdoar pecados sobre a terra.

E disse ao paralítico:

— Eu te ordeno, levanta-te! Toma o teu leito e vai para casa.

Levantou-se o paralítico de um salto e, à vista de todos, carregou com o seu leito e foi para casa, glorificando a Deus em altas vozes.

Pasmadas e estupefatas se entreolhavam as turbas e bendiziam a Deus, que tal poder concedera aos homens.

Compreenderam que Jesus era algum enviado de Deus, munido de poderes sobre-humanos.

Dissolveu-se com isto a reunião em casa de Pedro.

Lá fora, porém, cercaram o homem que fora paralítico, fitando-o da cabeça aos pés, mal acreditando nos seus olhos. E, regressando para casa, comentavam o acontecimento, dizendo:

— Vimos hoje coisas maravilhosas!...

Os judeus de Jerusalém ainda lá se deixaram ficar, diante da casa, empenhados em calorosa discussão. Também eles tinham visto coisa maravilhosa, mau grado seu. Tinham visto um homem que, no entender deles, se arrogava o poder divino de perdoar pecados; declararam-no blasfemo e réu de morte; ele, porém, lhes provou que de fato dispunha de virtudes divinas, curando instantaneamente um paralítico.

O perdão dos pecados é um processo interior, invisível.

Para convencer os fariseus da cura moral daquela alma, achou Jesus necessário realizar a cura física do corpo.

Desfarte, em vez de prender no laço preparado a Jesus, nele se prenderam os fariseus.

Apanhou nas malhas da sua lógica a orgulhosa descrença dos seus inimigos.

“O poder do Senhor lá estava para curá-los”...

VOCAÇÃO E BANQUETE DE LEVI

Retirou-se Jesus da casa de Simão Pedro, em Cafarnaum, onde acabava de curar a alma e o corpo do paralítico, e encaminhou-se para a praia do lago. Daí seguiu, provavelmente, rumo norte até a estrada real que de Damasco levava a Accon, ao litoral do Mar Mediterrâneo. Era a grande estrada das caravanas do Oriente, a principal artéria comercial da Galiléia.

À beira de Cafarnaum, topou com um posto aduaneiro, como os havia diversos nessa cidade fronteiriça. Os romanos, senhores da terra, fiscalizavam a importação e exportação de mercadorias, e tinham por toda a parte suas alfândegas. Eram em grande parte judeus os funcionários subalternos das aduanas palestinas. *Publicum* chamavam os romanos o

tributo reclamado pelo governo do império, e publicanos eram os exatores encarregados de cobrar o imposto.

Formavam os publicanos uma classe à parte, intermediária entre os patrícios e os plebeus. Encontravam-se entre eles pessoas de elevada posição social, como também outras de condição inferior, sem excetuar os próprios escravos; muitos deles, indivíduos gananciosos, cometiam clamorosas arbitrariedades e extorsões.

Aos olhos dos judeus, passava o publicano por um traidor da pátria, pelo fato de colaborar com a dominação estrangeira e recordar a perda da independência nacional. O israelita ortodoxo evitava qualquer contato com esses “pecadores”.

Entretanto, não faltavam entre os publicanos almas de escol, bem melhores que a fama da sua classe, por sinal que muitos deles aderiram a Jesus.

Um destes era Levi, filho de Alfeu; levava o sobrenome Mateus, pelo qual o apresentam os demais evangelistas. Já ouvira, certamente, da doutrina de Jesus de Nazaré; não tivera ainda ensejo para travar relações pessoais com ele.

Soou então para o publicano a hora da graça. Nesse mesmo dia em que Jesus deixava Cafarnaum, estava Levi sentado à mesa da repartição a contar o seu rico dinheiro e passar recibos aos negociantes, todo engolfado nos seus cálculos interesseiros — quando, de improviso, vê diante de si Jesus...

De relance, compreendeu o publicano o sentido daquele olhar silencioso do Nazareno.

— Segue-me! — disse o Mestre.

Levantou-se Levi e seguiu a Jesus...

O que sucedeu a Levi, experimentou-o, mais tarde, Saulo às portas de Damasco. Maria Magdalena e outros.

Diz o evangelista que Levi ofereceu a Jesus e seus discípulos um banquete em sua casa.

Os publicanos atenderam prontamente ao convite de Levi e compareceram ao festim em grande número...

Serviam-se esses banquetes, geralmente na varanda da casa.

Durante a refeição, passaram pelo caminho alguns dos fariseus e, vendo Jesus no meio daquela gente, escandalizaram-se, menearam a cabeça e deram largas aos seus sentimentos de despeito:

— Esse homem senta-se à mesa em companhia de publicanos e pecadores, e come com eles.

— E esse homem, ainda por cima, tem a pretensão de se arvorar em profeta e mestre de Israel...

Ouviu Jesus as murmurações dos fariseus, e replicou-lhes tranquilamente:

— Não necessitam de médico os que estão de saúde, mas, sim, os doentes.

Será que os fariseus estavam de saúde?

O ESPOSO E OS CONVIVAS

Ainda estava Jesus à mesa do banquete oferecido por Levi, e com ele os seus discípulos e numerosos publicanos.

Acabava de reduzir ao silêncio os fariseus, fazendo-lhes ver que eram precisamente esses publicanos que mais necessitavam da presença do médico espiritual.

Rebatidos esses murmuradores, logo se apresentaram outros.

Reuniram-se então os discípulos de João e os dos fariseus, acercaram-se de Jesus e lhe disseram:

— Por que é que os discípulos de João, bem como os dos fariseus, jejuam frequentemente e fazem muitas orações, ao passo que os teus comem e bebem?

Replicou-lhes prontamente Jesus:

— Quereis, porventura, obrigar ao jejum os amigos do esposo enquanto o esposo está com eles? Dias virão em que lhes será tirado o esposo, e então também eles hão de jejuar.

Os anos que Jesus passa, visivelmente, com os homens são como que um banquete nupcial; não convém obrigar os convivas a jejuar. É melhor que se alegrem com o esposo, que recolham forças, alegria e entusiasmo para que, mais tarde, no meio das perseguições, não desanimem e desfaleçam.

Por vezes, assume a poesia de Jesus cores pitorescas. Recorre a comparações tão vulgares, que nenhum poeta humano teria ousado invocar, com medo de passar por corriqueiro e trivial.

Disse Jesus aos fariseus descontentes:

— Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha; senão, o remendo arranca parte da roupa e fica maior o rasgão. Ninguém deita vinho

novo em odres velhos; do contrário, o vinho novo rompe os odres, vaza o vinho e perdem-se os odres: não; o vinho novo deita-se em odres novos; assim se conservam um e outro. Nenhum homem habituado a beber vinho velho deseja logo beber vinho novo, porque diz: “O velho é melhor.”

Com que mestria sabe Jesus propor a sua doutrina! Recorre a coisas de cada dia para ilustrar uma verdade tão sublime como esta.

Queria dizer aos murmuradores que não procurassem encerrar a boa nova do Evangelho nas normas antigas, que eles, os fariseus e os discípulos de João Batista seguiam. Terminara a estreiteza do Antigo Testamento, e principiava a largueza da Nova Aliança. Os meus discípulos, diz ele, são roupa nova, vinho recente; ao passo que vós sois roupa velha, odres usados e meio rotos. Continuai, muito embora, a trilhar

O vosso caminho e a vossa rotina, mas deixai também que os meus discípulos sigam o caminho que eu lhes tracei. Agora vos desagradam estes usos e costumes, como o vinho novo não apraz ao paladar afeito ao vinho velho. Mas virá o tempo em que este vinho novo do Evangelho, será mais suave e eficaz do que todas as vossas cerimônias e tradições. O meu Evangelho é a religião da liberdade dos filhos de Deus, e não dos escravos da lei; o que vale é o espírito interior, e não os ritos externos; desde que os meus discípulos se achem compenetrados do meu espírito, não tardará esta alma a formar o corpo das praxes correspondentes; os ramos, as folhas, flores e frutos, todas as práticas do culto externo nascerão espontaneamente do princípio vital do culto interno que eu ensino aos meus.

No dia de Pentecostes, e mais tarde, se manifestou, em todo o esplendor, a verdade destas palavras.

Com esta parábola, tão singela, deu Jesus por terminada a discussão com o pedantismo rotineiro dos murmuradores, que se retiraram, silenciosos e confusos, em face da superioridade do *rabi* da Galiléia.

O DOENTE DE 38 ANOS

Aproximava-se a festa da Páscoa judaica. Era, pois, em princípios da primavera, abril ou maio, do ano **32**.

Resolveu Jesus deixar a Galiléia e dirigir-se a Jerusalém, para tomar parte nas solenidades litúrgicas.

Existia, então, na capital de Israel, o célebre tanque das ovelhas”, que em hebraico se chamava Betsaida (ou Betesda), que quer dizer: casa da

graça. Destinava-se essa piscina, provavelmente, à lavagem das ovelhas e dos cordeiros que iam ser imolados nos sacrifícios rituais.

Hoje se eleva neste mesmo ponto a igreja de Sant'Ana.

O “tanque das ovelhas” tinha a sua história.

Estendia-se em derredor dele uma espécie de galeria, que tinha cinco pórticos, sempre repletos de doentes de todo o gênero: cegos, surdos, mudos, coxos, aleijados, paralíticos, etc. Aguardavam eles o movimento das águas para se atirarem à piscina. É que, de tempos a tempos, descia ao tanque um anjo do Senhor, provavelmente em forma invisível, e agitava a água; e quem primeiro descesse à piscina era curado, fosse qual fosse o seu mal.

Corriam, pois, os ruidosos dias da Páscoa. Enquanto os outros riam e folgavam, continuavam os pobres enfermos a sofrer, a gemer à beira do “tanque das ovelhas”, esperando, esperando sempre... Não conheciam Páscoa... Quase ninguém prestava atenção a essas ruínas humanas.

Achava-se entre aqueles numerosos enfermos um mais digno de compaixão. Havia **38** anos que esse homem estava doente, completamente paralisado; e só Deus sabe quanto tempo jazia aí à beira da piscina de Betsaida, sem conseguir reaver o uso normal dos membros; pois não podia mover-se sem o auxílio de outrem.

Foi a este mais pobre dos pobres que Jesus tomou por alvo da sua caridade. Nem esperou que o infeliz lhe fizesse um pedido, mas perguntou-lhe espontaneamente:

— Queres ser curado?

— Senhor — respondeu ele com tristeza — não tenho homem algum que me desça ao tanque, quando se agita a água, e, enquanto procuro descer, desce outro antes de mim.

Disse-lhe Jesus:

— Levanta-te, toma o teu leito e anda!

No mesmo instante, sentiu-se o paralítico penetrado de força nova; levantou-se de um salto e — estava curado.

Agarrou o seu pobre catre e pôs-se a andar.

Jesus, porém, desaparecera no meio da multidão, de maneira que o felizardo nem teve ocasião de lhe agradecer.

Deitou a correr pelas ruas da cidade como uma criança, com a sua esteira às costas, pulando e saltitando de satisfação, pela primeira vez depois de **38** anos de paralisia.

Era a Páscoa judaica, aniversário da independência de Israel, nosso 7 de setembro.

As ruas de Jerusalém fervilhavam de povo.

De repente, a uma esquina, o recém-curado topou com um grupo de fariseus.

Interpelaram bruscamente o recém-curado e lançaram-lhe em rosto o seu procedimento contrário à lei:

— É sábado; não te é permitido carregar o teu leito.

O homem curado respondeu com a lógica e o bom senso natural do povo:

— Aquele homem que me restituiu a saúde ordenou-me que levasse o meu leito — como se dissesse: Se esse homem tem o poder de me curar, há de também de ter o direito de permitir que eu carregue o meu catre em dia de sábado.

Perguntaram-lhe os fariseus quem era o tal homem que se arrogava semelhantes direitos.

Mas o interpelado não soube dar resposta; ignorava o nome de seu benfeitor; a cura fora obra de poucos momentos.

Deixou os fariseus e entrou no templo para agradecer a Deus a recuperação da saúde. Eis senão quando se enfrenta com Jesus! Fitando-o atentamente, disse-lhe o Mestre:

— Olha, não tomes a peçar, para que não te suceda coisa pior.

Imediatamente, foi o homem ter com os fariseus e contou-lhes que o seu benfeitor era Jesus de Nazaré.

Com estas notícias, assanhou-se mais ainda o furor dos adversários. Quem não respeitava o sábado não podia ser de Deus — diziam entre si; logo, os milagres do Nazareno só podiam ser portentos de Satanás.

Cegos que eram! A lei de Moisés proibia que, em dia de sábado, se transportassem fardos com intenção de lucro; mas não era o caso em questão.

CRISTO MENOR E IGUAL AO PAI

“Por esta razão perseguiam os judeus a Jesus” — isto é, pelo fato de ter curado em dia de sábado aquele doente de 38 anos, e de lhe ter ordenado carregar o seu leito, nesse mesmo dia.

E que lhes responde Jesus?

Bem pudera replicar-lhes que o seu procedimento não implicava em nenhuma violação do sábado, porquanto a lei de Moisés não proibia as obras de caridade, nem vedava o que fosse razoável e necessário. Mas o que os fariseus chamavam “observar sábado” era uma congêrie de preceitos e tradições humanas, entremeadas de superstições e meticulosidade, que não ligavam à consciência de nenhuma pessoa sensata.

Desta vez, porém, Jesus remonta às mais excelsas culminâncias da metafísica, que nem em **2000** anos de cristianismo foram atingidas e compreendidas. Faz ver que “Ele e o Pai são um; que o Pai está nele e ele está no Pai, mas que o Pai é maior do que ele.”

Fez ver que ele é Deus, mas não é a Divindade que ele chama Pai. Deus, para ele, é uma emanção individual da Divindade Universal, mas não é a própria Divindade. Paulo de Tarso compreendeu isto quando escreveu que o Cristo é o “primogênito de todas as criaturas”, logo é criatura.

Há quase **20** séculos que a cristandade se agita em controvérsias sobre a questão se o Cristo é Deus ou não, confundindo Deus com Divindade.

Jesus faz ver aos seus adversários que ele, como a mais alta emanção do individual (Deus) da Divindade não é escravo, mas Senhor do sábado, e não tem de obedecer à leis humanas.

Em todo esse diálogo com seus ouvintes, afirma Jesus que o seu Cristo é Deus, mas que o Pai, que é a Divindade, é maior do que ele, o Cristo, a primeira e mais alta emanção individual da Divindade Universal. Sendo, porém, que os ouvintes não sabiam distinguir entre *Deus* e *Divindade* (Pai), compreendem mal as palavras de Jesus. Ele, porém, continua a afirmar que ele está na Divindade e a Divindade está nele, embora a Divindade seja maior do que ele. Acrescenta que a Divindade também está em todos os homens, e todos os homens estão na Divindade; por isto, todo homem é Deus, uma emanção individual da Divindade, embora nenhum homem seja a própria Divindade Universal.

Para ilustrar esta verdade, poderíamos fazer o seguinte paralelo: Um raio solar pode dizer: Eu e o sol somos um; o sol está em mim, e eu estou no sol — mas o sol é maior do que eu.

Esta imanência de Deus nas criaturas é chamada “panenteísmo” (tudo em Deus), que não é “panteísmo” (tudo é Deus).

A Divindade é a única Essência, que está imanente em todas as Existências. A Divindade é o Infinito, no qual estão todos os finitos, e o

Infinito é imanente em qualquer finito, assim como a Essência única está em todas as Existências múltiplas.

ATRAVÉS DAS SEARAS

Acabava Jesus de regressar para a Galiléia, e retomou a sua vida no meio daquele povo simples e bem intencionado, percorrendo as aldeias e os campos, para anunciar a todos a boa nova.

Mas nem ali o deixaram os fariseus em paz; cercaram-no de uma teia de espões e polícia secreta. Principalmente em dia de sábado, observaram cada um dos seus atos, analisavam-lhe cada uma das palavras, a ver se não transgredia alguma das suas tradições arbitrárias. Jesus, observava a alma da lei mosaica.

Aproximava-se o tempo da colheita. Nas vastas planícies da Galiléia, lourejavam ricas searas, ondulando ao sopro cáldo das brisas estivais.

A Galiléia era chamada, e com razão, o “celeiro da Palestina”.

Certo dia, atravessava Jesus os trigais em companhia de seus discípulos. Era meio-dia passado, e nem o Mestre nem os discípulos haviam tido tempo e ocasião para tomar alimento: fora tanto o trabalho, desde a madrugada até àquela hora.

Os apóstolos, porém, começaram a sentir cada vez mais o vácuo estomacal, e, quando atravessavam um trigal, cujas espigas se dobravam sobre o estreito trilho que cortava o campo, aproveitaram o ensejo e arrancaram uns punhados de espigas, esfregando-as entre as mãos para lhes tirar a casca, e comendo os grãozinhos crus.

Mas nem este pouco lhes concedia a miopia farisaica.

— Por que fazeis o que não é permitido fazer em dia de sábado? — verberam logo os intolerantes, que, por acaso ou de indústria, seguiam o mesmo caminho.

Não acusaram os discípulos de ladrões, porque a lei permitia se colhessem as espigas que se dobrassem sobre o caminho, mas aquilo era evidentemente trabalho servil, e, portanto, uma violação do descanso sabatino.

Mas, antes que os apóstolos tivessem tempo para justificar o seu procedimento, acudiu Jesus e tomou a defesa de seus amigos.

— Nunca lestes — disse, argumentando com a lei de Moisés — o que fez Davi quando estavam com fome, ele e seus companheiros? Como entraram na casa de Deus, no templo do sumo sacerdote Abiatar, e

comeram dos pães da proposição, tanto ele como seus companheiros, quando só aos sacerdotes era permitido comê-los?

Calaram-se os fariseus. Não esperavam, decerto, por uma resposta tão pronta e irretorquível.

Prosseguiu Jesus:

— E não lestes que os próprios sacerdotes trabalham no templo, em dia de sábado, sem violar o sábado?

Depois acrescentou, carregando nas palavras:

— Ora, digo-vos eu que aqui está quem é mais que o sábado!

Começaram então os fariseus a discorrer entre si **sobre** a santidade do sábado e o castigo ameaçado aos seus profanadores. Jesus, porém, lhes replicou:

— O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado. Oxalá compreendêsseis o que quer dizer: Misericórdia é que eu quero, e não sacrifícios; então não haveríeis de condenar a inocentes. O Filho do homem é Senhor também do sábado.

E com isto seguiu caminho em companhia de seus discípulos, deixando os fariseus com farta matéria para um profundo exame de consciência.

O HOMEM COM A MÃO ATROFIADA

Era em outro sábado. Achava-se Jesus na sinagoga a ensinar.

Eis senão quando, aparece à sua frente, no meio do recinto sagrado, um “homem que tinha uma das mãos atrofiada e seca”.

Os fariseus, que, provavelmente, tinham chamado esse homem, lá estavam a observar Jesus para ver se curava o aleijado; pois, segundo a moral estreita deles, até um milagre e uma obra de caridade implicavam numa profanação do Sábado.

Jesus viu o homem com a mão atrofiada, mas, a princípio, não lhe deu atenção.

Então lho apresentaram os fariseus e perguntaram sem mais rodeios:

— É lícito curar em dia de Sábado?

Jesus, porém, conhecendo-lhes a hipocrisia e os intuitos perversos, não lhes respondeu, mas disse ao aleijado:

— Vem cá e coloca-te no meio.

O homem colocou-se ao meio da sala, à vista de todos.

Então disse Jesus aos seus ouvintes:

— Também çu vos quero fazer uma pergunta: É lícito fazer bem ou mal em dia de Sábado? Salvar uma vida ou deixá-la perecer?

Silêncio em toda a linha. Ninguém se atreveu a responder.

Prosseguiu Jesus:

— Quem de vós, possuindo uma única ovelha, que lhe cai no fosso, em dia sábado, não lançará logo mão e a puxará para fora? Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha! Logo, é permitido praticar o bem em dia de sábado.

Em seguida, fitando com olhar inquisidor a cada um dos seus adversários que estavam à roda, disse ao homem com a mão atrofiada:

— Estende a mão!

Estendeu-a — e ei-la sã como a outra!

Os fariseus, porém, se encheram de cólera, e, conspirando com os herodianos, procuraram oportunidade para matar Jesus.

O SERMÃO DA MONTANHA

O momento é solene. Dispõe-se o Mestre a proferir o maior e mais característico discurso da sua vida; o sermão da montanha é o Evangelho resumido, ou antes, a alma do Evangelho, o mais autêntico compêndio da nova doutrina, a essência mesma do Cristianismo.

O auditório compunha-se de representantes de diversos países e de todas as classes sociais; tinham afluído para assistir à promulgação da quintessência da nova aliança.

Aureolado dos raios do sol matutino, sentou-se Jesus numa pedra da colina, nas rampas de *Kurun Hattin*. Ao pé dele, vêm agrupar-se o “pequeno rebanho” dos apóstolos recém-eleitos, e os outros discípulos; mais além, pelas fraldas do outeiro, se acomoda a variegada multidão dos ouvintes, israelitas e gentios, ávidos por ouvirem as revelações que iam brotar dos lábios do profeta de Nazaré.

“Bem-aventurados os pobres pelo espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os tristes, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem e perseguirem e caluniosamente disserem de vós todo o mal, por causa de mim, alegrai-vos e exultai, porque grande é a vossa recompensa nos céus.”

Ainda soava pelos rochedos circunvizinhos o eco da palavra “bem-aventurados” — quando dos lábios de Jesus rompeu outra palavra: “ai de vós”! Dirige-se aos infelizes que procuram o céu na terra, à custa da verdade.

“Ai de vós, que sois ricos, porque já tendes a vossa consolação!

Ai de vós, que estais fartos, porque sofrereis fome!

Ai de vós, que agora rides, porque haveis de gemer e chorar!

Ai de vós, quando os homens vos louvarem, porque isto mesmo fizeram seus pais aos falsos profetas!...”

Depois de se dirigir ao povo em geral, bons ou maus, voltou-se o Mestre para os discípulos agrupados em torno dele.

— Vós sois o sal da terra. Mas, se o sal se desvirtuar, com que se lhe há-de restituir a virtude? Já não terá préstimo para coisa alguma; é lançado à rua e pisado aos pés pela gente.

Quantos e quão verdadeiros pontos de semelhança não poderíamos descobrir entre o sal e o apóstolo. O sal preserva da corrupção física — e o apóstolo é destinado a preservar os homens da corrupção. O sal dá sabor às comidas — e o apóstolo deve ser um como tempero espiritual, deve penetrar de condimento sagrado às coisas profanas da terra. O sal tem aparência modesta, despretensiosa, incolor — e também a atividade do apóstolo deve ser silenciosa e modesta, sem aparato nem ostentação.

É certo, que, naquela mesma noite que se seguiu ao dia das bem-aventuranças, Jesus explicou a seus discípulos o sentido mais profundo de cada uma dessas formosas alegorias.

Continuou o Mestre a falar aos discípulos eleitos dizendo:

— **Vós sois a luz do mundo. Não pode ficar oculta uma cidade situada num monte. Nem se acende uma lâmpada para colocá-la debaixo do velador, mas, sim, sobre o candelabro para que alumie a**

todos os que estão na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está no céu.

Após a ligeira digressão a favor dos seus discípulos — sal da terra e luz do mundo — torna Jesus a dirigir-se aos ouvintes em geral e expõe o corpo do seu discurso.

Não veio, diz ele, para abolir a lei antiga, que Deus inspirara a Moisés; mas para levá-la à suprema e última perfeição. O Antigo Testamento era como que o germe da revelação divina — o Novo Testamento é a árvore na plenitude da sua evolução e beleza; a lei antiga era a aurora — a lei evangélica é a flor em todo o esplendor das suas cores e na doce fragrância dos seus perfumes.

— Não penseis que eu vim abolir a lei e os profetas; não, não os vim abolir, mas completá-la. Pois declaro-vos, em verdade, que antes de passarem o céu e a terra, não se tirará um jota⁴ nem um ápice da lei, enquanto não chegue tudo à perfeição. Quem, pois, solver um desses mandamentos, embora mínimo, e assim ensinar a gente, passará pelo ínfimo no reino do céus; mas quem os realizar e assim ensinar esse será considerado grande no reino dos céus. Pois asseguro-vos que, se a vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus.

Depois destas declarações peremptórias, passa Jesus a traçar um paralelo entre a imperfeição da lei mosaica e a perfeição do Evangelho. Assim como a escultor, depois de desbastar o bloco de mármore, põe de parte o martelo e a talhadeira, e lança mão do cinzel, do buril e do esmeril, a fim de dar à obra a última perfeição e imprimir-lhe a feição característica do seu ideal — assim veio também o divino artista rematar a obra de Deus principiada no paraíso terrestre e continuada, através de séculos e milênios, até à plenitude dos tempos.

Traçado este paralelo geral entre as duas leis, antiga e nova, principia Jesus a descer aos pormenores, evidenciando a superioridade do Evangelho sobre o código de Israel.

*

“Tendes ouvido que foi dito aos antigos: Não matarás! e: Quem matar será réu em juízo.

Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irar contra seu irmão será réu em juízo; e quem chamar a seu irmão “perverso” será réu diante do

conselho; e quem apelar a seu irmão de “desgraçado”, será réu do fogo do inferno.”

O *Juízo*, era em Israel, o tribunal que julgava as ofensas leves; o *conselho*, ou Sinédrio, ocupava-se dos crimes de maior vulto; e o *inferno* é o sofrimento infligido pela má consciência do pecador.

Prossegue Jesus, tirando as conclusões das premissas acima:

— Se, portanto, estiveres ante o altar para apresentar a tua oferenda, e te lembrares que teu irmão tem queixa contra ti, deixa a tua oferenda ao pé do altar e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e depois vem oferecer o teu sacrifício.

Não hesites em fazer as pazes com teu adversário, enquanto estás em caminho com ele, para que não vá entregar-te ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial da justiça, e sejas lançado ao cárcere. Em verdade te digo que daí não sairás, enquanto não houveres pago o último centavo.

“Ouviste que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério!

Eu, porém, vos digo que todo o homem que lançar olhar cobiçoso a uma mulher, já em seu coração cometeu adultério com ela. Se o teu olho direito te for ocasião de pecado, arranca-o e lança-o de ti; porque melhor te é perecer um dos teus órgãos do que ser todo o teu corpo lançado ao inferno. E, se a tua mão direita te for ocasião de pecado, corta-a e lança-a de ti; porque melhor te é perecer um dos teus membros do que ir todo o teu corpo para o inferno.

Ainda foi dito: Quem repudiar sua mulher passa-lhe carta de divórcio.

Eu, porém, vos digo que todo o homem que repudiar sua mulher — salvo em caso de adultério — a faz adular; e quem casar com a repudiada comete adultério.”

* * *

“Ouviste que foi dito aos antigos: Não jurarás falso! Cumprirás o que juraste ao Senhor!

Eu, porém, vos digo que não jureis de forma alguma; nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo dos seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei; nem jurarás por tua cabeça, porque não és capaz de tornar branco nem preto um só cabelinho. Seja o vosso modo de falar um simples *sim*, um simples *não*; o que passa daí vem do mal.”

* * *

“Tendes ouvido que foi dito: Olho por olho, dente por dente.

Eu, porém, vos digo que não vos oponhais ao malévolo, mas antes, quando alguém te ferir na face direita, apresenta-lhe também a outra. Se alguém quiser pleitear contigo em juízo para tirar-te a túnica, cede-lhe também o manto. Se alguém te obrigar a acompanhá-lo por mil passos, vai com ele dois mil.

Dá a quem te pede, nem voltes as costas a quem deseja lhe emprestes qualquer coisa.”

“Tendes ouvido o que foi dito: Amarás a teu próximo e terás ódio a teu inimigo.

Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para que sejais filhos de vosso Pai celeste, ele, que faz nascer seu sol sobre bons e maus e faz chover sobre justos e injustos.

Pois, se amardes tão somente aos que vos amam, que prêmio mereceis? Não fazem isto também os coletores? E, se saudardes apenas vossos amigos, que fazeis nisto de especial? Porventura, não fazem isto também os gentios? Vós, porém, sede perfeitos, assim como é perfeito vosso Pai celeste.”

“Cuidado que não pratiqueis as vossas boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles! Do contrário, não tereis merecimento aos olhos do vosso Pai celeste.

Quando deres esmola, não te ponhas a fazer grande alarde, a exemplo do que fazem os hipócritas nas ruas, para serem elogiados pela gente. Em verdade vos digo que receberam a sua recompensa. Quando, **pois, deres** esmola, não saiba a tua mão esquerda o **que** faz a direita, para que tua esmola fique às ocultas; e **teu** Pai, que vê o que é oculto, te há-de recompensar.” * * *

“Quando orardes, não procedais como os hipócritas, que gostam de se exhibir nas sinagogas e nas esquinas das ruas, fazendo oração a fim de serem vistos pela gente. Tu, porém, quando orares, entre no teu interior, e ora a teu Pai às ocultas; e teu Pai, que vê o que é oculto, te há-de recompensar. Nem faleis muito quando orais, como fazem os gentios, que cuidam ser atendidos por causa do muito palavreado.

Não os imiteis; porque vosso Pai sabe o que haveis mister, antes mesmo de lho pedirdes. Assim é que haveis de orar: —

Pai nosso que estás nos céus; santificado seja o teu nome; venha a nós o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o

pão nosso de cada dia nos dá hoje, perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixes cair na tentação; mas livra-nos do mal. Amém.

Se vós perdoardes aos homens as faltas deles também vosso Pai celeste vos perdoará vossos débitos. Se, pelo contrário, vós não perdoardes aos homens, nem tão-pouco vosso Pai vos perdoará as vossas faltas.”

*** * ***

“Quando jejuardes não andeis tristonhos, como os hipócritas, que desfiguram o rosto para fazer ver à gente que estão jejuando. Em verdade vos digo que receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, para que a gente não veja que estás jejuando, mas somente teu Pai, presente ao oculto; e teu Pai, que vê o que é oculto, te há-de recompensar.”

“Não acumuleis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os destroem, onde os ladrões penetram, os desenterram e os roubam. Acumulai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os destroem, onde os ladrões não penetram nem os desenterram, nem os roubam. Pois onde está o teu tesouro aí está também o teu coração.

Teu olho é a luz do teu corpo; se o teu olho for simples, estará em luz todo o teu corpo. Se, porém, o teu olho for mau estará em trevas todo o teu corpo. E se tua luz se tomar em trevas, quão grande serão essas trevas!

Ninguém pode servir a dois senhores; ou aborrecerá a um e amará a outro; ou respeitará a este e desprezará àquele. Não podeis servir a Deus e às riquezas.”

“Não julgueis, e não sereis julgados. Pois do mesmo modo que julgardes assim sereis julgados; e com a medida com que medirdes medir-vos-ão a vós. Por que vês o argueiro no olho de teu irmão, ao passo que não enxergas a trave em teu próprio olho? Ou como podes dizer a teu irmão: Deixa-me tirar-te do olho o argueiro; quando tens uma trave no teu olho? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho, e depois verás como tirar o argueiro do olho do teu irmão.

Não deis as coisas santas aos cães, nem lanceis as vossas pérolas aos porcos, para que não lhes metam as patas, e, voltando-se, vos dilacerem.”

*** * ***

“Dai, e dar-se-vos-á; derramar-vos-ão no seio uma boa medida, cheia, recalcada e acogulada; porque, com a mesma medida com que medirdes,

medir-vos-ão.”

* * *

“Pedi, e recebereis; procurai, e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; quem procura acha; e a quem bate abrir-se-lhe-á. Haverá entre vós quem dê a seu filho uma pedra, quando esse lhe pede pão? Ou quem lhe dê uma serpente, quando lhe pede peixe? Ou um escorpião, quando lhe pede ovo? Se, pois, vós, apesar de maus, sabeis dar coisas boas a quem vos pedir!

Tudo o que quereis que os homens vos façam fazei-o também a eles; pois é nisto que consistem a lei e os profetas.

Entrai pela porta estreita; pois a larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição — e são muitos os que trilham. Quão apertada é a porta e quão estreito o caminho que conduz à vida! — E são poucos os que acertam com ele.

Cuidado com os falsos profetas que se vos apresentam em pele de ovelha, mas por dentro são lobos roubadores! Pelos seus frutos é que os conheceis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros? Ou figos dos abrolhos? Assim, toda a árvore boa dá frutos bons, e toda a árvore má dá frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda a árvore que não produzir frutos bons será cortada e lançada ao fogo. Pelos seus frutos, pois, é que os conhecereis.”

Depois destas luminosas exposições sobre o espírito do seu Evangelho, levantou-se o Mestre. O povo estava arrebatado da beleza e sublimidade da sua doutrina. Entreolhavam-se, estupefatos, e diziam:

— Nunca ninguém falou como este homem!

Era geral a admiração.

Então fez Jesus sinal com a mão, e, numa peroração magistral concitou as turbas a não somente admirarem a sua doutrina, mas a traduzi-la na vida real e prática.

— Por que me dizeis: Senhor! Senhor! e não fazeis o que vos digo? Nem todo aquele que me disser: Senhor! Senhor! entrará no reino dos céus; mas quem fizer a vontade de meu Pai celeste, esse, sim, entrará no reino dos céus. Muitos virão naquele dia dizer-me: Senhor! Senhor! porventura não profetizamos em teu nome e fizemos tantos milagres e expulsamos demônios em teu nome? Eu, porém, lhes direi: Não vos conheci jamais; apartai-vos de mim, malfeitores!”

Depois disto, revesti o Mestre de uma maravilhosa alegoria o seu pensamento, dizendo:

— Mostrar-vos-ei com quem se parece aquele que vem a mim, ouve as minhas palavras e as realiza. Parece-se com um homem sensato que edificou a sua casa sobre a rocha. Desabaram aguaceiros, transbordaram os rios, sopraram os vendavais, dando de rijo contra aquela casa, mas ela não caiu, porque estava construída sobre rocha.

Quem, pelo contrário, ouve estas minhas palavras, mas não as realiza, parece-se com um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia. Desabaram aguaceiros, transbordaram os rios, sopraram os vendavais, dando de rijo contra aquela casa; e ela caiu, e foi grande a sua queda.

O CENTURIÃO DE CAFARNAUM

Terminado o seu grande sermão, desceu Jesus das alturas de Kurun Hattin, passou silencioso pelas multidões impressionadas — qual Moisés a descer o Sinai com a fronde aureolada de estranhos fulgores — a largos passos, fez-se rumo a Cafarnaum.

Na guarnição romana desta cidade, encontrava-se um pobre escravo doente, prestes a morrer.

O centurião era gentio, mas homem de sentimentos humanitários e muito afeiçoado à nação judaica.

Partiram, pois, os emissários do comandante. Mas, em vez de solicitarem simplesmente a cura, rogaram a Jesus que fosse pessoalmente à casa do oficial romano, porque era homem de bem, amigo de Israel e benemérito da religião deles, por sinal que lhes edificara uma sinagoga a expensas próprias.

Quando, um ano antes, se apresentou o funcionário real de Cafarnaum, Jesus não o acompanhou. Desta vez, porém, tratava-se de um pobre escravo; por isso o Mestre pôs-se logo a caminho dizendo aos embaixadores:

— Eu mesmo irei e vou curá-lo.

Quando Jesus já não vinha longe da guarnição romana, inteirou-se o centurião do fato, e sensibilizado com tamanha bondade, mandou-lhe dizer por meio de uns amigos:

— Não te incomodes, senhor: pois eu não sou digno que entres sob o meu teto. Por esta razão também não me julguei digno de vir à

tua presença; mas fala ao Verbo, e meu servo será curado. Pois também eu, embora sujeito a outrem, tenho soldados às minhas ordens; e digo a um: vai acolá! e ele vai; e a outro: vem cá! e ele vem; e a meu criado: faze isto! e ele o faz.

Ouvindo Jesus estas palavras, admirou-se e, voltando-se para os que o seguiam, disse:

— Em verdade vos digo que não encontrei tão grande fé em Israel!

Asseguro-vos que virão muitos do Oriente e do Ocidente (isto é, dos povos gentios) e tomarão lugar no reino de Deus com Abraão, Isaac e Jacó.

Depois, voltando-se para o centurião, disse:

— Vai-te, e faça-se contigo conforme a tua fé.

E na mesma hora o servo ficou curado. E, de volta para casa, os mensageiros encontraram de saúde o servo que estivera doente.

*

A tradução geral das palavras do centurião romano é: “dize uma palavra”; mas tanto o texto grego como latino permitem a nossa versão acima “fala ao Verbo” (*Idic Verbo*), entendendo-se por Verbo o Cristo, como no Evangelho de João “no princípio era o Verbo”. O centurião não acha necessidade que o Jesus humano vá fisicamente ver o doente; basta dirigir-se ao seu Verbo ou Cristo, a qualquer distância, e o doente será curado.

Esta tradução é justificada em face da grande estupefação de Jesus “não encontrei tão grande fé, nem em Israel”, como na alma desse pagão. Teria Jesus chamado “grande fé” se o centurião apenas falasse de uma “palavra” proferida por Jesus?

O texto, grego e latino, diz “ao Verbo” “à palavra”, e não “o Verbo”, “a palavra”, referindo-se, nos dativos, a uma pessoa viva, e não a uma vibração aérea inerte.

O JOVEM DE NAIM

A essa grandiosa manifestação do poder divino do taumaturgo, seguiu-se uma cena tocante, em que o compassivo amigo dos aflitos revela toda a ternura do seu coração de homem de pai, de consolador.

Deixando Cafarnaum, tomou Jesus para sudoeste, fraldejando o Tabor, em demanda da planície de Esdrelon, até chegar a uma

cidadezinha, por nome Naim, aninhada ao sopé do pequeno Hermon.

Naim quer dizer “formosa” ou “risonha”. E bem cabia este nome àquela povoação da Galiléia.

Mas, à hora em que Jesus chegou às portas de Naim, não era nada risonho o aspecto da cidade; pintou-se-lhe aos olhos um quadro doloroso; corriam muitas lágrimas, e ouviam-se magoados ais, que brotavam dos lábios de uma viúva desolada...

É que levavam ao cemitério o cadáver de um jovem, filho único dessa senhora. Era numeroso o préstimo fúnebre, porque se tratava de uma família distinta na cidade. Muitos uniam o seu pranto ao da pobre viúva.

Nisto aparece Jesus com os seus discípulos — inesperado encontro entre a Vida e a Morte!

Que acontecerá?

Jesus, sempre sereno e calmo, dá ordem aos carregadores para depositarem no chão o féretro. Estava o corpo do defunto envolvido em faixas, e o rosto coberto com uma toalha; neste estado repousava o cadáver, de costas, sobre o féretro. Não se usava esquife. Um grupo de carpideiras acompanhava o cortejo, tangendo flautas e soluçando elegias, conforme o costume da época.

Jesus estendeu a mão — e fez-se um grande silêncio.

— Não chores — disse ele à mãe. Tocou com a mão no féretro, e disse alto:

— Moço, eu te ordeno: levanta-te!

Reviveu instantaneamente o defunto, sentou-se e correu os olhos em derredor.

Jesus tomou-o pela mão e restitui-o a sua mãe.

“Todos se encheram de terror” — refere o evangelista. É que toda a intervenção de um poder estranho na esfera das coisas naturais faz estremecer o homem como um terremoto.

E todos diziam:

— Um grande profeta surgiu no meio de nós, e Deus visitou o seu povo.

A EMBAIXADA DE JOÃO BATISTA

Enquanto tudo isto se passava à luz da publicidade e todo o povo aplaudia o grande profeta de Nazaré, jazia o precursor do Messias na tétrica penumbra de uma cadeia subterrânea do castelo de Maqueronte, às margens do Mar Morto.

Entretanto, não ficava sem notícias de Jesus. Herodes estimava a João Batista e permitia que os seus discípulos o visitassem no cárcere.

Desfarte, continuava ele a ser uma “voz a clamar no deserto” — no deserto lúgubre da sua prisão; e continuava a “preparar os caminhos do Senhor” — ainda que para ele já não houvesse outro caminho senão o trilho estreito que desemboca na morte. A sua escola não se extinguiria com a extinção da sua liberdade — tamanha era a força do seu espírito.

Depois de Jesus, era aquela solitária masmorra de Maqueronte o principal foco e centro da vida cristã nessa época.

Uma só coisa contristava a alma do silencioso herói; eram os ciúmes e as rivalidades de alguns dos seus discípulos que não acabavam de compreender que João era apenas o “engenheiro de Deus”, o arauto enviado para preparar os caminhos do Messias.

“É necessário que Jesus cresça — e que eu desapareça!” dissera ele, e nestas palavras vai todo o heroísmo do austero missionário às margens do Jordão.

Repetidas vezes, encontramos os discípulos de João em conflito com os apóstolos de Jesus e até com o próprio Messias. Certa vez, perguntaram, descontentes, porque é que os discípulos do Nazareno não jejuavam como eles, os discípulos do Batista.

Em outra ocasião referem ao mestre, muito contrariados: Eis que aquele homem de quem deste testemunho às margens do Jordão — eilo a batizar! e todo o mundo vai atrás dele!

Por mais que João lhes explicasse que assim é que devia ser, e que Jesus, era, de fato, o Messias prometido na lei antiga, boa parte dos seus discípulos não tinham ainda chegado a convencer-se desta verdade; nem podiam abandonar o “amigo do esposo”, a fim de seguir o próprio “esposo”, como tinham feito André e João Evangelista, antigos discípulos do mesmo Precursor.

Numa destas ocasiões, quando os discípulos de João vieram visitar o mestre no cárcere, e novamente discutiam estas idéias, resolveu o prisioneiro lançar mão de um expediente, que acabasse de vez com

todas as dúvidas e discussões. Chamou a si dois dos seus discípulos e mandou-os a Jesus para lhe fazerem esta pergunta: “És tu aquele que devia vir, ou devemos esperar por outro?”

“Aquele que devia vir” era na língua do povo o nome do Messias, profetizado havia séculos como o salvador vindouro.

Partiram, pois, os emissários e foram apresentar-se a Jesus, dizendo:

— João Batista envia-nos à tua presença para perguntarmos se tu és aquele que devia vir, ou se devemos esperar outro.

Jesus sabia perfeitamente que a dúvida não era do Precursor, que já no ano anterior fizera solene a pública profissão de fé, dizendo: “Eis aí o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”

Nesta mesma ocasião, estava Jesus evangelizando as turbas, curando enfermos e expulsando espíritos malignos.

Quando, pois, o interpelaram, respondeu-lhes:

— Ide e contai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é pregado o Evangelho. É ditoso o homem que não se escandalizar de mim.

Resposta magistral! Era precisamente isto que João queria que seus discípulos vissem e ouvissem. Era o mesmo que dizer-lhes: Ide e dizei ao vosso mestre que estou cumprindo o que o profeta Isaías predisse do Cristo, como não ignorais, a saber: “Naquele tempo, se hão de iluminar os olhos dos cegos, serão abertos os ouvidos dos surdos, o coxo saltará como um veado, soltar-se-á a língua do mudo, e aos pobres será anunciado o Evangelho.”

JESUS ELOGIA O PRECURSOR

Assim que se foram os discípulos de João Batista, entrou Jesus a tecer um panegírico do seu Precursor.

Realçou-lhe a firmeza do carácter e a austeridade de vida.

Remontando ao tempo em que o silencioso eremita vivia na solidão do deserto, perguntou Jesus aos seus ouvintes:

— Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?

Do meio do auditório partiram negativas. Bem se lembrava o povo da intrepidez com que o vingador da moralidade pública lançara em rosto ao real libertino da Galiléia: ‘Não te é lícito possuíres a mulher de

teu irmão!” e sabiam todos que por causa desta corajosa franqueza jazia em ferros. O caráter de João era rijo como os cedros do Líbano, e não frágil como os canaviais do Jordão.

Prosseguiu Jesus:

— Que saístes, pois, a ver? Um homem em roupas delicadas?

Novas vozes no auditório; risadas talvez; porque o pelo hirsuto de camelo que o cobria não merecia, certamente, o nome de “roupa delicada”.

Continuou Jesus, dizendo:

— Com efeito, os que vestem roupas delicadas e vivem com luxo se encontram nos palácios dos reis.

O “luxo” do Batista eram gafanhotos e mel silvestre, e o seu “palácio real” era o deserto inóspito da Judéia...

— Que saístes, pois, a ver?

— Um profeta! — exclamou alguém.

— Um profeta? — respondeu Jesus. — Sim, digo-vos eu, e mais que profeta! Este é de quem está escrito: Eis que envio a preceder-te o meu arauto, a fim de preparar o meu caminho diante de ti. Declaro-vos que entre os filhos de mulher não há maior do que João Batista.

CAPRICHOS PUERIS

Ainda estava Jesus a falar de João Batista, quando viu entre os seus ouvintes diversos fariseus e doutores da lei, que trocavam olhares significativos, escarnecendo do Nazareno e da sua doutrina; porque, afinal de contas, os mestres de Israel, eram eles, ao passo que o *rabi* da Galiléia não passava de um pobre carpinteiro, que não frequentara nenhuma das escolas em voga.

Sabedor dos pensamentos deles, prosseguiu o Senhor:

— Com que hei-de comparar esta raça de gente? Com que se parecem eles? Parecem-se com crianças sentadas na praça a gritarem umas às outras:

A flauta vos temos tocado — e não bailastes!

Cânticos tristes tangemos — e não chorastes!

Espírito observador, tinha Jesus presenciado muitas vezes os divertimentos da meninada palestinese; às vezes, organizavam, na praça pública, dois partidos e se entretinham com jogos e brinquedos.

“Vamos brincar de baile” propunham uns. “Não! — replicavam outros — é mais bonito brincar de enterro!”

Mas, como nunca faltam crianças teimosas e cabeçudas, não chegavam a um acordo. Cada uma seguia as suas veleidades pessoais, cada uma achava insuperáveis os seus próprios caprichos. E por isso umas se queixavam das outras.

É como tais crianças que o Mestre compara os seus adversários, descontentes com a austeridade do Precursor, e insatisfeitos com a vida normal do Nazareno.

— Veio João Batista, que não comia nem bebia — e dissestes: Está possesso do demônio! Veio o Filho do Homem, que come e bebe — e dizeis: Eis aí um comilão e bebedor de vinho e amigo de publicanos e pescadores!

A nós, filhos do século XX, fazem estas palavras lembrar a conhecida história do “velho, do rapaz e do burro”!.

Não é possível contentar a todos!

Nem Tesus o conseguiu, ele, a infinita sabedoria.

MADALENA

Vivia em Mágdala uma jovem, que os evangelistas apresentam como “pecadora possessa de sete demônios”. Hoje em dia, muitos a identificam com Maria de Betânia, irmã de Lázaro e Marta. Mas há entre Mágdala e Betânia uma distância de uns três dias de viagem; Mágdala, na Galiléia (norte) e Betânia, na Judéia (sul).

É mais provável que a famosa pecadora Magdalena tenha sido outra Maria.

Como Mágdala tinha uma guarnição romana, é possível que Maria se tenha entregue a uns desses garbosos e poderosos dominadores do Império Romano, que abrangia a Europa, a Ásia e a África. Mas, depois de assistir a um dos sermões de Jesus, abandonou a sua vida desregrada, e esperava por uma oportunidade para testemunhar a sua gratidão ao Mestre que a iniciara numa vida nova e feliz.

E esse dia chegou.

Quando Jesus estava em casa de Simão, Maria entrou silenciosa e, sem dizer uma palavra, testemunhou com lágrimas e beijos seu amor e

sua gratidão a seu Mestre e Salvador. Ajoelhou-se aos pés de Jesus e, em silêncio, os cobriu com abundantes lágrimas.

Era fácil este ato, porque os judeus já haviam adotado o costume romano de reclinar numa espécie de sofá apoiando-se sobre o cotovelo esquerdo, e as mãos voltadas para fora. Nesta posição estava Jesus, quando Maria lhe lavou os pés com suas lágrimas e os beijou. Depois enxugou-lhe os pés com sua formosa cabeleira e os ungiu com uma essência preciosa que trouxera num recipiente de fino alabastro, deitando o resto do perfume sobre a cabeça de Jesus, que permitiu calmamente todas estas homenagens.

O doutor da lei estava indignado com aquele hóspede que permitia aquela atitude da parte de uma pecadora conhecida como tal em toda a c'dade.

*

No meio desta atmosfera carregada caíram subitamente as palavras serenas de Jesus:

— Simão, tenho a dizer-te uma coisa.

O fariseu soltou um suspiro de alívio. Parece que o Nazareno procurava prescindir da cena ingrata, e ignorar a pecadora ainda prostrada a seus pés.

Também para Madalena era um alívio; enquanto Jesus se entretinha com o anfitrião, podia ela como que submergir nas sombras suaves de um caridoso esquecimento; e podia dar livre curso às suas lágrimas, sem se ver transpassada pelos olhos impertinentes dos censores.

— Fala, Mestre — respondeu Simão.

Começou Jesus a contar uma das suas parábolas, e parábola bem singela.

— Certo credor — disse — **tinha dois devedores**. Um devia-lhe quinhentos **denários**, e outro **cinquenta**. Mas, não tendo eles com **que pagar**, **perdoou-lhes a dívida** a um e outro. **Quem deles lhe terá maior amor?**

Coisa fácilima! **pensou Simão consigo mesmo**, e, todo prazenteiro, **respondeu resolutamente**:

— **Aquele, julgo, a quem mais perdoou.**

— **Julgaste bem** — respondeu Jesus.

Até aqui a **parábola** era inofensiva. E Simão não atinava ainda **com o porquê** da digressão. Menos ainda sabia que **proferia sentença contra si mesmo**.

— **Vês esta mulher?**

Se ele a **via!... Era por demais visível, e visível demais tinha sido sempre nas ruas da cidade.**

Proseguiu Jesus, em tom pausado e firme, assim como o divino juiz, no fim do mundo, quando ler os atos dos pecadores, do livro da vida eterna.

— **Entrei em tua casa — disse — e não me deste água para os pés; ela, porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com seus cabelos. Não me deste o ósculo — ela, porém, não cessou de beijar-me os pés desde que entrou. Não me ungieste a cabeça com óleo — ela, porém, ungiu-me os pés com bálsamo. Por isso te digo que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; ao passo que a quem pouco se perdoa pouco ama.**

Simão cuidou ver a casa desabar-lhe sobre a cabeça! Estava aniquilado!. . . Ele, que se julgava infinitamente superior àquela “pecadora” — ver-se subitamente nivelado com ela? Colocado até abaixo dela?. . . Madalena, a impura, é mais pura aos olhos de Jesus do que o puríssimo fariseu!... E por quê? Porque ela possui um grande amor, ao passo que Simão não tem quase amor algum. Verdade é que Madalena cometera pecados maiores que o fariseu; porque era uma jovem de paixões veementes, tinha um coração dotado de uma ilimitada energia afetiva, capaz de descer às tenebrosas profundezas do vício — mas capaz também de ascender às excelsas culminâncias do amor e do heroísmo. Simão, pelo contrário, não era réu de grandes prevaricações, não por merecimento seu, mas pelo fato de ser uma alma vulgar, sem potencialidade; um homem medíocre, que não conhecia grandes precipícios, nem grandes alturas; era, por assim dizer, terra plana todo ele, ao passo que a alma de Madalena era uma região montanhosa, cheia de altos e baixos, cheia de sombras e de luzes; a vida de Simão era honestamente vulgar e indolentemente serena, era como um rio que se arrasta pesadamente por uma planície arenosa, sem quedas nem cachoeiras, sem riscos nem possibilidades para lances dramáticos — enquanto a vida da jovem de Mágdala se assemelhava a uma torrente caudalosa, que nascia em misteriosas alturas e se lançava, escachoante, monte abaixo, arrasando todos os diques — até se encontrar com o

divino engenheiro de Nazaré, o qual, longe de lhe paralisar a irresistível veemência, lhe canalizou as forças vivas, transformando-as em maravilhas de ordem, harmonia e beleza!...

Durante todo esse tempo, quedara-se Madalena imóvel, de olhos baixos e lábios trêmulos, a rezar um *confiteor* sem palavras, a cantar um salmo penitencial constante de lágrimas de contrição. Não podia e não queria retirar-se daí, de aos pés do Mestre, sem ouvir dos lábios dele a palavra do perdão. Não conseguiu proferir uma só palavra, porque a dor suprema é muda como os tenebrosos abismos do oceano; o amor supremo é silencioso como os luminosos píncaros das montanhas. Mais eloquente que palavras, falava-lhe o pranto com que regava os pés do bom pastor. A alma de Madalena jazia despedaçada aos pés da divina Misericórdia, assim como sobre os tapetes da sala rolava aquele vaso de alabastro, quebrado, e ainda rescender aromas suavíssimos...

Voltou-se Jesus para a penitente e disse-lhe:

— Os teus pecados te são perdoados; a tua fé te salvou — vai-te em paz!

E entrou a paz naquela alma — a paz da consciência, depois de longos anos de tormentos e de remorsos!. .. Uma primavera de graça e de inefável felicidade inundou a alma da jovem.

Madalena levanta-se, e, silenciosa como viera, retira-se da sala do banquete. Nem uma palavra lhe ouvimos; apenas um olhar a Jesus — e desapareceu.

Também Jesus se levantou. Por ora, nada mais “tinha que dizer” a Simão...

JESUS ALIADO DE SATANÁS

Dia a dia ia crescendo o prestígio de Jesus, de modo que os sacerdotes, escribas e doutores da lei se viam quase sem adeptos.

Certo dia, achava-se Jesus em Cafarnaum talvez em casa de Simão Pedro. Era na hora da refeição. Mas ele não encontrou tempo para tomar um bocado de pão, porque o povo como que invadia a casa onde se achava, para ouvir-lhe a palavra e ver curados os seus doentes.

Nisto apareceram à porta alguns dos seus parentes receosos de que acabasse mal aquele alvoroço popular, que não podia deixar de acirrar os ódios dos seus inimigos. Por isso, tentaram levá-lo consigo à força.

— Enlouqueceu! — diziam alguns deles, ou porque assim pensassem ou porque tal pretextassem para prendê-lo.

— Está possesso do demônio — exclamavam os escribas. — Tem aliança com *Beelzebub*, príncipe dos demônios!... É por virtude de *Beelzebub* que ele expele os demônios!...

Beelzebub era o nome de uma divindade pagã; os judeus davam esta alcunha ao chefe dos espíritos malignos.

A acusação era gravíssima: Jesus fez aliança secreta com o mais poderoso dos inimigos de Deus, a fim de expulsar os próprios demônios.

Com calma e serenidade responde Jesus a essa invectiva blasfema, fazendo ver o ilogismo e o contra-senso de semelhante acusação:

— Como pode Satanás expulsar Satanás? Um reino desunido em si mesmo não pode subsistir, e uma casa desunida em si mesma não pode ficar de pé. Se, pois, Satanás se rebelasse contra si mesmo, e consigo mesmo estivesse em conflito, como subsistiria o seu reino?

Era intuitiva a lógica deste argumento, tão intuitiva e clara que nenhum dos adversários achou que replicar.

Proseguiu Jesus, mostrando por uma comparação que ele é mais forte que satanás, tanto assim que expulsava os demônios.

Ninguém pode penetrar na casa do poderoso e tirar-lhe os utensílios sem que primeiro prenda o poderoso; só assim lhe pode saquear a casa.

Com esta comparação mostra Jesus que os demônios, entidades do mundo elemental, são armas e utensílios de Satanás, chefe do mundo mental revoltado contra Deus. Não identifica os *demônios* com *diabos*, como fazem muitos dos nossos teólogos e cristãos de hoje, mas considera os demônios como armas (panóplia) e utensílios (skene) de Satanás.

Como Jesus fez ver em outra ocasião, destruindo as armas e utensílios de Satanás, Jesus enfraquecia o domínio dele.

A MÃE E OS “IRMÃOS” DE JESUS

Enquanto Jesus falava a seus inimigos impenitentes, que o acoimavam de aliado de *Beelzebub*, continuavam a esperar, do lado de fora, os parentes dele, e não conseguiram chegar até onde ele estava, devido ao aperto da multidão.

Entrementes, chegara também sua mãe, cheia de solicitude pela sorte do filho.

Impossibilitados de romper caminho pela turba, mandaram dizer a Jesus que desejavam falar-lhe.

— **Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos? E, olhando em derredor e estendendo a mão sobre os seus discípulos, disse:**

— **Eis aqui minha mãe e meus irmãos! Pois todo aquele que cumpre a vontade de meu Pai celeste me é irmão, irmã e mãe.**

Quer Jesus dizer que os vínculos da afinidade espiritual e do amor estabelecem uma união mais íntima com ele do que os laços da carne e do sangue. E, quanto mais perfeito e generoso for o cumprimento da vontade do Pai celeste, tanto mais íntimo será a nossa afinidade espiritual com Jesus.

PARÁBOLAS DE JESUS(5)

As parábolas formam parte essencial da poesia do divino Mestre. As alegorias e símbolos são como pequeninas centelhas soltas de intensa labareda. As parábolas assemelham-se a outras tantas estrelas, astros que derramam jorros de luz através do universo do Nazareno.

Encontramos no Evangelho diversas categorias de parábolas.

Uma classe tem por objeto a natureza e as vicissitudes do *reino de Deus* neste mundo — são as parábolas do semeador, da sementeira a crescer, da erva daninha entre o trigo, do grão de mostarda, do fermento, do tesouro oculto, da pérola preciosa e da rede de pescar.

Outro grupo de parábolas gira em torno da oração e das suas propriedades — são as do fariseu e do publicano, do amigo importuno e do juiz iníquo.

Uma terceira categoria ilustra magistralmente *a miséria do pecador e as misericórdias do Pai celeste* — são as parábolas da ovelha desgarrada, da dracma perdida e do filho pródigo.

Um maravilhoso trio de parábolas tem por foco e centro a grande lei do amor — são as do rico gozador e do pobre Lázaro, a do bom samaritano e a dos dois devedores.

Os símiles das dez virgens da veste nupcial e dos trabalhadores na vinha focalizam a *natureza* misteriosa da *graça*.

Temos, finalmente, uma série de parábolas no Evangelho, que condenam *a impenitência de Israel*-, estão neste caso as das dez minas, dos vinhateiros perversos, do grande banquete e da figueira estéril.

O SEMEADOR

Estava a findar o segundo ano da vida pública de Jesus.

Expirava o inverno, e a primavera dispunha-se a celebrar a sua entrada nas terras da Palestina.

Seria, pois, em março ou abril do ano 32.

A vida de Jesus era a de um semeador.

Tal era a vida do Nazareno. Desde Jerusalém até Cafarnaum; desde as margens do Jordão até as fraldas do Líbano; ora entre as classes cultas da Judéia, ora entre os pescadores rudes da Galiléia; hoje com os hereges da Samaria, amanhã com os pagãos da Siro- Fenícia — por toda a parte espargia ele a semente dourada do seu Evangelho redentor.

Mas os terrenos — ai, quão diversos que eram! E o grãozinho de ótima qualidade, nem em todos os terrenos conseguiu deitar raízes e sazonar frutos.

E começou Jesus a descrever a sorte de vicissitudes da palavra que espalhava nos corações dos homens, e que seus discípulos levariam até as mais longínquas plagas do universo.

Numa daquelas formosas manhãs da primavera dirigiu-se ele às margens do Genesaré, não longe de Betsaida. Vinha cercado de grande multidão de povo, ávido de ouvi-lo. Não encontrando lugar mais apropriado, foi conduzi-las às praias do lago, subiu a uma embarcação, sentou-se e principiou a falar às turbas agrupadas nas sinuosidades do litoral, nas encostas das colinas e dos rochedos que se erguiam ao fundo.

— Escutai! — disse o Mestre, fazendo um gesto amplo com a mão.

Seguiu-se um grande silêncio. Nada mais se ouvia senão o suave murmúrio das ondas na arenosa praia.

Então prosseguiu Jesus:

— Eis que saiu um semeador a lançar a semente. E, ao semear, parte caiu à beira do caminho, e foi pisada aos pés, e comeram-na as aves do céu. Outra caiu em solo pedregoso; mas, depois de nascer, foi crestada pelo sol e secou por falta de umidade. Outra ainda caiu ao meio dos espinhos, e os espinhos cresceram à porfia e sufocaram a semente, e ela não deu fruto. Outra, enfim, caiu em terra boa, nasceu, cresceu e deu fruto, de trinta, de sessenta e de cem por um.

Após breve pausa, exclamou o Mestre:

— Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!

Calou-se, deixando o auditório imerso em cogitações. Cada qual repetia interiormente o que acabava de ouvir e alguns se puseram a procurar com os olhos a figura daquele sementeiro nos campos circunvizinhos. Quão vária era a sorte das diversas sementinhas.

*

Pela tarde, quando Jesus se achava a sós com os seus, aproximaram-se dele alguns dos discípulos, e, desejosos de conhecimento mais profundo, pediram ao Mestre que lhes explicasse o sentido da parábola, da manhã.

Jesus, atendeu prontamente, ao pedido e disse:

— A vós é dado conhecer os mistérios do reino de Deus. Escutai, pois, o sentido da parábola do sementeiro. A semente simboliza a palavra de Deus. É o Filho do Homem que a lança à terra. Encontra-se à beira do caminho nos que ouvem a palavra do reino; mas logo vem o diabo e lha tira do coração, para que não tenham fé nem se salvem. Acha-se em solo pedregoso nos que ouvem a palavra e a recebem com gosto; mas não têm raízes; crêem algum tempo, mas no dia da tentação desfalecem, e, quando rompe uma perseguição por causa do Evangelho, logo se escandalizam e desertam. Caiu entre espinhos nos que ouvem a palavra; sobreveem-lhes, porém, os cuidados mundanos, as riquezas falazes e os prazeres da vida, e sufocam a pregação, deixando-a sem fruto. Caiu em terra boa nos que ouvem as palavras, a guardam em bom e piedoso coração e produzem fruto pela perseverança, de trinta, sessenta e cem por um.

*

“Ao campo, em manhã ridente, Dirigiu-se o sementeiro, Caminhando indiferente,

Pelos gramados em flor.

Do saco que à mão levava Caíam-lhe os grãos à toa,

Que ele nunca examinava Se a terra era má, nem boa.

Ora em torrão pedregoso,

Ora da estrada à beira,

Ora em silvedo espinhoso,

Depois em fecunda leira.

E seguiu e foi andando Pelos campos que encontrou, Sempre, sempre semeando,

Té que o saco esvaziou.

Que sucedeu? a semente Que entre pedras foi cair Nasceu, viveu
curtamente e secou sem produzir.

A que à beira dos caminhos Desamparada ficou Comeram-na os
passarinhos, Nem ao menos germinou.

Cresceu fraquinha, enfezada, A do meio do espinhal.

Mas, das silvas apertada, Veio a morrer, afinal.

Só a última, a ditosa,

Que em bom terreno caiu, Vingou bela, vigorosa,

E frutos bons produziu.” (6)

A SEMENTEIRA A CRESCER

Acabava Jesus de propor aos seus ouvintes a parábola do semeador, analisando a história exterior, e as mil e uma peripécias do seu Evangelho neste mundo.

Faltava um ponto a ilustrar: a história *interna* dessa sementinha.

Para mostrar a força íntima do grão, a misteriosa vitalidade da palavra de Deus, passou ele a falar ao povo e aos discípulos nestes termos:

— **O reino dos céus é semelhante a uma semente que um homem lança ao campo. Durma ou vigie, quer de noite, quer de dia: a semente germina e vai crescendo sem que ele saiba como; porque a terra por si mesma produz, primeiro o pé, depois as espigas, e, por fim, o grão cheio na espiga. E, quando o fruto o permite, lhe mete a foice; porque é chegado o tempo da colheita.**

Comparação mais verdadeira não o podia o divino Mestre encontrar para concretizar a evolução paulatina do reino de Deus.

Contemplemos um grãozinho de trigo! Que coisa insignificante que é! Um pouco de substância branca, farinhenta, um germezinho minúsculo, e tudo isto envolto numa película delgada — nada mais!

Nada mais?!

Nada mais enxerga a vista humana! E venham os sábios do mundo todo, venham todos os lentes das Academias e Universidades, venham com todo o cabedal da sua ciência e com todo o arsenal dos seus instrumentos e aparelhos — não conseguirão descobrir nesse grãozinho outra coisa senão um pouco de farinha, um germe e uma película exterior.

Mas será que nestas coisas consiste a essência daquela semente?

Não! Isto é apenas o corpo, o esqueleto visível, mas não a alma do grão de trigo. É certo que ele tem uma alma — ou, se preferirem, um princípio vital — mas esse ser misterioso se subtrai a todas as nossas pesquisas e investigações. Pode a ciência compor um grão de trigo perfeitamente igual ao que a natureza produz; pode dispor todos os componentes materiais, com número, peso e medida, na mais rigorosa proporção — será sempre um cadáver de semente, e nunca uma sementinha viva e viável; falta-lhe nada menos que o principal: a alma, o princípio vital.

Deite-se à terra uma semente natural — eis que nasce a maravilha esmeraldina de uma planta, encerrando no seio a inexplicável propriedade de se reproduzir a si mesma.

Deite-se à terra uma semente artificial — não tardará a apodrecer, sem deixar vestígio de si.

Eis o que acontece com o reino de Deus — eis o que sucede com as criações humanas!

O reino de Deus possui uma misteriosa força intrínseca, invisível, mas real. O olhar do homem nada disto compreende, porque lhe falta a visão espiritual.

Em virtude daquela misteriosa vitalidade, o grão- zinho germina, brota, cresce, floresce, frutifica e se reproduz, incessantemente, sem que necessária seja uma nova intervenção da parte do semeador; pois aqui atua uma virtude imanente e quase automática.

O mesmo acontece com a semente evangélica, o reino de Deus na terra: uma vez lançado no seio da humanidade, ele segue a sua marcha através dos séculos, expandindo a sua vitalidade intrínseca por toda a parte onde encontre terreno propício, algum coração humano que lhe ministre as seivas e os elementos necessários para poder germinar, crescer e produzir frutos. Basta que a vontade humana lhe ofereça um terreno favorável.

* * *

O grãozinho que se deita à terra não tem haste, nem folhas, nem flores, nem frutos; mas todas essas maravilhas orgânicas se acham latentes, potencialmente inclusas, nessa sementinha. Brotam-lhe do seio com espontânea e irresistível necessidade. A planta perfeita, com todas as suas partes e os seus órgãos, não é uma falsificação da semente, é, sim, seu desenvolvimento natural.

O reino de Deus em nossos dias tem aspecto algo diverso do que existia no tempo dos apóstolos e dos cristãos das catacumbas.

Modificou-se, portanto, o Evangelho? Adulterou ele o seu caráter? Falsificou a sua natureza primitiva?

Desenvolveu-se apenas, e nada mais. Desentranhou-se em formas visíveis o misterioso princípio vital, que desde o início se achava oculto em seu seio.

Que diríamos de um grão de trigo que, depois de lançado à terra continuasse invariável, sem ostentar uma folha, uma florzinha, uma espiga? Não seria indício de morte ou de enfermidade?

E que idéia formar de uma religião que não evoluísse, sem prejuízo da genuinidade do seu princípio vital? Religião morta, doentia, estagnada!

A mensagem do Cristo será sempre a mesma em sua essência e natureza; a sua alma não conhece mudança; mas deve e há de necessariamente expandir-se incessantemente até à consumação dos séculos.

É esta a vontade do divino Semeador.

ERVA DANINHA NO TRIGAL

Pela primeira vez, recorre Jesus à sua imagem predileta, comparando o seu Evangelho, neste mundo a um trigal.

Mas por entre o trigal não tardam a introduzir-se outras ervas, que lhe roubam parte das seivas.

Fato análogo se dá no reino de Deus, diz Jesus.

— Acontece com o reino dos céus o que sucedeu a um homem que semeara boa semente no seu campo: enquanto a gente dormia, veio seu inimigo e semeou joio no meio do trigo, e foi-se embora. Quando, pois, cresceu a sementeira e deitou espigas, apareceu também joio. Apresentaram-se então os servos do dono da casa e lhe disseram: Senhor, não semeaste, porventura, boa semente no teu campo? De onde lhe vem, pois, o joio? Foi meu inimigo que isto fez — respondeu o dono. Tornaram-se os servos: Queres que vamos arrancá-lo? Não — replicou ele — para que não aconteça que, arrancando o joio, arranqueis juntamente com ele também o trigo. Deixai crescer um e outro até à colheita, e no tempo da colheita direi aos meus ceifadores: Colhei o joio

e atai-o em molhos para queimar; o trigo, porém, recolhei-o nos meus celeiros.

Melhor do que nós compreenderam os palestinos o sentido e alcance desta parábola.

O joio de que Jesus fala é uma erva daninha muito conhecida no Oriente. Antes de frutificar, se parece a tal ponto com o trigo, que é impossível distingui-lo. Só mais tarde, quando espigado, é que se acentuam as diferenças entre as duas plantas; pois, enquanto o trigo produz umas espigas grandes e louras, situadas no ponto mais alto da haste, o joio dá umas espiguinhas miúdas, que assentam nos ângulos das folhas e contêm uns grãos pretos ou cinzentos, que, ingeridos, causam vertigens ou uma espécie de intoxicação. Os semitas lhe chamam *zizania*; os latinos, *lolium*, o que deu joio, em nossa língua.

Não é raro, no Oriente, vingar-se alguém de seu desafeto semeando-lhe bons punhados de *sizania* no meio da lavoura. Nos autos criminais dos tribunais romanos encontramos mais de uma vez mencionado este delito.

À noite, foram os discípulos ter com Jesus e lhe disseram:

— Mestre, explica-nos esta parábola.

Respondeu-lhes Jesus:

— Aquele que semeia a boa semente é o Filho do Homem. O campo é o mundo. A boa semente são os filhos do reino. O joio são os filhos do mal. O inimigo que o semeia é o diabo. A colheita é o fim do mundo. Os ceifadores são os anjos. Pois, assim como se recolhe o joio e se deita ao fogo para queimar, assim acontecerá também no fim do mundo: enviará o Filho do Homem os seus anjos que recolherão do seu reino todos os escandalosos e todos os que praticam iniquidades, e os lançarão à fornalha de fogo. Ali haverá choro e ranger de dentes. Os justos, porém, brilharão como sóis no reino de seu Pai.

Todos os homens, bons e maus, têm os mesmos direitos à sua evolução, determinada pela convicção ou livre-arbítrio. Mas nem todos têm o mesmo destino final: Os bons entram na vida eterna, ao passo que os maus sucumbem à morte eterna.

A morte eterna é a extinção da própria individualidade humana. Mas, essa extinção é precedida por um período de grande sofrimento, que é temporário.

Segundo as inexoráveis leis cósmicas, quem pode deve e quem pode e deve não faz, cria débito — e todo o débito gera sofrimento.

Nem a vida eterna nem a morte eterna, ou extinção, são criadas por Deus, mas são criação do próprio livre- arbítrio humano, como vem ilustrada pela parábola dos talentos, onde os dois primeiros servos entraram no gozo de seu Senhor; e o terceiro perdeu a própria individualidade humana.

Esse destino final não coincide com os poucos decênios da vida terrestre, mas é o ponto final de todo o ciclo evolutivo da existência humana, que pode levar milhares ou milhões de anos ou séculos.

O joio se separa do trigo, por sua própria evolução intrínseca, e não por alguma intenção extrínseca.

O GRÃO DE MOSTARDA

Fizera Jesus ver na parábola do semeador que apenas uma pequena parte da semente evangélica chegava a produzir fruto, ao passo que o resto pereceria infrutífero.

Mostrara ainda, na parábola do joio entre o trigo, que até essa pequena percentagem que encontrara terreno propício tinha os seus inimigos, a cizânia, que tentava roubar-lhe a seiva da terra e a luz do céu.

Certamente, não faltou entre os ouvintes, ou talvez entre os apóstolos, quem observasse com um suspiro de desânimo: Mestre, se tantos são os perigos e inimigos do reino de Deus, como se expandirá ele pelo mundo todo, como pretendes?...

Bem lembrados estavam os ouvintes do que lhes dissera o profeta de Nazaré na parábola da sementeira a crescer, que era de uma inesgotável vitalidade intrínseca a semente do Evangelho, e que não necessitava de uma nova intervenção do divino Semeador.

Mas, ainda que não perecesse de todo a sementeira do reino de Deus, chegaria ela jamais a abranger o mundo todo? E quantos séculos não levaria essa expansão mundial?...

Resolveu o Mestre responder a essa interrogação tácita dos seus ouvintes, propondo a parábola do grão de mostarda.

Se as três comparações tinham por cenário o campo amanhado pelo homem, esta, como também a seguinte, tem por teatro a horta e a casa, domínios da atividade feminina.

Disse, pois, Jesus:

— **Com que coisa diremos se parece o reino dos céus? Ou sob que parábola o representaremos?**

Depois de assim aguçar a atenção do auditório, lança um olhar sobre a cerca da horta vizinha e vê um pé de mostarda. E logo, numa inspiração súbita, prossegue:

— O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que alguém tomou e semeou na sua horta. Quando semeado na terra, é ele o mais pequenino de quantos grãos de semente existem; mas, depois de crescido, faz-se maior que todas as hortaliças, chegando a ser árvore, e criando ramos tão grandes que as aves do céu vêm pousar à sua sombra.

Corria entre os hebreus o provérbio popular: Tão pequeno como um grão de mostarda. Jesus se adapta a este modo de falar, ainda que haja sementes mais pequenas que a mostarda. Entre as hortaliças de que trata a parábola, dificilmente se encontrará semente tão minúscula e que produza arbusto tão grande, que até merece o nome de árvore; pois às margens do Jordão, a mostarda atinge 3 a 4 metros de altura, e até hoje os árabes falam em árvore de mostarda.

Mas não somente em altura senão também em expansão e rapidez de crescimento, leva de vencida a maior parte das suas congêneres; estende os seus frondosos ramos para todos os lados, convidando a passarinhada a descansar | sua sombra, beliscar as vagens e suspender os seus ninhos por entre verde folhagem.

Assim, diz o Mestre, há de acontecer com o meu reino. Ainda agora é ele um grãozinho de mostarda; um punhado de homens, e nada mais. Mas a virtude que a semente evangélica encerra é grande, e o terreno em que foi semeada é de uma extraordinária fertilidade. Por isso, há-de em breve expandir os seus ramos, muito além das balizas desta pequena horta doméstica da Palestina, e abranger todos os países do mundo, convidando milhares e milhares de almas a descansar à sombra das suas frondes, comer dos seus frutos e aninhar-se por entre a viridente folhagem.

O FERMENTO

“O reino dos céus é semelhante ao tormento, que uma mulher toma e mistura com três medidas de farinha, até ficar levedada toda a massa.”

Vibram nesta pequena parábola reminiscências de Nazaré, daquela querida Nazaré em que Jesus passou a sua infância e mocidade. Quantas vezes não terá ele ajudado a Maria nas lides domésticas! Quantas vezes não

terá assistido, à manipulação da massa de farinha na tina de madeira! Via como a mãe deitava dois dedos de levedura na massa farinhenta, misturando-a e entregando-a depois à sua atividade automática. E, ao cabo de algumas horas, a tina estava muito mais cheia que a princípio — toda a massa fermentada!

Sobre o fundo destas reminiscências borda o Mestre uma linda parábola. Mostra uma predileção em comparar o seu reino com as coisas mais humildes e insignificantes — humildes e frágeis na aparência, mas poderosas na realidade. Os profetas do Antigo Testamento se comprazem em comparar a *Yahveh* e sua atividade no mundo, com o ribombar do trovão, com a força irresistível do raio, com a veemência do mar, com a potência devoradora da chama, com o bramir do tufão, com a majestade régia do leão, com os vôos arrojados da águia, etc.

A poesia de Jesus é outra. Compara-se a si mesmo com o bom pastor, com um pai extremoso, com um carinhoso médico ou enfermeiro, até mesmo com uma galinha-mãe a chamar para debaixo das asas a pipilante ninhada.

Neste ambiente de suavidade — de fraqueza aparente e força real — se move a maior parte das alegorias que tece em tomo do caráter de seu reino na terra.

Quem de nós teria ousado traçar um paralelo entre o reino de Deus e um grão de mostarda? E até de um punhado de fermento?

“O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e mete em três medidas de farinha, até ficar levedada toda a massa.”

Processo misterioso, esse da fermentação! Séculos decorreram sem que a ciência humana descobrisse a causa deste fenômeno. Só o especialismo do último século conseguiu averiguar que a fermentação é devida a umas criaturinhas microscópicas, chamadas fungos, que se multiplicam rapidamente por simples divisão, penetrando na massa e produzindo nela uma decomposição química; forma-se, desfarte, grande quantidade de ácido carbônico, que faz aumentar a massa até ao triplo do volume primitivo. A massa não fermentada é compacta e consistente, e dá um bolo mais ou menos insípido e indigesto; ao passo que a massa fermentada é toda porosa e fofa, e dá um pão saboroso e de fácil assimilação.

E esta diferença tão notável provém de uma força oculta, invisível, que transforma toda a massa, por maior que ela seja; produz efeitos poderosos

sem aparecer; o fenômeno é bem visível enquanto a causa continua latente e misteriosa. Pois, ainda que a ciência nos diga e rediga que este processo consiste na atividade de pequenos fungos, nem por isso está solucionado o problema, e a fermentação continua a ser um enigma.

Assim acontece também com o reino do Cristo.

O Evangelho não é um engenhoso sistema filosófico, como o de Aristóteles ou de Platão; os seus arautos não são cintilantes oradores, como Demóstenes e Cícero; o poder natural do reino de Deus não se compara com o império dos Césares; a sua riqueza nada tem de comum com os tesouros de Alexandria; não dispõe de formidáveis legiões para enviá-las à conquista do mundo, com grande fragor e estardalhaço de armas. Não, Jesus dispõe apenas de uma dúzia de apóstolos, sem dinheiro nem prestígio social, sem preparo nem eloquência. . . Mas, que importa? A doutrina do Nazareno é um fermento,, que irá penetrando, lenta, mas seguramente, toda a massa do império romano e o mundo inteiro; e todas as pessoas e todos os povos, que não opuserem resistência à ação da levedura evangélica, acabarão por se transformar em massa nova e pão saboroso.

O que decide não é a quantidade, mas sim, a qualidade.

O TESOURO OCULTO E A PÉROLA PRECIOSA

Depois de propor três parábolas dos domínios do homem do campo, duas do reino da mulher, passa Jesus a acrescentar mais um par de alegorias, que tem por fundo a vida comercial. Atende, assim, às exigências de todas as classes de ouvintes.

O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda? A um fermento? Terão perguntado alguns dos ouvintes, meneando a cabeça. Mas que valor tem uma sementinha dessas? Ou um punhado de levedura?. ..

Nestas comparações frisava o Mestre, de preferência o poder intrínseco do Evangelho, e sua expansão mundial; mas não o seu grande valor.

Passa, depois, a ilustrar o valor do reino de Deus, que, apesar de tão modesto ainda, é contudo merecedor de todos os esforços e dos maiores sacrifícios. Quem

0 conquiste é homem feito e pode tranquilamente abrir mão de todos os bens terrenos; porque, possuindo em si o reino de Deus, possui muito mais

do que o mundo todo lhe possa dar. Nada pode perder quem tudo possui em Deus.

Disse, pois, Jesus:

— O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto num campo. Um homem encontra esse tesouro, e logo, cheio de alegria, vai vender tudo quanto possui e compra aquele campo. Ainda o reino dos céus é semelhante a um negociante que anda à cata de pérolas preciosas, e, tendo encontrado uma pérola de grande valor, vai vender todos os seus haveres e compra essa pérola.

É, costume, desde tempos remotíssimos, enterrar, em período de guerras ou revoluções, dinheiro ou cofres cheios de ouro, no recanto mais escondido de algum campo, para subtraí-los aos olhos dos ladrões. Perecendo o dono do tesouro, ficava este depositado às vezes por séculos e séculos no fundo da terra, até que algum felizardo o encontrasse.

A lei romana dispunha que um tesouro assim, sem dono conhecido, pertencesse ao dono do campo. Alguém o descobre, e, sem mais, trata de adquirir por compra aquele campo, mesmo com a perda de um terreno muito melhor, porque sabe que o tesouro descoberto lhe compensará todos os prejuízos.

** |

Era grande, no Oriente, o comércio de pérolas preciosas. Segundo o historiador romano, Plínio, na escala de valores, vinha a pérola genuína, logo após o diamante; segundo outros, era-lhe mesmo superior. A pérola, como é sabido, nasce nas profundezas do mar, na escuridão de uma concha. Os antigos pescavam- na principalmente no Golfo Pérsico e nas costas da Arábia, bem como nas vizinhanças da ilha de Ceilão, ou nos mares Vermelho e Indico. A sua exploração é uma empresa cheia de trabalhos e perigos. Mas, quem tem a sorte de pescar uma pérola perfeita e de primeira qualidade toma-se um homem rico de um dia para outro.

No tempo de Carlos V existia no tesouro nacional da Espanha uma pérola adquirida por uma soma que em nossa moeda equivaleria a milhões de cruzeiros.

O Xá da Pérsia possui uma pérola de um valor incalculável.

A pérola mais preciosa tem cor branca, de brilho intenso.

O feliz negociante que encontra uma preciosidade destas nas mãos dos pescadores, vai para casa, vende toda a sua fortuna, e procura adquirir quanto antes este tesouro, com medo de que outro lh'o arrebate.

◆ * *

Tesouro assim, pérola de tão subido valor, diz Jesus, é o reino de Deus. Todos os outros objetos têm valor apenas para alguns anos ou decênios, até à hora da morte; para além destas fronteiras não circulam valores materiais; ali o mais belo dos brilhantes, a mais perfeita das pérolas, são coisas tão sem vâlór' como uma folha seca que o vento leva, ou um caco de vidro colorido.

Por isso, por mais pequenino que pareça o reino de Deus na terra, vale a pena sacrificar todas as riquezas do mundo, todas as honras e elogios dos homens, todos os prazeres da vida, a saúde e a própria vida, para conquistá-lo.

A REDE

Termina Jesus a primeira série das suas parábolas sobre o reino de Deus com um símile tirado da vida dos pescadores: Pedro, André, Tiago, João, Tomé, Natanael; também Filipe era natural da aldeia marítima de Betsaida, e, por isso, exercia provavelmente a mesma profissão. Pão e peixe era o passadio dos gali-leus que habitavam nas vizinhanças do grande lago de Genesaré, tão rico em todo o gênero de peixes.

Achava-se Jesus, talvez, numa barca, sobre as águas do lago, quando propôs esta parábola. Os ouvintes agrupados pela praia, escutavam, atentos e interessados:

— O reino dos céus é semelhante a uma rede de pescar que se deita ao mar e que recolhe toda a sorte de peixes. Quando cheia, puxam-na fora, e sentando-se na praia, os pescadores recolhem os peixes bons nos seus vasos, e lançam fora os maus. O mesmo sucederá no fim do mundo; sairão os anjos e separarão os maus do meio dos justos, lançando-os à fornalha de fogo; ali haverá choro e ranger de dentes.

Mais de uma vez compara Jesus o ministério apostólico com a profissão de pescador. “Eu vos farei pescadores de homens” — diz ele a seus discípulos, e, em particular, a Simão Pedro: — “Não temas, que daqui por diante serás pescador de homens.”

É, pois, de supor que, na presente parábola, sejam os apóstolos os que lançam a rede, a fede do Evangelho. O mar significa o mundo com todos os seus abismos e com todas as suas tempestades. Milhares de peixes se deixam prender pela rede evangélica; mas nem todos são discípulos genuínos. Assim como no meio daquele esplêndido trigal havia muito joio, assim também se encontram na mesma rede numerosos peixes imprestáveis.

A rede de que fala a parábola não é uma pequena tarrafa, dessas que uma pessoa maneja com facilidade, mas é uma rede de arrasto; rede que mede geralmente centenas de metros. Para deitá-la ao mar e para recolhê-la à praia são necessárias muitas pessoas; enquanto está dentro d'água ninguém sabe o que ela contém; só quando chega à praia é que aparece o conteúdo.

TEMPESTADE NO LAGO

Depois de esclarecer a inteligência de seus ouvintes com a luminosa exposição da natureza e das vicissitudes do reino de Deus aqui no mundo, resolveu o Mestre fortalecer-lhes a vontade, e encher-lhes de uma grande confiança o coração mediante uma série de prodígios.

Jesus sentia-se fatigado. Mas, as multidões alvoroçadas não lhe davam sossego; apertavam-se cada vez mais em torno do Mestre; este recorreu ao expediente de subir a uma das barcas de pescadores, que encontrou na praia.

Por fim, despediu o povo, e deu ordem aos discípulos para se fazerem de voga, rumo à banda oriental do lago de Genesaré.

A hora não era favorável para esta travessia; todo o pescador da Galiléia, atendendo à direção dos ventos, demandava de manhã à margem oriental e voltava de tarde.

Mas a ordem de Jesus era lei para os apóstolos.

Empunharam, pois, os remos e partiram, olhos fitos no horizonte setentrional, onde começavam a fuzilar relâmpagos.

O lago de Genesaré fica mais de **200** metros abaixo do nível do Mar Mediterrâneo. Em consequência disto, se esquentam as camadas inferiores da atmosfera, sobem, deslocam-se, e das alturas geladas do grande Hermon se precipitam as massas aéreas mais frias, sobre as planícies e as águas.

Exausto de fadiga, retirou-se Jesus para a ré da embarcação, e adormeceu.

Entrementes, se esfuminhavam cada vez mais os contornos do litoral de Cafarnaum, desmaiando gradualmente, envoltos num mundo de vapores azulados suspensos nos ares, qual gaze levíssima. A breve trecho, não se distinguia mais nada senão as luzes mortíferas da cidade. Nos alterosos penhascos da margem oposta também se tinham esvaído os derradeiros clarões do arrebol.

Após uma boa hora de voga, estava o barco quase no meio do lago, a zona mais perigosa, porque mais exposta aos ventos.

Ouviu-se então pelas bandas do nordeste o ronco longínquo de um trovão; e logo outro e mais outro ribombo a rolar, soturno e cavo, pela taciturna vastidão do espaço. Quase ao mesmo tempo, uma rajada de vento se precipitou dos glaciares do Hermon sobre as águas mornas de Genesaré. Deslumbrantes coriscos rasgavam o firmamento noturno de lés a lés, e um insano vendaval começou a varrer as planuras de Genesaré, empolando em temerosos escarcéus as massas líquidas do lago, uivando pelos mastros da embarcação e jogando-a doidamente da popa à proa, da direita para a esquerda, qual casquinha de ovo.

A intrépida maruja lutava com quantas forças tinha, bordejando com destreza, equilibrando a nau, aparando com o leme e a palamenta o sanhudo embate das vagas.

Mas a tormenta redobrava de furor, de minuto a minuto. Ao sinistro clarão dos raios apareciam, temerosos fantasmas, enormes montanhas líquidas coroadas de espumas, avançavam contra a embarcação, levantavam-na sobre o vacilante dorso, e logo a deixavam tombar fragorosamente ao vale profundo das águas gorgole jantes. E antes que a barca pudesse reequilibrar-se do choque e alçar a proa, novo vagalhão desabava sobre o convés, varrendo tudo que não fosse firme, e enchendo d'água o bojo da lancha.

Dest'arte foi o pesado batelão corcoveando e doidejando à mercê dos elementos em fúria, gemendo a cada investida; e mais de uma vez pareciam as pranchas desconjuntar-se e dar no sepulcro úmido do Genesaré. O próprio Simão Pedro, velho lobo do mar, afeito a todas as tormentas, estava desnortado e não sabia mais que fazer.

E o Mestre?

Este dormia tranquilamente na popa da nau.

Dormia a bom dormir. Parecia ignorar por completo o que se passava em torno dele. . .

Por que abandonava ele assim os discípulos, que por ordem dele tinham empreendido a travessia?

Ao terror que se apoderara dos apóstolos se associou ainda uma tal ou qual desconfiança, ao verem o Mestre dormindo. Tinham fé no poder dele; mas não o criam assaz poderoso para lhes valer naquele perigo, ele, submerso no sono.

Depois de muito hesitar, vendo o perigo tocar o auge, um dos discípulos correu ao tombadilho, agarrou o Mestre por um braço, sacudiu-o fortemente e bradou em tom angustioso:

— Mestre, não te importa que vamos a pique? Salva-nos, Senhor, que perecemos!...

Jesus abriu os olhos, pôs-se de pé e disse aos apóstolos:

— Homens de pouca fé, por que temeis?

Depois, em pé sobre a proa da barca, contemplou por um momento o temeroso espetáculo; estendeu a mão direita com um gesto autoritário e disse ao vento:

— Cala-te!

E disse ao mar:

— Sossega!

E eis que no mesmo instante amainou o vento e acalmaram as ondas, e fez-se uma grande bonança.

Nem mais um sopro, nem mais uma vaga; silêncio nos ares, silêncio no mar; o lago dormia e as estrelas do céu se espelhavam na serena placidez da sua superfície. ..

Todos se quedaram estupefatos, e, transidos de terror, diziam uns aos outros:

— Quem é este, que manda ao vento e ao mar, e eles lhe obedecem?

O que encheu do mais vivo espanto e admiração os pescadores da Galiléia foi a calma repentina dos elementos revoltos; bem sabiam eles que as águas do lago, uma vez agitadas, não se acalmavam de um momento para outro; levavam longas horas, até finalmente voltarem ao equilíbrio normal das suas massas.

E agora esta bonança subitânea!...

Tomaram a empunhar os remos e chegaram ao país dos gerasenos.

OS POSSESSOS DE GERASA

Depois de serenar a tempestade do lago de Genesaré, fez Jesus arpoar a barca, em linha reta, para o país dos gerasenos. Gerasa — hoje Kersa — era uma cidade situada numa planície estreita, entre a praia oriental do lago e as montanhas abruptas do litoral. Para o sul de Gerasa declina o terreno em rampa assaz pronunciada, indo morrer nas águas de Genesaré. Fazia parte da Decápole, isto é, do complexo das “dez cidades” que estavam sob o

domínio direto do império romano. A sua população era quase integralmente gentia.

É bem notável esta visita de Jesus às terras do paganismo, quando, por via de regra, se limitava a falar aos filhos de Israel. Justo era, entretanto, que também os pagãos recebessem algumas “migalhas” do lauto festim do Evangelho; mas tarde seriam eles os convivas principais.

Mal havia Jesus saltado em terra com os seus apóstolos, quando se viram em face de um espetáculo mais terrível que os horrores da tempestade que acabavam de presenciar; já não eram os elementos desencadeados, era a tirania dos demônios a intervir nos destinos da vida humana. Jesus, porém, que se mostrara senhor da tormenta, havia também de revelar-se superior às potências maléficas.

Da margem do lago, conduzia uma estrada larga para Gerasa; mas Jesus, mui de propósito, escolheu um trilho solitário pelas montanhas. Por quê? Talvez para se encontrar com aquelas vítimas do demônio.

De um dos dois endemoninhados refere o evangelista o seguinte:

“Estava possesso de um espírito impuro. Havia muito tempo que não vestia roupa, nem habitava em casa, mas vivia nos sepulcros”. . .

Quer dizer, nas cavernas e espeluncas abertas nas dependências rochosas da montanha, que serviam para sepultura dos mortos.

“Haviam-no já trazido preso, de pés e mãos, com grilhões e cadeias, mas ele rompia os liames, e era impelido pelo espírito maligno para o deserto. Ninguém o podia dominar. Passava dia e noite nos sepulcros ou nos montes, gritando e ferindo-se com pedras. Era tão perigoso que já ninguém ousava transitar por aquele caminho.”

Quando avistou a Jesus, veio correndo e prostrou-se aos pés dele com um grito estridente:

— Que temos nós contigo, Jesus, filho do Altíssimo? Viestes para atormentar-nos antes do tempo?

É que Jesus ia ordenando ao espírito impuro que saísse do homem; porque desde largo tempo o tinha em seu poder.

Bradou então o espírito:

— Conjuuro-te por Deus que não me atormentes!

— Qual é o teu nome? — perguntou Jesus.

— Legião — respondeu ele — porque somos muitos.

É que tinham entrado numerosos demônios naquele homem.

Ora, andava pastando por ali no monte uma manada de porcos. Começaram, pois, os espíritos a rogar a Jesus que não os expulsasse daquela região, nem os mandasse para o abismo, mas que lhes permitisse entrarem nos porcos.

— Ide! — disse-lhes Jesus.

Eles, saindo do homem, entraram nos porcos. E logo toda a manada, que eram uns dois mil, se precipitou ladeira abaixo, para dentro do lago, onde se afogou.

À vista disso, os pastores que os guardavam fugiram, e, percorrendo a cidade, as povoações e os campos, contaram o que acabava de suceder.

Saíram então os habitantes a ver o que acontecera, e foram ter com Jesus. E encontraram, sentado a seus pés, o homem do qual tinham saído os demônios, vestido e de perfeito juízo.

E os que haviam presenciado o fato foram contar aos outros o que se tinha passado com o possesso, como ficara livre da legião, e a cena com os porcos.

Então toda a população do país dos gerasenos rogou a Jesus que se retirasse do meio deles; porque estavam possuídos de grande terror.

Jesus embarcou, mas, no momento em que ele ia subir à barca, veio o homem do qual tinham saído os espíritos malignos e solicitou-lhe a permissão de ficar com ele. Jesus, porém, o despediu com estas palavras:

— Volta para casa e conta aos teus que grandes coisas te fez o Senhor e como se compadeceu de ti.

Foi-se ele e pôs-se a apregoar pela cidade e em toda a Dacápole o que lhe fizera Jesus.

E toda a gente se encheu de pasmo.

•

É sempre terrífica a ingerência de potências invisíveis na esfera da ordem natural.

Sumamente estranho é também o procedimento dos gerasenos. Vendo o seu extraordinário poder sobre os espíritos malignos, deviam tê-lo retido com empenho e hospedado com todo o carinho, para que lhe prodigalizasse ainda mais desses benefícios; porque, certamente, aqueles dois homens, não eram os únicos endemoninhados; pois era terrível o domínio que esse mundo infra-humano exercia, e exerce ainda sobre o mundo humano. Parece que toda aquela população estava, até certo ponto, sob a influência

do mau espírito; os próprios demônios pedem a Jesus que não os expulsa daquela região.

Por isso não podiam os gerasenos deixar de se sentir mal na vizinhança de Jesus, e pediram-lhe enca- recidamente que se retirasse do seu território.

Em outros, talvez, predominasse o receio de verem repetidas nas suas propriedades aquela catástrofe com os porcos, e preferiram perder a Jesus a sofrerem aquele prejuízo material.

E Jesus embarcou. Parece que esta ligeira estada na margem oriental do lago não tinha outro fim senão o de curar esses pobres homens e patentear o seu poder sobre as potências dos abismos. Não consta que tenha ensinado nessa região pagã. Em todo o caso, lhes deixou um apóstolo na pessoa de um dos seus patrícios, e precisamente aquele que fora o mais infeliz de todos.

Pode Deus suscitar das pedras filhos a Abraão — e dos endemoninhados pode fazer apóstolos do seu reino.

A MULHER HEMORROÍSSA

Acabava Jesus de regressar de Gerasa, em companhia de seus discípulos. Saltaram em terra nas praias de Cafarnaum. Compacta multidão de povo aí se aglomerava, à espera do Mestre. Além da costumada avidez de ouvirem a palavra do Nazareno, impelia-os a curiosidade de saberem que fim haviam levado Jesus e os seus, naquela tormenta da noite anterior. Teriam perecido nas águas do Genesaré? Estariam salvos nas bandas d'além?

Foi, pois, com vivo alvoroço e grande júbilo que viram chegar a Jesus, são e salvo, com todos os seus apóstolos.

Estes últimos, mal se viram em terra firme, logo contaram ao povo as peripécias daquela noite de borrasca — bem como os horrores que tinham presenciado em Gerasa, e como o Mestre expelira do corpo daquele homem uma legião de demônios, que foram apoderar-se de uma manada de suínos.

Nesse ambiente de sensacionais novidades caiu de improviso — como por ocasião do banquete de Levi — a nota dissonante da miopia espiritual de certos homens incapazes de andar senão sobre trilhos previamente alinhados. Alguns dos discípulos de João Batista, que tinham ouvido a doutrina, mas não assimilado o espírito do grande arauto do Cristo, exprimiam a sua estranheza ao verem que os apóstolos de Jesus não guardavam o jejum, naquele dia, quando eles jejuavam rigorosamente.

Toma Jesus a dar-lhes a mesma resposta que já lhes dera em outra ocasião.

Estava a falar ainda com os queixosos — quando um distinto cavaleiro de Cafarnaum abriu caminho pela multidão apinhada, prostrou-se aos pés de Jesus e disse com voz angustiada:

— Senhor! Minha filha está para morrer!. . . Mas vem, impõe-lhe a mão, e ela será salva. . .

Chamava-se Jairo esse homem, e era chefe da sinagoga do lugar; sem dúvida, aquela mesma sinagoga que lhes mandara edificar o centurião romano, cujo servo, fora, pouco antes, curado por Jesus. Por isso, é bem de crer que Jairo fosse amigo do centurião e tivesse notícia daquele prodígio, bom como do outro que Jesus operara, anteriormente, na pessoa do filho moribundo do funcionário real da mesma cidade. Era, pois, grande a confiança que o chefe da sinagoga tinha no poder e na bondade do profeta de Nazaré, embora a sua fé não igualasse a do comandante da guarnição romana; julgava indispensável, para obter a cura de sua filha, a presença corporal de Jesus.

E o Mestre condescende com a fé imperfeita do pedinte, e, sem tardança, se põe a caminho.

Enquanto Jesus ia subindo da praia para a cidade, atropelado pelas massas populares, procurou aproximar-se dele uma mulher que, havia doze anos, sofria de um fluxo de sangue. Refere o evangelista Marcos, que a pobrezinha havia padecido muito da parte dos médicos, e que com eles dispendera toda a sua fortuna, sem encontrar melhoras, mas que até ficara pior do que a princípio. Lucas, que era médico, refere o mesmo, omitindo, porém, o último aditamento: que tinha piorado com o tratamento médico. Para que desprestigiar assim os seus colegas de profissão?

Não ignorava a enferma os milagres que Jesus fizera em tantas pessoas. E dizia consigo mesma, cheia de fé e de confiança: Se eu conseguir tocar sequer numa das borlas do seu manto, serei curada.

Levava Jesus sobre a túnica, consoante o costume judaico, um manto quadrangular com quatro borlas pendentes das pontas. Eram cor de jacinto essas borlas, tecidas de fios de lã ou de linho, e simbolizavam a perene recordação dos mandamentos de Deus. Vinham elas presas em cordões, a que os judeus chamavam *gedilitn*; a borla mesma levava o nome de *sisit*, que quer dizer flor.

Espreitava, pois, a hemorroíssa um momento asado para tocar com a mão numa dessas borlas do manto de Jesus, que flutuavam no ar enquanto ele caminhava. Não se atrevia a apresentar-se de frente, envergonhada, talvez, da sua moléstia, ou por motivos de timidez natural. Aproximou-se do taumaturgo por detrás e tocou rapidamente numa das borlas.

E eis que no mesmo instante se sentiu penetrada de uma força estranha. Estava curada.

Mas sua alegria foi algo turbada pelas palavras do Mestre, que parou, olhou em derredor e perguntou em tom severo:

— Quem foi que me tocou?

Todos negaram.

Disse então Pedro, com aquela espontânea e rude franqueza que o caracterizava:

— Ora, Mestre, as multidões te atropelam, e ainda perguntas quem te tocou? . . .

Jesus, porém, insistiu com o mesmo rigor, lançando olhares inquisitoriais em torno de si:

— Alguém me tocou, porque saiu de mim uma força!

Queria dizer: Alguém me tocou, não como me tocam os demais, mas de um modo especial, com a intenção de se aproveitar do meu poder.

Bem sabia ele o que acontecera; mas procedeu deste modo por motivos especiais, como costumava fazer frequentemente.

Vendo então a mulher que não podia ficar oculta e sentindo os olhos de Jesus fitos em si, apresentou-se cheia de medo, prostou-se-lhe aos pés, confessando o que fizera e como ficara curada no mesmo instante.

Desanuviou-se o semblante de Jesus, e, benevolente, disse:

— Tem confiança, minha filha! Tua fé te curou, vai-te em paz, e fica livre da tua enfermidade! . . .

E desde então ficou curada a mulher.

Diz uma antiquíssima tradição cristã que essa hemorroíssa se chamava Serápia, e que é idêntica àquela mulher que, mais tarde, caminho do Calvário, ofereceu uma toalha a Jesus, na qual o divino mártir imprimiu seu rosto ensanguentado, restituindo-lhe esta primeira imagem do *Ecce homo*, e que, a partir daí, ficou Serápia com o sobrenome de Verônica, que quer dizer: verdadeira imagem.

A FILHA DE JAIRO

Devia Jairo estar bem contrariado com todas essas demoras. O incidente com a hemorroíssa fizera Jesus perder bastante tempo, detendo-o em plena estrada. Mas o Mestre, mesmo nos casos mais urgentes, nunca dá sinal de pressa ou afobamento; sempre a mesma calma e serenidade, como quem se sente perfeitamente senhor da situação, e não precisa de precipitar-se ao encontro do termo, porque está a cada instante no ponto final da jornada.

Mas um pai de família, com uma filhinha moribunda em casa, dificilmente se podia conformar com essas delongas. E é certo que o chefe da sinagoga de Cafarnaum insistiu delicadamente com Jesus para que acelerasse a marcha, e volvia olhares de censura àquela mulher, que era a causa desse atraso; se andara doze anos com seu mal, por que não podia esperar mais uma hora? O caso dele era mais urgente — e, afinal de contas, ele, Jairo, era a primeira autoridade religiosa do lugar...

E, saber sua filha doente, às portas da morte — que ânsias, que angústias para a alma do pai!

Enquanto Jesus ainda estava falando com a mulher que acabava de sarar, veio correndo um mensageiro da cidade e disse a Jairo:

— Não incomodes mais o Mestre!. . . Tua filha acaba de morrer!...

Jairo estremeceu, como se uma punhalada lhe varara o coração.

Jesus percebeu a consternação dele, e disse-lhe em tom tranquilo e firme:

— Não temas! É só teres fé, e tua filha será salva!. . .

E logo tomou consigo a Pedro, Tiago e João, separou-se da multidão, e seguiu a Jairo.

Quando chegaram à casa da falecida, encontraram um bando de gente em alarido, como sói acontecer em ocasiões dessas — cenas de desespero!

Todo o israelita, por mais pobre que fosse, contratava para as exéquias de uma pessoa da família ao menos dois flautistas e uma carpideira. Em casa de Jairo, homem conspícuo e chefe da sinagoga, não faltava certamente, uma boa dúzia de carpideiras. Os músicos tangiam elegias fúnebres, as mulheres choravam e lamentavam em altas vozes, torcendo as mãos e desgrenhando as cabeleiras.

À vista desse espetáculo, disse Jesus:

— Por que esse alvoroço e esse choro?. . . A menina não está morta, dorme apenas!. . .

Riram-se e escarneceram dele, porque sabiam que ela estava morta. Jesus também o sabia; mas para o seu poder era tão fácil ressuscitar do sono da morte um defunto, como despertar do sono natural um adormecido qualquer. O mesmo dissera ele por ocasião da morte de Lázaro: Nosso amigo Lázaro dorme; mas eu vou despertá-lo do sono. E despertou-o.

Em seguida, levando consigo os pais da menina e três apóstolos privilegiados, entrou no quarto da defunta, tomou-a pela mão e disse:

— *Talitha, cumi!* — que quer dizer: Menina, levanta-te!

E no mesmo instante ela se levantou, e pôs-se a andar.

Mandou Jesus que lhe dessem de comer.

Encheram-se de pasmo indizível os pais, e todos os circunstantes se quedaram estupefatos em face de semelhante prodígio.

E espalhou-se por todo o país a notícia deste acontecimento.

OS CEGOS DE CAFARNAUM

Saindo da casa de Jairo, viu-se Jesus rodeado instantaneamente de grande multidão, ávido por saber do ocorrido; e, quando então viram a menina, rediviva e de perfeita saúde, assomando à janela ou no topo da escada, foi indescritível o pasmo dos espectadores.

Jesus dirigiu-se a largos passos para a casa de Simão Pedro, à beira do lago, onde, parece, residia habitualmente.

Pelo caminho, vieram atrás dele, às apalpadelas, dois cegos, que começaram a bradar em altas vezes:

Jesus, filho de Davi, tem piedade de nós!

Tinham ouvido que passava Jesus de Nazaré, o grande profeta. “Filho de Davi” é o título oficial e clássico pelo qual o Antigo Testamento designa o Messias, que os profetas tinham vaticinado como sendo da estirpe real de Davi. É a primeira vez que nos Evangelhos aparece este nome — e vem dos lábios de homens cegos! Parece que os cegos viam melhor do que os que tinham dois olhos. . .

Jesus segue o seu caminho, sem lhes prestar atenção. Assim ao menos parecia. Chegou à casa que demandava. Mas os cegos não o largaram. O tristíssimo estado em que viviam, sabe Deus há quantos anos, tornava-os ousados e os impelia a recursos extremos. E, apesar das repetidas quedas, chegaram à casa de Simão Pedro, sempre aos gritos de: “Jesus filho de Davi”, tem piedade de nós! tem piedade de nós!. . .

De nós. . . O infortúnio os fazia companheiros, e o seu angustioso brado é um doloroso protesto de solidariedade. A desgraça comum une os homens; cada um clama por todos, e todos por um: tem piedade de nós!”...

Sem pedir licença a ninguém, penetram afoitamente na casa em que Jesus acabava de entrar, e, prostando-se aos pés do taumaturgo, repetem o seu lancinante estribilho: “Jesus, tem piedade de nós!. . . tem piedade de nós!”...

Voltou-se o Mestre para eles e perguntou-lhes:

— Tendes fé, que eu vos possa fazer o que pedis?

— Temos fé, Senhor! — bradaram eles a uma voz, concordes na mesma dor, concordes na mesma fé.

Em face dessa profissão de fé saída do abismo da miséria, não se conteve o coração de Jesus, rico para todos que o invocam. Colocou-lhes a mão sobre os olhos apagados, um por um, para lhes mostrar o muito que queria a cada um deles, e disse:

— Faça-se convosco conforme a vossa fé!

E logo se lhes abriram os olhos.

Ordenou Jesus que a ninguém o dissessem — talvez para não acirrar demasiadamente o ódio dos seus adversários.

Eles, porém, cheios de gratidão e entusiasmo, foram divulgando o acontecimento por toda aquela região.

MISSÃO DOS DISCÍPULOS

Pela segunda vez, foi Jesus visitar os seus conterrâneos de Nazaré, e pela segunda vez encontrou neles tão grande falta de fé, que não lhe foi possível operar aí muitos milagres, como diz o evangelista.

Os nazarenos não crêem que Jesus seja mais do que eles; pois se o conhecem desde pequeno como o filho do carpinteiro José, sem nenhum poder superior que manifestasse durante aqueles **30** anos!

Retirou-se, pois, de Nazaré, não sem tristeza no coração, pois amava os seus conterrâneos, os companheiros da sua juventude; e pôs-se a percorrer, em companhia dos apóstolos, as cidades e povoações da Galiléia.

Certo dia, viu-se ele rodeado de uma grande multidão de povo, e todos a olhá-lo, famintos e sequiosos, todos ávidos de ouvirem alguma notícia daquele misterioso reino de que sempre falava, e no qual cada um deles esperava entrar um dia.

E Jesus, contemplando aquela ignorância, e aquele abandono espiritual em que jaziam os filhos de Israel, sentiu a alma confrangida de dor, porque “os via entregues à miséria e ao abandono, como ovelhas sem pastor.”

Assim era aquele povo. Tinha, sim, os seus pastores, que todos os sábados, na sinagoga, lhe ofereciam o repasto espiritual. Mas que tristes pastores eram eles, e que alimento apresentavam, por via de regra, àquele povo, que ansiava por uma coisa melhor!... Apascentavam mais a si mesmos do que ao rebanho, como diz Isaías. Em vez das grandes revelações de Deus, vinham com as suas mesquinhas tradições humanas. Até a idéia do Messias fora adulterada por esses pastores, de modo que Israel não reconheceu o seu Salvador, quando lhe apareceu. Tinham roubado a chave da ciência — eles mesmos não entravam no reino de Deus, nem deixavam entrar aos que o desejavam.

Em face desse doloroso espetáculo, se voltou Jesus aos seus discípulos e lhes disse:

— A messe é grande, sim; porém, os operários são poucos. Rogai portanto, ao senhor da messe para que mande operários à sua seara.

O “senhor da messe” era o Pai celeste; ele, Jesus, era, por assim dizer, o administrador da lavoura evangélica.

Em seguida, impelido pelo amor às almas e pelo desejo de salvá-las da ruína, convoca os doze discípulos, comunica-lhes os seus poderes, dá-lhes várias diretivas e os envia, dois a dois, pelo mundo afora, a fim de trabalharem como operários na seara das almas.

E, para que pudessem desempenhar devidamente tão árdua missão, dá-lhes o Mestre as instruções seguintes:

“Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis nas cidades dos samaritanos; mas ide ante as ovelhas que se perderem da casa de Israel.”

Mais tarde, a ordem seria esta: “Ide pelo mundo inteiro, pregai o Evangelho a todos os povos!” Mas não era prudente que, desde o início, os apóstolos enfrentassem com todo esse mundo de dificuldades, para não caírem vítimas do pessimismo. Por isso, para inaugurar o seu apostolado, convinha que em primeiro lugar se dirigissem aos seus patrícios, aos israelitas, que com eles partilhavam a mesma fé num só Deus, e professavam as mesmas verdades reveladas. É a judiciousa pedagogia do Mestre.

Qual o objeto da sua pregação? Deviam levar a Israel a mais consoladora das mensagens:

“Ide e anunciai: Está próximo o reino dos céus!”

E, para darem maior realce às suas palavras e exibirem as credenciais divinas da sua missão, deviam mostrar o poder que o Mestre lhes outorgara:

“Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, tornai limpos os leprosos e expulsai os espíritos malignos.”

Antes de tudo, porém, deviam pregar com o próprio exemplo.

“De graça recebestes — de graça dai! Não leveis coisa alguma para a viagem, nem ouro, nem prata, nem dinheiro nas vossas cintas; não leveis bolsa nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão; porque o operário bem merece o seu sustento.” Quer dizer, tendes direito a receber o sustento material das mãos daqueles a quem dais o alimento espiritual. Se de graça d^js os dons de Deus, é justo que de graça vos dê o povo os dons da terra para a vida.

“Quando entrardes numa cidade ou aldeia, informai-vos quem há nela que seja digno; e aí ficai até seguides viagem. Entrai nessa casa e dizei: A paz seja com esta casa!”

Também para o caso de não serem recebidos lhes dá o Mestre as competentes instruções:

“Onde não vos quiserem receber, nem vos ouvirem, deixai essa casa ou essa cidade, e sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles. Em verdade vos digo que melhor sorte caberá, no dia do juízo, a terra de Sodoma do que a uma cidade assim!”

Com isto despediu Jesus os seus discípulos, marcando-lhes o dia do regresso.

E eles se puseram a caminho, animados de um jubiloso otimismo, uns para o norte, outros para o sul, quais para o leste, quais para o oeste.

E verificaram que o poder do Mestre os acompanhava.

MORTE DE JOÃO BATISTA

Enquanto os apóstolos empreendiam a sua primeira excursão evangélica, percorrendo as regiões da Galiléia, tombou a cabeça do maior dos profetas.

Havia um ano, ou pouco mais, que o intrépido vingador da moralidade pública fora lançado em ferros por Herodes Antipas, a quem exprobara a sua união escandalosa com Herodias, mulher de seu irmão Filipe.

Bem dissera Jesus, que o seu precursor não era nenhum caniço agitado pelo vento. Não! J le não se dobrava aos caprichos do rei; sucumbisse

embora o corpo à violência, à força bruta, a alma resistiria invicta a todas as tempestades. Ele, o grande engenheiro de Deus, era enviado para preparar os caminhos do Messias, remover os obstáculos que impedissem a passagem. E que maior óbice havia a enterrar a vitória do Evangelho da pureza do que o adúltero e incestuoso no trono da Galiléia?

Àquela hora, jazia o grande herói nos escuros subterrâneos do castelo de Maqueronte, às margens solitárias do Mar Morto. Não se atrevera Herodes a matá-lo, porque o estimava como um profeta, e frequentes vezes o visitava e se entretinha com ele; e, toda vez que voltava de um desses colóquios singulares travados à penumbra do cárcere, diz o texto grego, se sentia grandemente perturbado. Pudera, não! É difícil matar a consciência, não se consegue nem mesmo à força de um dilúvio de pecados ou de um inferno de crimes. Como podia o escravo da luxúria permanecer tranquilo e sereno em face do herói da moralidade, cuja vida austera era, por si só, uma condenação do sibirismo do tetrarca?

Além dos motivos interiores, Herodes receava as iras do povo, que venerava o Batista como um profeta. A morte violenta de João, era de temer que o povo da Galiléia se aliasse a Aretas, rei dos Árabes e pai da legítima esposa repudiada pelo tetrarca adúltero.

Herodias, ao invés, ardia por ver correr o sangue do importuno pregador da moralidade; receava por sua posição de rainha e favorita, e não via com bons olhos os frequentes colóquios do real amigo com o intransigente arauto da moralidade.

A mulher, quando é má, é mais perversa do que o homem; porque a sua psicologia se move em campos extremos.

Até que, finalmente, soou a hora da vingança!

Chegou o aniversário natalício de Herodes e o príncipe ofereceu um banquete aos grandes do seu reino. Compareceu às luxuosas salas do castelo grande número de oficiais do exército, e próceres da Galiléia e Peréa. Serviram-se raras iguarias, corriam em profusão os vinhos capitosos de Chipre, levantavam-se entusiásticos vivas e brindes, ressoavam risadas folgazãs pelo vasto recinto.

Eis senão quando, pelo fim do banquete, aparece na sala uma mocinha gentil, e põe-se a executar, por entre as mesas, uma daquelas danças tão usadas em Roma e nos países orientais, em ocasiões festivas. Chama-se Salomé, a bailarina, diz-nos a tradição, e era filha de Herodias com seu legítimo esposo Filipe. . .

O estratagema não era, de certo, improvisado, mas astutamente calculado pela rancorosa amante do príncipe. Conhecia-lhe os fracos; sabia que não resistiria à estonteante volúpia e aos bamboleios carnis da sedutora sereia seminua e fulgurante de jóias.

E não falhou o cálculo.

Tão encantado se sentiu Herodes com a graça e desenvoltura da jovem que, num acesso de leviandade, lhe disse:

— Pede de mim o que quiseres, que te darei!

E, como ela hesitasse, acrescentou:

— Juro que te darei, ainda que seja metade do meu reino!

A dançarina, em vez de formular o seu pedido, desapareceu da sala, foi ter com a mãe, referiu-lhe as palavras do rei, e perguntou:

— Que pedirei?

— A cabeça de João Batista! — respondeu a mãe, sem um momento de hesitação. Para o seu coração vingativo aquela cabeça decepada seria uma satisfação muito maior do que a posse de todos os reinos de Herodes; o seu reino era o ódio, a vingança...

Pressurosa, Salomé lançou mão de uma bandeja, apresentou-se ao rei e disse:

— Quero que me dê, agora mesmo, nesta bandeja, a cabeça de João Batista!

O rei estremeceu. Não esperava por semelhante petição. Embora com o cérebro enevoado pelo vinho e os sentidos a arder de sensualidade, não deixou de perceber a atrocidade de semelhante desejo.

Alguns dos convivas apoiaram calorosamente a criminosa exigência da jovem. Por isso, não ousou Herodes dar ouvidos à voz da consciência. Chamou um dos guardas e ordenou que degolasse a João no cárcere e entregasse a cabeça a Salomé.

E assim se fez.

Voltou a mocinha à sala do banquete, levando nas mãos a bandeja com o troféu sinistro da vingança de uma mulher. Aquele sangue quente, aqueles olhos entreabertos, aqueles lábios descorados, aquela cabeleira desgrehada — Deus do céu, que contraste com os prazeres e as orgias do festim!... A cabeça decepada de um mártir do dever, no meio daqueles escravos das paixões!.. .

Salomé deu-se pressa a levar o sanguinolento espólio a sua mãe. Um prazer satânico estremeceu pelo corpo de Herodias; os seus olhos brilharam

em chama sinistra, quando, finalmente, viu diante de si muda para sempre, aquela boca, imóveis aqueles lábios que com tão duras verdades a tinham fulminado!

Diz São Jerônimo que aquela mulher perversa a exemplo do que fizera Fúlvia com a língua de Cícero, lançou mão de uma agulha e pôs-se a picar furiosamente a língua do profeta; porque ainda lhe soava aos ouvidos aquelas palavras: “Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão.” Já não era aquela língua que as proferia, mas era a consciência de Herodias que as repetia sem cessar: Não te é lícito... Não te é lícito... E o verme da má consciência não se mata nem a força de agulhadas, nem a golpe de espada.

Ignoramos que fim levou a cabeça do precursor, em que abismo a terá lançado aquela adúltera? Sabemos tão-somente que vieram os discípulos de João e sepultaram o corpo com todas as honras.

Em seguida, foram dar parte do ocorrido a Jesus.

*

E Jesus? Que faz?

Deixa correr as coisas a bom correr. Não parece estranho que não se interesse pela sorte de seu Precursor, de seu grande e abnegado amigo?... Nenhuma visita, nenhuma palavra de conforto, nenhum milagre para o libertar — quando qualquer mendigo da rua lhe merece um prodígio do seu poder, uma maravilha do seu querer!... Ressuscita da morte pessoas sem importância — e para João Batista — nada, nada absolutamente! ..

Como se compreende isto?

Não se compreende — admira-se! É que um herói como João não tinha disto necessidade, toda a sua consolação, todo o seu paraíso na terra estava em ter preparado os caminhos do Senhor e em poder regar com o próprio sangue o caminho que o Messias não tardaria a ruborizar com o seu. Preparara os caminhos do Nazareno em vida, esse grande arauto de Deus — e mais ainda os preparou com a sua morte...

Por isso, nenhuma queixa passa dos lábios do Precursor, nenhuma tristeza lhe invade a alma, nenhum ressentimento se aninha no seu coração.

E Jesus, que de tudo sabia, parece indiferente à sorte de seu grande Precursor, que ele denominou, um dia, o maior entre os “filhos de mulher”. Não o visita, não o preserva da morte.

Inescrutáveis são os caminhos de Deus. No mundo presente, ninguém deve esperar o reequilíbrio da justiça. Se outra vida não houvesse, ninguém podia crer na justiça das leis eternas.

João, porém, era um vidente cósmico; por isto não se queixa da aparente indiferença de Jesus, mas sofre em silêncio, na escura masmorra até a morte violenta.

PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

Aproximava-se a Páscoa judaica do ano **32**.

Enquanto, às margens do Mar Morto, se desenrolava a cena de ódio e de sangue que fez tombar a cabeça do maior dos profetas, percorriam os apóstolos as terras da Galiléia, anunciando a boa nova da redenção, curando toda a sorte de enfermidades e expulsando demônios.

Depois do prazo marcado, regressaram para junto do Mestre, e, cheios de júbilo e satisfação, contava cada um os seus feitos e os frutos que colhera nesta primeira missão. O que mais de tudo os impressionara eram os exorcismos, a expulsão dos maus espíritos; era só esconjurá-los em nome de Jesus de Nazaré, e logo eles fugiam como cães medrosos, abandonando os corpos das suas vítimas.

No meio dessas alegrias, caiu como sombra lúgubre a notícia da morte violenta do Precursor. E Herodes, instigado por Herodias, armava ciladas também a Jesus; porque bem sabia que as idéias que o Batista nutrira, no tocante à vida do tetrarca e da sua amante, eram também as do Nazareno.

Entretanto, o homem põe e Deus dispõe. Para Jesus, não era ainda chegada a hora. E, enquanto não chegasse essa hora ninguém lhe podia fazer mal. Contudo, para não exasperar desnecessariamente a seus inimigos, lançou mão do expediente que a prudência lhe sugeria: retirou-se para uma região solitária.

A causa principal deste seu passo eram os apóstolos. Vinham exaustos de fadiga. Tinham trabalhado muito, esses novéis missionários. Precisavam de descanso corporal e de recolhimento.

Pelo que Jesus, os convidou para passarem com ele à margem oriental do lago de Genesaré.

Partiram. Fizeram a travessia do lago e procuraram uma região solitária que lhes permitisse o desejado descanso e recolhimento.

Era bem acertada a escolha do lugar. A nordeste do lago, não longe da embocadura do Jordão, alvejava a cidadezinha de Betsaida Júlias. Mais para o leste, desdobra-se uma planície emoldurada por uma cadeia de

montanhas. Vem esse vale banhado por quatro arroios e amenizando por bosques de oleandros, que, à guisa de verdejantes oásis, se disseminam, aqui e acolá, pelas extensas planuras.

Estava-se em princípios da primavera, e o verde-gaio das campinas contrastava agradavelmente com os tons mais cerrados das moitas e o variegado matiz dos jardins e pomares em flor.

Para essa pitoresca solidão se encaminhou Jesus com os seus discípulos, deixando muito atrás de si as habitações humanas. E foram seguindo, seguindo, até se verem nas fraldas dos montes, embalados na quietude daquelas paragens desertas. Jesus, tão amigo dos homens, não era menos amigo da solidão.

O povo, porém, não tardou a descobrir o paradeiro do Mestre, e, sempre ávido de vê-lo e ouvi-lo, foi-lhe ao encalço.

Acresceram ainda a essa torrente humana diversas caravanas de romeiros, que vinham de longe, pela estrada de Damasco-Cafarnaum, com o fim de assistir às solenidades pascaís em Jerusalém. Atraídos pelo que viam e ouviam, armaram as suas tendas nos descampados de Betsaida Júlias, e foram escutar a mensagem de Jesus.

Outros, por seu turno, aproveitaram a oportunidade para levar à presença do taumaturgo os seus doentes, pedindo-lhe impusesse as mãos e os curasse. Assim, foi que, em vez do suspirado recolhimento, se viram Jesus e os discípulos novamente em pleno tumulto da vida, e com um hospital improvisado em torno de si.

E Jesus, dirigiu-se às turbas e começou a falar-lhes do reino de Deus.

A maior parte dos ouvintes tinha vindo de longe. As provisões de boca, que alguns levavam consigo, não passavam de umas broas de pão e umas tâmaras.

Pelo que, ao cair da tarde, principiou o povo a indispor-se com o cansaço e o sentimento de fome. As crianças choravam e pediam pão.

Além dos **5.000** homens, que compunham o auditório, achavam-se presentes também numerosas mulheres e crianças. Não será exagero calcular o número de ouvintes em cerca de **10.000** pessoas.

Com os amigos de Jesus, tinham acudido também muitos adversários dele: os fariseus e escribas, os sacerdotes e doutores da lei, que fiscalizavam e criticavam a pessoa e doutrina do *rabi* de Nazaré, e procuravam apanhá-lo em alguma palavra incauta.

Não era pouco o trabalho dos discípulos empenhados em manter a disciplina no meio do povo. Não tinham mãos a medir com os pedidos e as reclamações.

Houve entre os discípulos quem aconselhasse o Mestre a que despedisse as multidões para que fossem procurar comida e pousada pelas casas mais próximas.

— Dai-lhes vós de comer — respondeu-lhes Jesus.

Os discípulos encolheram os ombros e deitaram ao Mestre uns olhares de quem não atina com o que se lhe diz.

Filipe, um dos mais familiares de Jesus, inquiriu se era realmente desejo dele que os discípulos fossem comprar pão para todo aquele povo.

Ao que Jesus ordenou que verificassem qual a quantidade de provisões de que dispunham.

Foram verificar. Voltou André e informou ao Mestre que se encontrava ali um membro com cinco pães de cevada e dois peixes assados. E logo acrescentou, com um gesto de desânimo:

— Mas que é isto para tanta gente?

Voltou-se Jesus para Filipe, o qual, parece, estava quebrando a cabeça com a solução do difícil problema econômico, e perguntou-lhe:

— Então, Filipe, onde é que vamos comprar pão?

Filipe cravou no Mestre um olhar incrédulo e replicou hesitante:

— Duzentos dinários de pão não seriam suficientes para dar um bocado a cada um.

Tal era a situação. Todos se achavam em apuros e insolúveis dificuldades, todos — menos Jesus, que se conservava tranquilo e calmo; sabia perfeitamente, desde o princípio, o que ia fazer; mas, para tornar mais patente e palpável o milagre, esmerou-se em frisar devidamente a situação precária e a absoluta falta de recursos naturais.

Nisto, apresentou-se o menino com o cestinho de provisões. Jesus subiu até meia encosta de uma das colinas, e ordenou aos discípulos que fizessem o povo sentar-se na relva, em ranchos maiores e menores, os homens de um lado, as mulheres e crianças do outro.

Sem tardança, foram os discípulos espalhar-se no meio da multidão, e com muito jeito e paciência organizaram os competentes grupos. Não era, de certo, a primeira vez que lidavam com o povo.

Entrementes, vinha caindo a tarde. Ao oeste, por entre os azulados recortes da serra, declinava lentamente o disco avermelhado do sol; e os

seus últimos reflexos purpúreos bailavam, trêfegos, quais gotas de sangue, sobre o espelho plácido do Genesaré. Pelos raros arbustos da vizinhança, ciciavam baixinho as brisas vespertinas, trazendo no hálito a fragrância de flores recém-desabrochadas.. .

A planície de Betsaida Júlias fervilhava de peregrinos, ostentando uma pitoresca variedade de cores e de trajos, desde a blusa grosseira de pescador, até às sedas finíssimas e as preciosas pérolas das abastadas proprietárias de Cafamaum.

Nisto tirou Jesus do cestinho de vime um dos pãezinhos de cevada, colocou-lhe em cima uma posta de peixe, benzeu-os e entregou-os aos discípulos para que os distribuíssem ao povo.

O mesmo fez com os outros pães e peixes.

Os discípulos tomaram as provisões e, correndo à roda, de pessoa a pessoa, de rancho a rancho, foram servindo os alimentos — e eis que o pão e o peixe se lhes multiplicavam nas mãos, de um modo incompreensível. Por mais que distribuíssem, não acabavam nunca de esgotar a provisão.

Era um milagre, esse, operado aos olhos de milhares de pessoas amigas e inimigas.

Enquanto o povo satisfazia a fome e comentava, alvoroçado, o inaudito prodígio, conservava-se Jesus em pé, no alto de um outeiro próximo.

Depois de todos fartos, levantaram-se e Jesus ordenou aos discípulos que recolhessem os sobejos do pão e do peixe, para que não fossem pisados aos pés.

Coligiram, pois, os pedaços espalhados pela grama e encheram nada menos de doze cestos. Quer dizer que, depois de saciados aqueles milhares de homens, restou ao menos doze vezes mais do que existia a princípio.

* * *

Costumamos dizer que Jesus multiplicou os poucos pães e peixes em milhares. Mas semelhante multiplicação só podia ser uma divisão, cada um dos milhares de homens só receberia uma migalha e não explica como sobraram, depois, ainda doze cestos de fragmentos, mais do que havia no princípio.

O que Jesus fez na verdade foi materializar a luz cósmica em forma de pão e de peixe. Sabemos hoje pela ciência atômica que toda a matéria é energia congelada, e a energia é luz condensada. Quem tem poder sobre as leis da natureza pode transformar a luz em qualquer matéria.

Na chamada multiplicação de pães e de peixes, transformou Jesus a • luz cósmica do Universo em matéria de pão e de peixe. A ciência de hoje sabe que todas as matérias do Universo são luz invisível transformada em matéria visível. Uma criatura que possui esse poder pode materializar a luz, e pode também lucificar a matéria.

JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS

Profunda foi a impressão que em todos produziu o estupendo prodígio da multiplicação dos pães. Milhares de homens, amigos e inimigos, o presenciaram, e ainda lá estavam eles na extensa planura de Batsaida Júlias, aos grupos, comentando o inédito acontecimento.

De súbito, correu de boca em boca a palavra sensacional de que Jesus era, de fato, o grande profeta anunciado pelos videntes da lei antiga. E logo alguns dos mais ardorosos — e os galileus eram almas de fogo! — começaram a bradar: “Viva Jesus Nazareno! Viva o rei de Israel!”

Qual fogo em rastilho, alastrou-se este grito pela multidão alvoroçada; e de repente todos à uma clamaram, em delírio de entusiasmo: “Viva Jesus, nosso rei! Viva o filho de Davi! Viva o rei de Israel!”...

Também os discípulos tomaram parte na manifestação — e não foram os últimos! Cuidavam ver chegada, finalmente a hora, tão suspirada; estava para ser proclamado solenemente o reino messiânico, e eles seriam os primeiros ministros desse reino — assim o entendiam lá consigo os bons apóstolos. Filhos do seu tempo, imbuídos das idéias do seu povo, não podiam compreender que o reino de Cristo não fosse deste mundo. Só mais tarde se capacitariam do verdadeiro caráter do reino messiânico.

Pedro, sem dúvida, andou de grupo em grupo, verdadeiro “chefe político”, atizando fogo do entusiasmo popular e como lhe saltava o coração no peito de incontida satisfação, ao ver que nada menos de **5.000** homens válidos estavam decididos a levar o grande profeta em triunfo para Jerusalém, exaltá-lo no trono de Davi e proclamar a independência de Israel!...

Entre as mulheres não era menor o alvoroço. Até as crianças se sentiam contagiadas do entusiasmo geral e começaram a cantar louvores ao Nazareno, como mais tarde, no Domingo de Ramos, cantariam os meninos de Jerusalém.

E Jesus que faz?

Apenas viu crescer o entusiasmo popular, deu ordem categórica aos seus discípulos para embarcarem imediatamente, e passaram à margem ocidental do lago.

“Compeliu-os”, diz o Evangelista, por sinal que quase à força os obrigou a embarcarem; nem lhes permitiu que se despedissem o povo; ele mesmo ia despedi-lo.

Encaminharam-se, pois, os discípulos à praia e embarcaram, muito a contragosto, é certo, mas obedientes como sempre. Sentaram-se nos bancos toscos da lancha, empunharam os remos — e ei-los novamente na faina prosaica de todo o dia e de todos os anos!...

Lá se fora, como uma miragem do deserto, a visão poética do reino do Cristo!...

Com um sentimento de acerba tristeza e dolorosa decepção, relancearam um derradeiro olhar saudoso, para as planícies de Betsaida Júlias... Depois, deixaram a praia e se fizeram ao largo...

Tristes perspectivas!... Os discípulos estavam cansados, cansados de corpo, depois de servirem umas **10.000** pessoas; e mais cansados ainda de alma... Vinha caindo a noite. O vento lhes era contrário... E o Mestre não vinham com eles... Estaria zangado?... Quem o podia compreender?... Não tinham eles agido com a melhor boa fé?... Se queria estabelecer o seu reino, por que não aproveitou esta ocasião única?... Nunca mais voltaria hora tão propícia.

Enquanto os discípulos deixavam a margem oriental do lago, despediu Jesus rapidamente o povo, ordenando-lhes que sem demora se retirassem e fossem para casa. Depois retirou-se e muito sozinho, foi subindo as alturas de um monte próximo. Não havia mais nos seus olhos aquele fulgor de outrora... O seu semblante acusava uma vaga tristeza... parecia imerso em dolorosas cogitações...

Chegado ao cume do monte, pôs-se em oração, os olhos fitos na vastidão do espaço, onde começavam a pestanejar as primeiras estrelas. A sua alma abismou-se no mar imenso da divindade... E, aos poucos, voltou o sossego, a paz, a harmonia ao seu coração. .. Jesus estava em casa... Já não balbuciava a linguagem primitiva dos homens; já não traduzia penosamente em parábolas, alegorias e símbolos, os seus pensamentos e afetos — falava a linguagem do Pai celeste... Depois dos labores diurnos e das dissonâncias

da sociedade, eram essas horas noturnas da solidão refrigério para a alma do Nazareno...

Até pelas **3** horas da madrugada passou ele em colóquio com o Pai, nas alturas daquele monte.

Depois, como que voltando a si das regiões do infinito, correu o olhar pelas bandas do oeste. Ao pálido clarão da lua, divisou uma embarcação, que se achava no meio do lago. Eram os seus discípulos. Estavam em luta com forte vendaval. A travessia do Genesaré comportava, aliás, umas duas a três horas de voga. Em circunstâncias normais, já deviam os nautas ter arribado à margem oposta; mas, com aquele vento pela proa, mal tinham vencido meia distância; **25** estádios, diz o historiador, quer dizer, cerca de légua e meia em **7** a **8** horas de labor insano!

Ora, vendo Jesus o muito que os bons discípulos se afadigavam, teve pena deles. Tinham lá suas idéias mundanas sobre o reino de Deus, é verdade; mas eram bons e mostravam-se sempre obedientes e humildes — e Jesus lhes queria bem, muito bem. Resolveu consolá-los.

Desceu, pois, do monte, dirigiu-se à praia e entrou afoitamente no lago. E começou a deslizar suavemente à flor d'água, rumo à embarcação. O corpo de Jesus, por via de regra, estava sujeito às leis comuns da natureza, mas ele tinha em si o poder de isentá-lo dessas leis, todas as vezes que o quisesse; pois o legislador é senhor das suas leis.

Era um espetáculo ao mesmo tempo encantador e terrífico. As águas do Genesaré se achavam em forte agitação, revolvidas pelo vendaval; mas sob as plantas dos pés do taumaturgo se aplainava sucessivamente o movediço elemento, formando uma como esteira bonançosa, na qual se espelhava a figura invertida do luminoso vulto. Era um prelúdio da transfiguração no Tabor, uma ligeira antecipação das propriedades do corpo ressuscitado.

Quando os discípulos avistaram por entre as brumas noturnas o estranho fenômeno, puseram-se a observá-lo cheios de curiosidade. Não tardou, porém, que essa curiosidade cedesse ao terror — a enigmática aparição avançava em linha reta sobre eles!

Desataram a gritar de susto:

— Um fantasma! Um fantasma!

— Sou eu, não temais! Tende ânimo! — respondeu-lhes o misterioso alguém — e um pesadelo lhes caiu do coração: reconheceram-no pelo timbre da voz.

— É o Mestre! — exclamaram todos com um suspiro de alívio. Não cabiam em si de admiração, ao verem o Mestre caminhar assim sobre as ondas revoltas, como se fora em terra firme.

Simão Pedro, homem dinâmico, não se contentava com ver e olhar; era necessário agir.

Se és tu, Mestre — exclamou — manda que eu vá sobre as ondas até onde estás!

— Vem! — disse Jesus, satisfeito com a confiança do discípulo.

No mesmo instante, sem ponderar possíveis nem impossíveis, Pedro saltou da barca, e, — oh! prodígio! — as vagas o sustentavam no seu dorso espumante, como se fossem de vidro sólido. Pedro caminhava sobre as águas! Contentíssimo, dirigiu-se ao encontro de Jesus, não sem lançar um olhar significativo aos colegas, que o contemplavam, estupefatos, de dentro da barca.

Enquanto assim caminhava, equilibrando-se valentemente e sorrindo cheio de satisfação, viu avançar sobre si um vagalhão enorme coroadado de espuma — e teve um sentimento de incerteza; despreendeu o olhar da pessoa de Jesus e duvidou da possibilidade de sair incólume de tamanho perigo — e eis que no mesmo instante começou a afundar-se nas águas, até ao joelho... até ao peito!...

— Salva-me, Mestre! — bradou o periclitante.

Num ápice, estava Jesus ao pé dele, aferrou-o por um braço, colocou-o na superfície d'água — e eis que novamente as ondas o sustentavam. Disse-lhe o Mestre em tom de censura:

— Homem de pouca fé, por que duvidaste?

E puseram-se os dois, Jesus e Pedro, a caminhar tranquilamente sobre as águas do Genesaré, o Mestre de mãos dadas com o discípulo.

E foram em demanda da embarcação.

Chegados a bordo, viram-se logo cercados da maruja estupefata, que se lançou aos pés do taumaturgo, exclamando: .

— Tu és, realmente, o Filho de Deus!

Os próprios discípulos pasmaram dessa manifestação de poder sobre os elementos irracionais; pois — acrescenta Marcos — ainda não tinham compreendido aquilo dos pães, porque traziam os corações obcecados.

CRISTO, O PÃO VIVO

Antes do clarear do dia, chegou Jesus com os seus discípulos à margem ocidental do lago Genesaré, e dirigiu-se para Cafarnaum.

Entrementes, amanheciam as turbas, na banda oposta, onde Jesus tinha operado o milagre da multiplicação dos pães. A maior parte daqueles **5.000** homens, e, talvez, outras tantas mulheres e crianças, não tiveram tempo para regressar a seus lares, vendo-se obrigados a pernoitar nas vizinhanças. Logo de madrugada, foram em busca do profeta de Nazaré. Onde estaria ele? Tinham-no visto subir a um monte; não embarcara com os discípulos, e não havia por aí outra embarcação.

Depois de muito procurar e indagar acabaram por se convencer de que Jesus partira para Cafarnaum.

Contornaram, pois, o lago pelo litoral do norte, enquanto outros se serviam das lanchas, que, entrementes, tinham chegado da cidade.

Em Cafarnaum, encontraram a Jesus em plena atividade, e perguntaram-lhe, admirados:

— **Mestre, quando vieste aqui?**

Respondeu-lhes Jesus:

— **Em verdade, em verdade vos digo: Andais à minha procura, não porque vistes milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes fartos.**

Não vos afadigueis por um manjar perecedor; mas, sim, pelo manjar que permanece para a vida eterna, e que o Filho do Homem vos dará; pois a ele é que o Pai acreditou.

— **Que nos cumpre fazer para praticarmos as obras de Deus?**

— **perguntaram eles.**

Respondeu-lhes Jesus:

— **A vontade de Deus é que tenhais fé naquele que ele enviou.**

Tomaram-lhe os judeus:

— **Que sinal nos dás, para que vejamos e possamos ter fé? Qual a tua obra? Nossos pais comeram o maná, no deserto, conforme está escrito: Do céu lhes deste pão para comer.**

Respondeu-lhes Jesus:

— **Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés que vos deu o pão do céu; meu Pai é que vos dará o verdadeiro pão divino que desce do céu e que dá a vida ao mundo.**

A estas palavras os mais sinceros dentre os ouvintes responderam como, um dia, a Samaritana, no poço de Jacó:

— Senhor, dá-nos sempre desse pão.

Então disse Jesus:

— Eu sou o pão da vida; quem vem a mim já não terá fome; e quem tiver fé em mim, jamais terá sede. Mas bem vos dizia eu que não tendes fé, ainda que me tenhais visto. Tudo quanto o Pai me dá vem a mim; e eu não repelirei a quem vier a mim; porque desci do céu, não para cumprir a minha vontade, mas, sim, a vontade daquele que me enviou. A vontade daquele que me enviou é esta: que eu não deixe perecer nada de quanto me confiou; mas que o ressuscite no último dia. Sim, a vontade de meu Pai é esta: que todo o homem que vir o filho e nele tiver fé, tenha a vida eterna — e eu o ressuscitarei no último dia.

Murmuraram então os judeus contra ele, por ter dito: Eu sou o pão vivo que desceu do céu. E diziam: Porventura, não é este Jesus, filho de José? E não lhe conhecemos nós o pai e a mãe? Como diz pois: Eu desci do céu?

Vendo Jesus que, apesar de tudo, os judeus se guiavam pelos sentidos, tornou a insistir na necessidade da fé, dizendo:

— Ninguém pode vir a mim, se não for atraído pelo Pai que me enviou; e eu o ressuscitarei no último dia. Quem tem fé em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná, no deserto; porém moreram. Mas este é o pão que desce do céu, para que quem dele comer não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo.

Disputaram então entre si os judeus e disseram: Como pode este dar-nos a comer a sua carne?

Replicou Jesus:

— Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não lhe beberdes o sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia; porque a minha carne é verdadeiro manjar, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue fica em mim e eu nele. Do mesmo modo que o Pai me enviou, e como eu vivo pelo Pai, assim também viverá por mim quem me receber em alimento. Este é o pão que desceu do céu; e não como o maná, que vossos pais comeram, porém morreram. Quem comer este pão viverá eternamente.

Disseram os ouvintes:

— Dura é esta linguagem! Quem a pode ouvir?

Disse Jesus:

— Isto vos escandaliza? E se virdes o Filho do Homem subir aonde estava antes?

— O espírito é que vivifica; a carne de nada vale; as palavras que acabo de dizer-vos são espírito e são vida. Mas há entre vós alguns que não têm fé.. .

“É que ele sabia desde o princípio” — diz o evangelista — “quem eram os sem-fé e quem havia de entregá-lo.”

“A partir daí, muitos dos seus discípulos se retiraram, e não mais andavam com ele.”

Perguntou Jesus aos doze:

— Quereis também vós retirar-vos?

A esta intimação categórica do divino Mestre, adiantou-se Simão Pedro, e disse:

— Senhor, a quem havíamos de ir? Tu tens palavras de vida eterna; e nós cremos e sabemos que tu és o Cristo, o Filho de Deus!

Em tomo de Jesus estavam os discípulos, os varões da fé, os representantes do mundo espiritual.

O Mestre corre um olhar perscrutador pela roda dos doze — e acaba por fitá-los na pessoa de Judas Iscariotes, dizendo:

— Não vos escolhi eu a vós doze? E, no entanto, um de vós é um diabo!...

"Referia-se Jesus a Judas Iscariotes; porque este o havia de entregar — ele, um dos doze.”

Através de todas estas palavras sobre o “pão do céu” recorre Jesus a uma parábola de difícil interpretação. E quando os ouvintes julgavam que deviam comer a carne *física* de Jesus, respondeu-lhes ele que era sua carne em sentido *metafísico*, o seu Cristo:

“As palavras que vos digo são espírito e vida — a carne de nada vale.”

Na última quinta-feira, na santa ceia, repete Jesus esta mesma parábola, que até hoje, está sendo interpretada em sentido físico, como se o homem devesse comer a carne e beber o sangue de Jesus.

MANDAMENTOS DIVINOS E TRADIÇÕES HUMANAS

Em face das perseguições violentas que os fariseus lhe moviam, resolveu Jesus não subir a Jerusalém, por ocasião da Páscoa que se aproximava. Não convinha mostrar-se publicamente no templo.

Mas nem assim escapou às importunações deles. Tinham os seus emissários por toda a parte.

Estava em plena florescência, no tempo de Jesus, o formalismo religioso do clero judaico; os fariseus, classe culta e religiosa, tinham chegado a tal extremo de pedantismo ascético-ritual, que contrastava flagrantemente com a encantadora simplicidade do Nazareno.

Um dos pecados mais monstruosos que um homem podia cometer aos olhos de Jesus era a ostentação religiosa; alardear virtudes e boas obras; gloriar-se da sua piedade; fazer parada com jejuns; esmolas e obras de caridade — era isto, na linguagem de Jesus, o mesmo que ser sepulcro caiado.

Certo dia, observaram os fariseus que os discípulos de Jesus se sentavam à mesa, sem terem previamente lavado as mãos.

É que os fariseus, como os judeus em geral — refere o evangelista — não comem sem primeiro lavar as mãos, fiéis às tradições dos maiores. Quando vêm da praça não ousam tomar um bocado sem antes se lavar ou tomar banho. Da mesma forma, consoante as tradições, lavam os copos e as taças, as caldeiras e os reclinatórios.

Observaram, pois, os escribas e fariseus a Jesus:

— Por que é que os teus discípulos transgridem as tradições dos antepassados, pois não lavam as mãos antes de comer?...

Aí estava uma das maiores preocupações desses homens sem alma! “Coavam mosquitos — e engoliam camelos”...

Em vez da resposta, fez-lhes o Mestre outra pergunta, bem mais momentosa:

— E vós, por que transgredis os preceitos de Deus por amor às vossas tradições? Deus disse: Honrarás pai e mãe! e: Quem injuriar pai ou mãe será réu de morte! Vós, porém, dizeis: Quem oferecer em sacrifício o que deveria a eles, está dispensado de honrar pai e mãe. Dest’arte abrogais o mandamento de Deus por amor à vossa tradição. Hipócritas! Bem profetizou de vós Isaías, dizendo: Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim; não tem valor a meus olhos o seu culto, porque o que ensinam são doutrinas e preceitos humanos.

Aqueles homens e *rabis* de Israel guardavam meticulosamente as mil e uma tradições e praxes religiosas dos fundadores e mestres da sua seita; tinham acumulado em torno da lei mosaica um verdadeiro acervo de prescrições e proibições. O fariseu da gema receava menos cometer um homicídio do que omitir uma só dessas regras.

No dia da morte de Jesus, Páscoa Judaica, não ousam eles entrar no pretório de Pilatos, com medo de se “contaminarem” no ambiente pagão desse *goim* — mas não lhes causa escrúpulo algum condenarem à morte um homem justo.

Não se arreceiam de comprar a consciência de Iscariotes com **30** moedas de prata — mas vêm pecado de sacrilégio em recolher ao cofre do templo o dinheiro que o traidor, desesperado, lhes lançou aos pés...

Escandalizam-se grandemente de verem Jesus à mesa com publicanos e pecadores; e, quando Simão, o fariseu, vê Madalena beijar os pés de Jesus, enche-se de indignação e desprezo, convencido de que aquela mulher é uma pecadora, e que Jesus não é nenhum profeta — mas isto não os impede de negociarem com o adúltero Herodes Antipas sobre a condenação de Jesus...

Apanharam em flagrante adultério uma mulher e estão resolvidos a apedrejá-la para fazer jus à lei de Moisés — mas não recuam diante do assassinio de Estêvão, cujo único “crime” consistia em ser o chefe dos Cristãos.

Ê por causa dessa duplicidade de consciência que Jesus lhes lança a censura veemente de coarem mosquitos e engolirem camelos.

A lei natural e divina prescreve que os filhos honrem seus pais e lhes acudam em suas necessidades temporais — mas o formalismo casuístico dos fariseus declarava que esta lei era suficientemente cumprida quando o filho dava uma oferta ao templo e fazia os pais participarem das bênçãos dos sacrifícios, sem se importar com as necessidades materiais dos progenitores — sacrificando, assim, uma lei natural e um mandamento divino a uma instituição puramente ritual.

— Hipócritas! — lhes brada Jesus.

E, convocando o povo, lhes diz:

— Escutai e compreendei bem: o que entra pela boca não torna o homem impuro; mas sim o que sai da boca, isto é que toma o homem impuro.

Ao que chegaram a Jesus os seus discípulos e lhe disseram:

— Sabe que os fariseus se scandalizaram quando ouviram esta palavra?

Respondeu Jesus:

— Toda a planta que não for plantada por meu Pai celeste será exterminada! Deixai-os! São cegos e guias de cegos! Mas, quando um cego guia outro cego, ambos vêm a cair na cova.

Mais tarde, em casa, disse Pedro a Jesus:

— Explica-nos esta parábola, Mestre.

Disse-lhes Jesus:

— Também vós estais ainda sem compreensão?! Não compreendeis que tudo que entra pela boca vai para o estômago, e daí é lançado fora? Mas o que sai da boca vem do coração, e isto é que mancha o homem; porque do coração é que vêm os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, a luxúria, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias — e são estas coisas que mancham o homem. Mas isto de comer sem lavar as mãos não torna o homem impuro.

A MULHER CANANÉIA

Na Judéia, estavam os inimigos à espreita do Jesus para o matar; na Galiléia, acabavam os fariseus de scandalizar-se grandemente com as palavras desassombradas do Nazareno, desmacarando-lhes a hipocrisia em face do povo.

A atmosfera vinha prenhe de nuvens, que tanto mais sinistras e minazes se condensavam, quanto mais se avizinhava a terceira Páscoa da vida pública de Jesus.

Mas ainda não era chegado o dia do sacrifício.

Por isso, o Mestre, não quis levar ao extremo a indignação dos seus adversários; teve por bem avisado retirar-se, por algum tempo, do meio deles e passar para território gentio.

Deixou, pois, a Galiléia, e, tomando por Saphed, seguiu rumo noroeste, em direção às praias do Mar Mediterrâneo; transpôs as fronteiras palestineses e internou-se em terras siro-fenícias, chamadas também Canaã.

Era uma jornada de **4 a 5** dias.

Queria que ninguém o soubesse, diz o evangelista; porque não ia em caráter oficial, em missão pública, senão apenas como hóspede e visitante fortuito. Não era chegado o tempo de pregar o Evangelho aos gentios.

Mas nem assim pode ficar oculta a sua passagem; porque uma mulher pagã, mal ouviu da presença do taumaturgo de Israel, seguiu no encalço dele, suplicando em altos brados:

— Senhor, filho de Davi! Tem piedade de minha filha, que está muito atormentada de um espírito maligno.

Jesus, porém, fez ouvidos de mercador e seguiu adiante. Nenhuma resposta, nenhum olhar.

Mas a mulher não desanimou com este indiferentismo do *rabi* judeu. Continuou a pedir, a bradar, a suplicar, com essa tenacidade característica da mulher e da mãe. Estava firmemente resolvida a não deixar fugir aquela ocasião única, último raio de esperança de um coração atribulado. Redobrou de clamores, interpelando, ora o Mestre, ora os discípulos, a tal ponto que estes últimos, aborrecidos com a importunação, disseram a Jesus:

— Despacha-a, porque vem gritando atrás de nós! Não foi, de certo, por amor dela, mas por amor de si mesmos que os discípulos pediram ao Mestre “despachasse” aquela mulher.

Tomou-lhes Jesus:

— Não foi enviado senão às ovelhas que se perderam da casa de Israel.

Revelam estas palavras um traço característico da vida de Jesus: a limitação territorial da sua atividade. A sua missão inicial consistia em evangelizar o povo de Israel, portador multissecular das promessas messiânicas; mais tarde, por intermédio de Israel, é que os povos gentios receberiam a boa nova da redenção e entrariam no reino de Deus.

Restringe a sua atividade àquele reduzido círculo de ouvintes, quando com muito maior brilho e eficácia podia pregar o Evangelho no aerópago de Atenas, no “fórum” de Roma, no grande empório comercial de Alexandria, ou nos quartéis militares de Cartago; podia falar aos sábios e aos poderosos do mundo; podia percorrer povos e países, como mais tarde fizeram Paulo de Tarso, Francisco Xavier, Livingstone, e tantos outros pioneiros do Evangelho.

Mas a vontade do Pai não era esta, e Jesus não queria um apostolado, por mais deslumbrante, que não fosse conforme à vontade de Deus.

Daí a aparente indiferença que faz sentir à mulher pagã da Siro-Fenícia. Impôs silêncio ao próprio coração para não exorbitar do plano traçado pelo “senhor” da seara”.

Nada disto, porém, foi capaz de quebrar a tenacidade da pobre mãe. Ela não pedia para si, pedia para uma infeliz criatura atormentada pelo demônio. Foi no encalço do Mestre um bom trecho da estrada, repetindo sempre as mesmas palavras repassadas de angústia:

— Senhor, filho de Davi, tem piedade de minha filha!...

Entrementes, chegaram a uma povoação. Jesus entrou numa casa. Os discípulos respiraram aliviados. Ao menos agora aquela mulher importuna desistiria dos seus clamores e deixaria o Mestre em paz.

Mas assim não aconteceu. Ela também entrou na mesma casa, afoitamente, com a coragem que a angústia lhe inspirava. A dor não conhece convenções sociais: Lançou-se aos pés de Jesus, e, bradou:

— Ajuda-me, Senhor!

Mas o coração de Jesus parecia de pedra; não se rendeu à mais comovente das súplicas. Os próprios discípulos estranharam a insensibilidade do Mestre.

E, como a mulher, prostrada diante dele, continuasse a clamar e a suplicar, romperam dos lábios de Jesus as palavras mais duras que já dirigiu a uma pobre alma — e alma feminina, e alma de mãe, no paradoxo da dor e do desespero.

— Não convém — disse em tom glacial — tirar o pão aos filhos e lançá-los aos cachorrinhos!...

Tão cruel parecia-lhe a ele mesmo esta comparação, que não conseguiu proferir a palavra “cães”, mas disse “cachorrinhos”, por que não sugeria o coração usar daquela designação. Mas, mesmo assim, a sentença era dura, desumanamente dura.

Os filhos da casa eram os israelitas; os cachorrinhos eram os gentios; o pão simboliza o favor que a cananéia vinha implorando com tanta insistência.

A resposta era dura — porém mais dura e dolorosa ainda era a situação da suplicante. Não se deu por vencida, nem por ofendida. Só tinha no coração um sentimento, a dor de saber a sua filha cruelmente atormentada por um espírito, sabe Deus, quantos anos! Tudo faria, tudo sofreria, contanto que sua filha fosse libertada daquele estado.

E que faz essa mulher pagã ao ouvir as palavras de Jesus? Ao saber que ela não passava de um cachorrinho aos olhos dele, que faz ela? Tira daí mesmo um argumento a seu favor; responde com uma lógica admirável:

— Decerto, Senhor; mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos filhos.

Jesus está derrotado! Derrotado pelas suas próprias palavras! A mulher dá plena razão ao Nazareno: concede que ela não passa de um pobre cachorrinho debaixo da mesa; que não tem o direito de sentar-se à mesa do banquete e comer das iguarias de favores que, dia a dia, ele oferecia aos filhos de Israel; nem tanto pretende ela. Mas, uma vez que é cachorrinho, quer também gozar dos direitos dos cachorrinhos de casa e comer das migalhas que caem da mesa dos filhos. E uma dessas migalhas ela está pedindo com tanta insistência, e até ali não lhe foi concedida — é tratada pior que um cachorrinho debaixo da mesa!...

Em face de tamanha humildade e de uma fé tão invencível, se vê Jesus desarmado; dá-se por vencido, rende-se a uma mãe pagã e exclama:

— Ó mulher! Grande é a tua fé! Faça-se contigo assim como pedes! Por causa desta palavra, vai-te, que o demônio abandonou tua filha!...

Chegando à casa, encontrou ela a filha estendida no leito, livre do espírito maligno.

O que não conseguira a astúcia dos sacerdotes, escribas e fariseus, isto consegue o espírito de uma mulher, o amor de uma mãe: apanhar a Jesus numa das suas palavras! Conquistar-lhe o coração com a arma que ele próprio forjara! . . .

O SURDO-MUDO

Breve foi a demora de Jesus nas regiões de Tiro e Sidon. Nem consta que tenha ali feito outro milagre, afora a expulsão do demônio da filha da cananéia.

Regressou, quase às ocultas, pelo território da Decápole, situado para as bandas orientais do Jordão.

Em certa povoação, lhe apresentaram um homem surdo e mudo, rogando-lhe que sobre ele pusesse as mãos.

Jesus o tomou à parte, para fora da turba, pôs-lhe os dedos nos ouvidos, tocou-lhe com saliva a língua, levantou os olhos ao céu, deu um suspiro e disse: *Êphpheta* que quer dizer: abre-te! E no mesmo instante abriram-se-lhe os ouvidos e soltou-se-lhe a prisão da língua, e falava corretamente.

Ordenou Jesus que a ninguém o dissessem. O povo, porém, se pôs a divulgar o acontecimento, de modo que todos pasmavam e diziam: Ele faz

bem todas as coisas; faz ouvir os surdos e falar os mundos.

Quando o homem, na sua ignorância, se vê subitamente em face de um fenômeno que ultrapassa a noção do âmbito das leis naturais, toma-se qual criança e começa a balbuciar palavras ingênuas e desajeitadas, como estas: Ele faz bem todas as coisas... Ou então: Ele não fala como os nossos escribas e sacerdotes... Ou ainda: Nunca homem algum falou como este!...

Em nenhuma outra cura recorre Jesus a cerimônias tantas e tão complicadas como nesta. É certo que, para realizar o milagre, não tinha mister levar o homem fora da turba, nem lançar mão dos outros gestos narrados pelo evangelista. Entretanto, serviu-se de tudo isto, para ensinamento dos que o viam e ouviam, e em proveito do próprio doente. Não é a linguagem de Jesus que vem repleta de simbolismos, senão também as suas ações. Muitos dos seus atos são parábolas e alegorias cristalizadas em forma visível e palpável.

O homem não é puro espírito. Deseja perceber pelos sentidos corporais o que se passa nos recônditos da alma. Se Jesus tivesse proclamado o reino de Deus aos anjos do céu, certamente não a teria engastado nessa multiplicidade de cerimônias e ritos; teria apresentado a sua revelação despida de qualquer engaste material. Mas, como a religião cristã é destinada aos homens, deve ela corresponder à natureza humana, que é espiritual-material. A religião deve concordar com a natureza humana; deve ser um organismo harmônico informado por um princípio vital que o anime e vivifique — um culto espiritual-material.

Para o homem comum, uma religião puramente interna não seria um culto “em espírito e verdade”, como exige o divino Mestre, mas, quando muito, um culto em espírito.

Por outro lado, uma religião puramente externa não seria um culto em espírito nem um culto em verdade.

Uma religião interna-externa é um culto em espírito e verdade porque, dotada de alma e de corpo, corresponde ao composto humano; não é uma caricatura, mas um retrato fiel da nossa natureza espiritual-material.

O FERMENTO DOS FARISEUS

Achava-se Jesus ao nordeste do lago de Genesaré, cercado de grande multidão de povo. Subiu a um monte e sentou-se para lhe falar do reino de Deus.

Muitos, porém, compreendiam melhor a petição. “O pão nosso de cada dia nos dá hoje”, ou esfoutra “livrai-nos do mal”, do que a súplica; “Venha a nós o teu reino.” O reino da terra e o bem-estar corporal lhes pareciam coisas mais concretas do que a abstrata realidade do reino de Deus. Não tardou-, pois, Jesus a ver-se cercado de numerosas pessoas que pediam alguma coisa para esta vida: doentes, cegos, surdos, mudos, coxos, aleijados, paralíticos — todos eles à espera da saúde corporal: “Livra-nos do mal”!

Depois de ter dado alimento às almas famintas, e restituído a saúde aos corpos enfermos, resolveu Jesus beneficiar também os corpos daqueles que estavam com saúde e o tinham excitado. Pois havia três dias que ele se encontrava naquelas regiões e três dias havia que o povo lhe bebia dos lábios as palavras da vida eterna.

Era tempo de receberem das suas mãos também o pão da vida temporal.

Em seguida, despediu as turbas, embarcou com seus discípulos e foi em demanda para Betsaida, pátria de Simão Pedro, André e de alguns outros discípulos.

Nesta travessia, ocorreu um incidente que bem mostra o caráter simples dos discípulos, a morosidade da sua compreensão, a ingenuidade natural da sua alma, como também a grande vontade e paciência do divino pedagogo.

Não tinham levado pão para a viagem. Teria sido fácil guardarem alguns daqueles fragmentos que recolheram, depois do milagre da multiplicação; mas, esquecidos e imprevidentes, nada tinham levado.

Durante a travessia do lago, enquanto alguns dos discípulos manejavam os remos, ou deixava correr a embarcação à mercê dos ventos propícios, sentou-se Jesus num barco no meio deles, e começou a faltar-lhes da hipocrisia dos fariseus e a previni-los das doutrinas perversas dos saduceus. É que, pouco antes de partirem, tinham eles travado uma discussão com aquelas seitas astutas e formalistas que ameaçavam corromper as massas populares, como já tinham adulterado as idéias sobre o Messias e seu reino. Por isso, lá na sua linguagem alegórica, referindo-se a essas perigosas sugestões, dizia o Mestre:

— Cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus!

Os bons discípulos, ouvindo a palavra “fermento”, lembraram-se de súbito de que tinham esquecido levar pão para a viagem, entreolharam-se surpresos, e começaram a dizer uns aos outros:

— É porque não levamos pão...

Alguns, quem sabe? Cheios de apreensão, já previam que, chegados à terra, seriam obrigados a comprar pão em casa daquela gente perigosa, e não era impossível que fosse pão envenenado; e morreriam todos naquele mesmo dia, eles e o Mestre... Era por isso, certamente, que Jesus lhes falava, com tanta insistência, no fermento dos fariseus e saduceus...

Assim pensavam ou discorriam entre si os valentes remadores, enquanto impeliam vigorosamente a lancha — quando de súbito os interrompeu o Mestre, dizendo:

— Que estais aí a discorrer entre vós, por não terdes pão? Homens de pouca fé! Ainda estais sem juízo nem compreensão? Ainda tendes o coração cego? Tendes olhos e não vedes? Tendes ouvidos, e não ouvis, nem guardais lembrança? Quando distribuí cinco pães a cinco mil homens, quantos cestos de sobejo recolhestes?

— Doze — responderam eles, secamente.

— E, quando distribuí sete pães a quatro mil homens, quantos cestos de pedaços recolhestes depois?

— Sete — tornaram, com o mesmo laconismo.

Queria Jesus fazer-lhes ver que nenhum motivo de inquietação havia por falta de pão; pois quem pode fazer prodígios tão grandes, não os poderia fazer menores, se necessário fosse?

Depois lhes explicou o sentido da palavra “fermento”, que nada tinha que ver com o pão dos fariseus.

— E não compreendeis que, quando vos digo “cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus”, não quis referir-me ao pão?

Então compreenderam eles, finalmente — acrescenta o evangelista Marcos — que não lhes mandava se acautelassem do fermento do pão, mas, sim, da doutrina dos fariseus e saduceus.

A PEDRA DA IGREJA

Principiara o terceiro e último ano da vida pública de Jesus. Terminara a derradeira Páscoa do Nazareno... A Páscoa seguinte assistiria à sua morte nas alturas do Gólgota.

O último ano da vida de Jesus é um misto singular de sombras e de luzes. Cerram-se cada vez mais as nuvens sombrias das ameaças e perseguições de seus inimigos. O Mestre fala frequentes vezes na sua paixão e morte.

Ia deixar o mundo, mas o seu Evangelho deveria prosseguir na sua marcha triunfal através da história.

Certo dia, foi Jesus em demanda do extremo norte da Palestina, longe das grandes cidades e do tumulto da sociedade. Transpôs as fronteiras e internou-se com os seus discípulos em território pagão, rumo ao grande Hermon, cujos píncaros continuavam listrados de glaciares e neves, mesmo em pleno estio.

Quando Jesus se retirava para as regiões do paganismo, expirava em tomo dele o tumulto popular e a lufa-lufa que o cercava dia e noite, nas cidades e aldeias de Israel. Silêncio e solidão se alargavam em tomo dele. Os fariseus evitavam meticulosamente as terras dos *goim* para não se “contaminarem”; e o povo simples raras vezes se distanciava tanto dos seus lares.

Foi, pois, a caravana apostólica subindo lentamente as rampas e encostas, guardas avançadas da grande serra do norte, deixando muito longe, no fundo do vale, o lago plácido do Genesaré e as sinuosidades do Jordão.

Mais e mais se avizinhavam as três cúpulas do Hermon, que se eleva acima do nível do mar a quase **2.800** metros. Djebel-el-Sheik lhe chamam os árabes de hoje, isto é, monte de cabelo branco. As águas das grandes geleiras se infiltram lentamente nas fendas do solo, reúnem-se em canais subterrâneos, e rebentam em fontes borbulhantes nas fraldas da montanha. Existem ao sopé da serra três nascentes, parecendo corresponder às três pontas do Hermon.

Próximo de uma dessas fontes de águas frescas, havia o tetrarca Filipe edificado uma cidade, à qual dera, por vaidade pessoal, o seu próprio nome, e, por espírito de bajulação, acrescentara o nome dos chefes do império romano: Cesaréia de Filipe, ou seja, a cidade imperial de Filipe. Hoje se chama Banias. Herodes I, o Grande, pai de Filipe, levantara nesse sítio pitoresco um templo em honra do deus Pan.

Luxuriante vegetação caracterizava estas zonas banhadas pelas nascentes do Jordão. Ecoavam os ares do sonoro escachoar das águas a precipitar-se em vertiginosa carreira.

Pelo caminho de Cesaréia de Filipe, Jesus não falou com os discípulos; mandou-os adiante, enquanto ele mesmo se deixou ficar atrás.

Os discípulos, galileus e pescadores, pouco se davam do ambiente pagão que os cercava, ainda que à vista dos templos e ídolos de todo o

gênero não deixasse de os impressionar desagradavelmente, monoteístas que eram. Não faltavam, contudo, numerosas famílias judias disseminadas entre os pagãos nessas regiões.

Aqueles **13** homens certamente causaram reparo. Choviam observações de todos os lados:

- Que gente é essa?
- Pela cara, são judeus.
- Que vêm eles* procurar aqui?
- ?
- Parece que são pobres; nem cavalgadura têm...
- Mas não parecem mendigos.

De vez em quando, eram os discípulos interpelados por algum transeunte sobre a pessoa de seu Mestre, cuja fama penetrara até essas plagas.

DesFarte, chegaram eles a saber o que a gente dizia de Jesus: achavam uns que Jesus fosse João Batista redivivo; outros o identificavam com Elias; outros ainda o davam por Jeremias reencarnado, ou algum dos profetas antigos.

Dissera o profeta Malaquias que, nos dias do Salvador, reapareceria Elias, o profeta mais popular de Israel, que fora arrebatado por Deus, em corpo e alma.

Numa palavra, todos os que tinham visto o Nazareno, ou ouvido dos seus feitos e da sua doutrina, estavam convencidos de que se tratava de homem extraordinário, de um ser dotado de poderes sobre-humanos.

Às portas da cidade, tornou Jesus a reunir-se aos discípulos e, sem preâmbulos, lhes fez esta pergunta:

- Quem diz a gente ser o Filho do Homem?

Responderam eles:

— Dizem uns que é João Batista; outros, Elias; ainda outros, Jeremias, ou algum dos profetas antigos que tenha ressuscitado.

- E vós — perguntou-lhes ele — quem dizeis que eu sou?

Respondeu Simão Pedro:

- Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.

A pergunta era dirigida a todos os discípulos, mas Simão Pedro, o homem da fé, o coração ardente e impetuoso, não pode aguardar a resposta dos colegas; adianta-se, encara o Mestre e faz a sua profissão de fé: Ele é “o

Cristo”, isto é, o Ungido, o Messias, o Salvador prometido pelos profetas da lei antiga; é o “Filho de Deus Vivo”, não algum filho de Deus adotivo.

Conhecimento tão claro não podia provir das luzes humanas, mas era efeito de uma revelação sobrenatural, como Jesus afirma:

— Bem-aventurado és tu, Simão Pedro! Porque não foi a carne e o sangue que to revelaram, mas, sim, meu Pai que está no céu.

Há muitos séculos que estas palavras do Cristo estão suscitando controvérsias no seio do Cristianismo. Opinam alguns teólogos que a “pedra” seja Pedro. Aham outros que a “pedra” seja a confissão de Pedro; defendem outros ainda que a “pedra” designe o próprio Cristo.

Em vez de tomarmos este ou aquele partido, preferimos reproduzir, no próprio texto original latino, as palavras de Agostinho, cuja catolicidade cristã ninguém ousará pôr em dúvida. Citaremos as palavras do insigne doutor da Igreja, segundo a edição clássica de Migne, Paris **1877**, vol. V, pág. **479**, sermão **76**, edição feita sob os auspícios dos Padres Beneditinos. Diz, pois, Agostinho, no comentário às palavras de Cristo reproduzidas pelo Evangelista Mateus, **16, 13-18**; “Quia tu dixisti mihi: *Tu es Christus, Filius Dei vivi*, et ego dico tibi: *Tu es Petrus*. Simon quippe antea vocabatur. Hoc autem ei nomen, ut Petrus appellaretur, a Domino impositum est. Et hoc in ea figura, ut significaret Ecclesiam. Quia idem Christus petra, Petrus populus christianus. Petra enim principale nomen est. Ideo Petrus a petra, non petra a Petro — quomodo non a Christiano, sed a Christo christianus vocatur. *Tu er ergo*, inquit, *Petrus*; *et super harte petram*, quam confessus es; *super hatte petram*, quam cognovisti, dicens: *Tu es Chistus, Filius Dei vivi, aedificabo Ecclesiam meam* (Mt., **16, 13-18**.) — id est: Super me ipsum, Filium Dei vivi, aedificabo Ecclesiam meam. Super me aedificabo te, non me super te.”

Em tradução vernácula:

“Porque tu disseste: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo, também eu te digo: Tu és Pedro; pois antes se chamava Simão. Ora, este nome Pedro lhe foi imposto pelo Senhor. E vai nisto uma figura, para que significasse a Igreja. Porquanto, a pedra é Cristo; Pedro é o povo cristão. Pois, pedra é nome principal. Tanto assim, que Pedro vem de pedra, e não pedra de Pedro — assim como Cristo não vem de cristão, mas cristão vem de Cristo. Diz portanto: Tu és Pedro, e sobre esta pedra, que confessaste dizendo: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo, edificarei a minha igreja. Quer dizer: Sobre

mim mesmo o Filho de Deus vivo, edificarei a minha igreja. Sobre mim é que te edificarei, e não a mim sobre ti.”

No citado sermão prossegue Agostinho dizendo:

“Pois, quando os homens queriam edificar sobre os homens, diziam: Eu sou de Paulo, eu sou de Apoio, eu sou de Cefas — que é o mesmo que Pedro. Outros, porém, que não queriam edificar sobre Pedro, mas sobre a pedra, diziam: Eu sou de Cristo. Ora, quando o apóstolo viu que ele estava sendo eleito, e Cristo desprezado, disse: Porventura, está Cristo dividido? Acaso foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes batizados em nome de Paulo? (I Cr. **1,12**). Assim como não o foram em nome de Paulo, tão pouco o foram em nome de Pedro, mas, sim, em nome de Cristo; para que Pedro fosse edificado sobre a pedra, e não a pedra sobre Pedro...

Perguntou Jesus: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Respondeu ele, dizendo: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros. . . apascenta as minhas ovelhas. Na pessoa única de Pedro vinha figurada a unidade de todos os pastores, isto é, os bons, os que sabiam apascentar para Cristo as ovelhas de Cristo, e não para si mesmos. Será que Pedro mentiu? Será que mentiu ao dizer que amava ao Senhor? Não, ele falava verdade ao dizer isto, porque respondia o que via em seu coração. .. A pedra fizera a Pedro verdadeiro. A pedra, porém, era o Cristo.” (I Cr., **10,4**.)

Até aqui Agostinho, como porta-voz da doutrina quase geral naqueles tempos.

É claro, à luz do texto do Evangelho, que Jesus não fundou sua igreja sobre a pessoa humana (carne e sangue) de Pedro, mas sobre a revelação divina que Pedro acabava de receber: essa revelação divina é que é chamada a “pedra” ou rocha da igreja.

Como pessoa, pode Pedro ter sucessores; mas a revelação divina não tem sucessores pessoais — ou melhor, todos os que professam a divindade do Cristo, dentro ou fora da hierarquia eclesiástica, são edificados sobre a pedra.

Era esta a doutrina predominante nos primeiros séculos do Cristianismo; assim pensavam Pedro, Paulo, os outros discípulos, até ao tempo de Agostinho, quinto século. Só mais tarde, com a sucessivas centralização da hierarquia eclesiástica na metrópole do império romano, é que surgiu paulatinamente a doutrina de que Jesus nomeara a pessoa de Pedro, fundamento da sua igreja, e que seus sucessores eclesiásticos

herdavam esse poder. Esta doutrina visa a consolidação da hierarquia da igreja de Roma, mas não corresponde à verdade proclamada por Jesus.

JESUS PREDIZ A SUA PAIXÃO

Poucos dias haviam decorrido após a chegada de Jesus ao sopé do Hermon.

Refere o evangelista:

“Começou Jesus a declarar-lhes que era necessário que o Filho do Homem padecesse muito, fosse rejeitado e morto pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas; mas que ao terceiro dia havia de ressurgir. Falava disto com toda a clareza.”

Foi como um eclipse solar em pleno meio-dia! A linguagem do Mestre era clara e não deixava margem a dúvidas; mas era dura. . . Os discípulos fixaram toda a atenção nas palavras lúgubres “padecer”, “morrer”, e nada viram dos fulgores que aureolavam a palavrinha “ressurgir”.

Calaram-se, tristes, como que aniquilados. Não sabiam o que dizer ou pensar. . . Contradizerem ao Mestre?. . . Resignarem-se àquela triste situação?...

Somente Pedro, que sempre trazia o coração à flor dos lábios, se animou a manifestar, desassombadamente, a sua estranheza e desaprovação assim como, dias antes, fora o único a professar rasgadamente a sua fé e o seu amor para com o divino Mestre Jesus, nos últimos dias, lhe parecia vítima de negro pessimismo, de uma tal ou qual disposição derrotista a respeito do seu futuro.

Tomou, pois, à parte o Mestre, com ares de importância, e começou a fazer-lhe recriminações, dizendo:

— Deus te livre, Senhor! Tal coisa não há de suceder-te!.]

Jesus, porém, voltou o rosto, e disse a Pedro:

— Retira-te de mim, Satanás, que me és pedra de tropeço! O teu modo de pensar não é de Deus, mas de homem!. ..

Em face desta declaração categórica de Jesus, temos de concordar plenamente com Agostinho em não admitir que Jesus tenha constituído sobre a pessoa de Pedro, que ele chama “satanás”, e pouco antes chamara “carne e sangue”, mas sim sobre a confissão da divindade do Cristo. Todos os homens que reconhecem que “tu és o Cristo filho de Deus vivo” estão edificados sobre a pedra fundamental, que é o Cristo.

Não se falou mais. .. Um silêncio pesado e triste envolveu a pequena caravana. . .

A pedagogia de Jesus é assim mesmo: toda tecida de luzes e de sombras, toda bondade de pai e rigor de **juiz...**

TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

Estamos no verão do último ano da vida pública de Jesus.

Vinha a caravana apostólica das bandas do norte, de Cesaréia de Filipe. Transcorrera uma semana após os momentosos acontecimentos acima referidos.

De volta à Galiléia, tomou Jesus rumo do monte Tabor, que se ergue à beira da extensa planície de Esdrelon, umas duas léguas distante de Nazaré. Mede **600** metros de altura, e tem a forma de uma pirâmide achatada no vértice. O espírito religioso do povo lhe deu o nome de Tabor, que quer dizer altar.

Era pela tarde daquele dia, quando atingiam as fraldas setentrionais do monte. Deviam estar exaustos de fadiga, tanto Jesus como seus discípulos, porque o trajeto Cesaréia-Tabor comporta nada menos de **20** léguas.

Os discípulos, certamente, bem pouca vontade tinham de galgar o monte, ainda naquela tarde. Pelo que Jesus lhes deu ordem de esperarem ao sopé até que ele voltasse, levando consigo apenas os três confidentes: Pedro, Tiago e João.

Subiram, pois, esses quatro.

O trilho, em ziguezague, levava através de colinas amenas e pitorescas esplanadas cobertas de abundante vegetação.

Recolheu-se Jesus com os três numa ligeira depressão do terreno, ao pé de um rochedo.

Tomou a falar-lhes no mistério da sua paixão e morte, como também na sua gloriosa ressurreição ao terceiro dia.

A sua voz traduzia grande ardor e intimidade, e os seus olhos brilhavam num fulgor estranho. Por algum tempo, escutaram os discípulos, num misto de alegria e de dor. Depois, exaustos de fadiga, adormeceram, reclinados sobre os rochedos circunjacentes.

De súbito, despertaram — e viram diante de si Jesus, em pé, com as mãos erguidas ao céu. Uma auréola de luz lhe cingia o semblante, clarão estranho que, aos poucos, se foi comunicando ao resto do corpo, envolvendo-o num nimbo de indizível fulgor. Começava a subir lentamente,

e, quanto mais subia, mais intenso se tomava o esplendor que irradiava de todo o seu ser. A esplanada do Tabor nadava num mar de luzes... O corpo de Jesus parecia transparente...

No momento em que a glória do transfigurado atingiu o auge, apareceram dentro da esfera luminosa dois homens de grande majestade. Eram Moisés e Elias. O Mestre começou a falar com eles sobre sua paixão e morte e o seu regresso ao Pai. Com viva admiração ouviram que o Filho do Homem devia ser suspenso na cruz, a exemplo do que Moisés fizera com a serpente no deserto.

Tão intensa brilhava a alvura das vestimentas de Jesus que era impossível fixar nelas o olhar. O seu rosto coruscava como o sol do meio-dia; e uns como lampejos de luz branca e azulada fuzilavam pelas nuvens em torno dele; tudo parecia diáfano e transparente como cristal.

Os três discípulos tentaram cravar os olhos em Jesus, mas, caíram por terra, fulminados pela veemência dos fulgores. Pedro, inebriado de delícia, não pode represar no íntimo a abundância dos seus sentimentos, e começou a balbuciar como um sonâmbulo:

— Mestre.. . que bom que é... estarmos aqui!

E, quando Moisés e Elias faziam menção de se retirar, sugeriu Pedro que ficassem, dizendo a Jesus:

— Se quiseres, vamos armar aqui três tendas... uma para ti. . . outra para Moisés. . . e outra para Elias. . .

É que não sabia o que dizia, acrescenta Marcos. Pois, para que aquelas tendas? Para Jesus, que pairava nos ares?. . . Para os dois profetas, que, havia séculos tinham deixado os tabernáculos da terra?. . . De si mesmo não se lembrou Pedro, nem dos dois companheiros; eram eles os únicos que necessitavam ainda de tendas. Estava extasiado de gozo; tinha a sensação de que aquelas glórias eram a suprema beatitude do paraíso, aquela que nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano, mas que Deus preparou aqueles que o amam. . .

Nisto desapareceram Moisés e Elias. E eis que uma nuvem tecida de luz envolveu a pessoa do Mestre. Da nuvem se lançava às regiões etéreas uma deslumbrante esteira de claridade — ponte imensa entre o céu e a terra — e do interior da nuvem ecoou uma voz que dizia:

— Este é meu filho muito querido, no qual pus a minha complacência — ouvi-o!

Transidos de assombro e terror ante o misterioso fenômeno, quedaram-se os discípulos como cadáveres. De repente, sentiram-se tocados por alguém. Voltaram a si e perceberam uma voz que lhes dizia suavemente:

— Não temais! Levantai-vos!

Era a voz do Mestre.

Ergueram-se, olharam para o alto, olharam em derredor — e nada mais viram senão a Jesus. Era tudo como dantes. Só nos olhos do Mestre havia ainda uns rebrilhos daquela luz divina... Com um misto de terror e admiração, contemplavam os três o semblante do Nazareno, e mal ousavam falar-lhe... Estavam com medo dele. . . Parecia um espírito de outros mundos...

Silenciosos o seguiram, como quem vem de uma hora de adoração estática.

* * *

Mal se listrava de tênue alvor o horizonte, quando Jesus convidou os três discípulos a descerem com ele do monte. Recomendou-lhes que não falassem do acontecimento até que ele houvesse ressuscitado da morte.

Ressuscitar da morte? Que queria dizer isto? ..

Os três compreenderam as palavras, mas não lhe atingiram o alcance, e puseram-se a discorrer entre si o que significaria aquilo: ressuscitar da morte! Não podiam convencer-se de que um homem como Jesus, capaz de se revestir dos esplendores do céu, pudesse algum dia morrer.

Desceram do Tabor ao nascer do sol. Mas a alma de Pedro, Tiago e João continuava a viver nas luminosas alturas da transfiguração.

O ENDEMONINHADO AO PÉ DO TABOR

Enquanto Jesus e os três discípulos fruía delícias celestes nas alturas do Tabor, desenrolava-se ao sopé do monte uma cena tétrica. Dir-se-ia que o espírito das trevas procurava vingar-se, na pessoa de um menino, da glória do Cristo e do solene testemunho que Deus lhe dava. De modo que os nove discípulos, que não tinham subido ao monte, presenciaram outra “transfiguração” — engendrada pelo demônio.

Lá em cima, a humanidade do Cristo envolta em serena claridade — cá embaixo, uma multidão de gente em alarido, os discípulos desconcertados, um pai em desespero, e um jovem a estorcer-se de dor, nas garras de um inimigo invisível. ..

Rafael soube frisar admiravelmente, no seu grandioso quadro, esses espantosos contrastes do céu e do abismo.

Que sucedera?

Rodeados da turba popular, viam-se os discípulos de Jesus empenhados em discussão com alguns dos escribas e fariseus. Tentaram os discípulos expulsar um demônio, e não o conseguiram, nem mesmo em nome de Jesus.

Nisto aparece Jesus com os três, descendo do monte. Todo o povo se precipita ao encontro dele para saudá-lo e invocar o seu poder no meio daquela confusão babélica; a chegada de Jesus era como um íris de paz no meio da tempestade; e todos respiraram esperançados; a cena que tinham presenciado era por demais tenebrosa e terrífica.. .

De repente, recuaram “cheios de pasmo e estupefação”, diz Marcos.

Por quê?

Certamente, porque o semblante de Jesus ainda espargia algo daquela luz misteriosa que, de noite, o envolvera.

Avançou Jesus, silencioso, até ao meio da turba, que abriu caminho à sua passagem. E perguntou aos discípulos:

— Que estais aí a discutir com eles?

Em vez da resposta saiu do meio da multidão um homem, prostrou-se aos pés de Jesus e disse com voz angustiada:

— Suplico-te, Mestre, que tenhas piedade de meu filho!. . . é o único que tenho!. . . está possesso de um demônio mudo, e sofre grandes tormentos.. . Atira com ele para cá e para lá, fazendo-o espumar e soltar gritos... Só a custo o larga, deixando-o exausto... Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não foram capazes...

Anuviou-se o semblante de Jesus. E dos seus lábios romperam estas palavras estranhas:

— Ó raça incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei?. . .

Das glórias do Tabor tombara ele quase nas fauces do inferno — e o seu coração devia esiar cansado dos homens e enojado desta terra de misérias... Vibra nas palavras do Mestre um quê de acerba decepção, uma nota de dolorosa nostalgia...

Depois de uns momentos de reflexão, como que voltando a si e relembrando-se da sua missão redentora, prossegue, mais animado:

— Traze cá teu filho!. . .

Trouxeram-no. Apenas o menino viu Jesus, soltou um grito estridente. Enquanto o infeliz vinha chegando, o espírito o maltratava e agitava violentamente; o endemoninhado caiu por terra, revolvendo-se no chão e espumando.

Perguntou Jesus ao pai:

— Quanto tempo há que isto lhe acontece?

— Desde pequeno — respondeu ele. — Muitas vezes dá com ele no fogo ou na água para o matar. — acrescentou, suplicante: — Se tu poderes fazer alguma coisa, tem piedade de nós e ajuda-nos!. ..

Lembrava-se o pobre pai dos vãos tentames dos discípulos, e tinham falhado.

Tomou-lhe Jesus, num tom de voz dolente:

— Como?... Se tu poderes fazer alguma coisa?... Se poderes... Tudo é possível a quem tem fé!. ..

— Tenho fé! — exclamou o pai entre lágrimas — ajuda a minha falta de fé!

Palavra estranha! Num fôlego, o homem se confessa homem de fé e sem fé. Sentia a fraqueza da sua fé ou fidelidade ao mundo divino.

A incapacidade dos discípulos quase que lhe roubara a confiança num poder superior ao do invisível algoz que atormentava o filho. Mas Deus, pesa a boa intenção e aceita também o “desejo da fé”, em vez da própria fé.

Vendo Jesus que o povo se aglomerava cada vez mais numeroso, ameaçou ao espírito impuro, dizendo:

— Espírito mudo e surdo, eu te ordeno, sai do menino e não tornes a entrar nele!

E, por entre gritos e convulsões violentas, o espírito saiu dele.

O menino jazia como morto, de modo que muitos diziam: Morreu!

Jesus, porém, tomou-o pela mão e levantou-o, e ele se pôs de pé. E estava de saúde desde essa hora.

Pasmaram todos da grandeza de Deus.

E Jesus se retirou daí com os seus discípulos.

Estes, porém não contentes com o simples fato; queriam saber por que razão não puderam eles expulsar aquele espírito.

Quando Jesus entrou em casa perguntaram-lhe, confidencialmente:

— Por que não o pudemos nós expulsar?

Respondeu-lhes Jesus:

— Porque a vossa fé é fraca. Esta espécie não se expulsa senão à força de oração e de jejum.

TRISTEZA DOS DISCÍPULOS

Partiram daí (do monte Tabor) e foram percorrendo a Galiléia; e Jesus queria que ninguém o soubesse.

Estava todo o mundo maravilhado, refere Lucas, dos prodígios que Jesus fazia, e encantado com a doutrina dele.

No meio dessas apoteoses todas, torna ele a predizer a sua paixão e morte, como também a sua ressurreição, e, com palavras tão claras, que já ninguém podia deixar de as compreender. Disse pois a seus discípulos:

— Gravai bem no vosso coração estas palavras: O Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos homens; hão de matá-lo; no terceiro dia, porém, ressurgirá.

Palavras claríssimas. Entretanto, diz o evangelista:

“Eles, porém, não atinaram com o sentido destas palavras; era para eles um mistério: mas tinham medo de interrogá-lo. E isto os enchia de profunda tristeza.”

Já não se atreviam a lavrar protestos contra a idéia do sofrimento, sabiam que não era do agrado do Mestre; soava-lhes ainda aos ouvidos aquela repreensão veemente fulminada contra Simão Pedro, em Cesaréia de Filipe. Por outro lado, também não queriam aceitar simplesmente, no sentido literal dessas palavras, essa profecia dolorosa e lúgubre. Quem sabe se o Mestre falava da morte num sentido simbólico?

Para a inteligência eram estas palavras claríssimas — para o coração eram obscuras, um *verbum absconditum*; custa à inteligência compreender o que a vontade não quer aceitar. Só se compreende integralmente o que se ama com ardor. Todas as verdades da vida prática são compreendidas em primeiro lugar pelo coração, e só depois pelo intelecto.

Os discípulos não se animaram a pedir explicação daquele tenebroso mistério da cruz, porque bem sabiam que essa explicação só lhes aumentaria a tristeza, que já era tão grande. .. Sabiam, afinal de contas, o que o Mestre queria dizer com aquilo; mas não queriam que assim fosse.

Por isso se calaram.

Mas, desde esse dia traziam o coração oprimido de pesar, e só entre si comentavam, à meia-voz, as palavras estranhas do Mestre.

Começava, já agora, a cavar-se entre eles e Jesus aquele abismo de incompreensão e descompreensão, que chegaria ao máximo na sexta-feira da Páscoa Judaica.⁽²⁾

E assim, em triste silêncio, seguiram caminho, rumo a Cafarnaum.

JESUS PAGA TRIBUTO

Havia largo tempo que Jesus não aparecia em Cafarnaum. Por espaço de meses tinha andado a cruzar as terras da Galiléia, fazendo ainda uma ligeira digressão pelos países pagãos da Decápole.

Regressou, finalmente, à “sua cidade”.

Era lei que todo israelita, a principar do vigésimo ano, pagasse, para a manutenção do templo e do culto, um tributo anual de meio siclo ou uma didracma. Cobra va-se esta contribuição, geralmente, no mês de Adar (março), pouco antes de principiarem as solenidades pascais, que ocorriam em Nisan (abril), primeiro mês do ano israelítico.

Estavam isentos desta taxa os sacerdotes, e provavelmente, também, os levitas, como ainda os rabinos e doutores da lei.

Não sabemos se Jesus costumava pagar esse imposto cultural. É possível que, dado o grande prestígio do Nazareno, não ousassem os cobradores aproximar-se dele. Mas, ou porque naquele ano se tornara quase estranho em Cafarnaum, ou porque os exatores fossem novos e desconhecidos, o fato é que lhe vieram solicitar a modesta contribuição; solicitaram-na, não a ele mesmo, mas a Simão Pedro, que lhes parecia o chefe da turma. Pediram com muita delicadeza, perguntando se o Mestre não pagava o tributo do templo.

Nenhum dos evangelistas refere este episódio, à exceção de Mateus. Pois também ele tinha sido cobrador de impostos, outrora, não do templo, mas a serviço do governo romano; e assim se lhe gravou na memória este incidente.

À entrada de Cafarnaum acercaram-se de Pedro os cobradores da didracma e lhe perguntaram:

— Vosso Mestre não paga a didracma?

— Paga, sim — respondeu Pedro.

Mal entrara ele em casa, quando Jesus lhe atalhou a palavra, perguntando:

— Que achas, Simão, de quem cobram os reis da terra, imposto ou tributo: de seus filhos ou dos súditos?

— Dos súditos — respondeu Pedro.

— Por conseguinte — acrescentou o Mestre — estão isentos os filhos.

Jesus, parece, quer corrigir suavemente o procedimento do discípulo, que com tanta afoiteza e convicção afirmava que seu Mestre pagava as duas didracmas, quando na qualidade de Filho de Deus era senhor do templo, e não um serventuário do culto, nem um súdito da lei.

Mas, logo acrescentou:

— Entretanto, não lhes demos motivo de tropeço. Vai ao lago, lança o anzol e toma o primeiro peixe que apanhares; abre-lhe a boca, e nela encontrarás um estáter; com ele paga por mim e por ti.

Um estáter eram duas didracmas. Não era muito. Mas nem esse pouco possuía Jesus; e Pedro participava da pobreza do Mestre. Por isso, o Senhor lhe fez a honra de o igualar a si mesmo, apelando para o seu poder a favor dos dois e mandando pagar por ambos ao mesmo tempo.

A moeda achava-se na boca de um peixe, mas no bolso do Nazareno parece que nunca se encontrou um siclo sequer, nem jamais as suas mãos tocaram em dinheiro algum; quando, um dia, os fariseus propuseram a famosa questão do tributo romano, Jesus só “olhou” para a moeda ornada com a efígie de César, mas não a tomou em suas mãos.

JESUS PROPÕE POR MODELO UMA CRIANÇA

Depois do ligeiro incidente com os cobradores do tributo, e antes de entrarem na referida casa em Cafarnaum, suscitou-se entre os discípulos, uma questão sobre o problema quem deles seria o maior e mais digno no reino de Deus, a quem deles caberia o primeiro lugar ao lado do Mestre.

Tinham reparado, naturalmente, na preferência que Jesus dava a Simão Pedro, pagando por ele o tributo e distinguindo-o em diversas ocasiões, embora não lhe poupasse dolorosas humilhações. Os outros discípulos, mundanos como eram, não reconheciam de bom grado a palma ao pescador da Galiléia, ou, se lha reconheciam, discutiam a questão quem deles seria o primeiro depois de Pedro.

Ambições humanas! O mesmo sentimento dominava os filhos de Zebedeu e Salomé, Tiago e João, que vieram um dia solicitar, por intermédio da mãe, os primeiros postos no reino messiânico, postos que eles

concebiam lá a seu modo. Já nesse tempo, como se vê, as mulheres procuravam conseguir o que aos homens parecia difícil ou impossível.

Dia a dia, aguardavam os discípulos a inauguração do reino de Deus, isto é, um reino temporal, político, em que Jesus fosse o rei, e eles os primeiros- ministros.

A caminho de Cafarnaum, travaram acalorada discussão sobre quem deles ocuparia a pasta de primeiro-ministro ou chanceler do novo reino, como diríamos em terminologia hodierna. Fazia cada qual valer os seus pretensos direitos.

Não diz o Evangelho quais os títulos que os discípulos fizeram valer para sua suposta prescendência. Mas é fácil imaginá-lo.

Pedro terá invocado o fato de ser sempre nomeado em primeiro lugar, como chefe da turma.

Tiago deve ter apelado para o seu parentesco, pois era primo de Jesus.

João, se não era ainda o místico, terá lembrado que Jesus o chamava sempre o discípulo amado.

Mateus deve ter dito que ele tinha sido um funcionário do Império Romano como coletor de impostos em Cafarnaum. E, assim por diante, numa discussão genuinamente humana, deploravelmente mundana. Faltava-lhes ainda, aos bons discípulos, aquele poder do alto, que, no dia de Pentecostes, os devia transformar definitivamente em verdadeiros arautos do reino de Deus.

Chegaram à casa em que iam hospedar-se, uma casa de família onde não faltavam crianças.

Ao pé da casa, os doze esperavam por Jesus, que tinha ficado para trás, sozinho, talvez eatretido em colóquio com o Pai celeste, como costumava fazer, muitas vezes, nessas longas caminhadas.

Reunindo-se aos discípulos, perguntou-lhes, de de improviso, o Mestre:

— De que vínheis falando pelo caminho?

Calaram-se eles. A pergunta era delicada...

Sentou-se Jesus na varanda da casa, mandou os discípulos agruparem-se em torno dele e disse-lhes:

— Se alguém pretende ser o grande, seja o servidor de todos.

Em seguida, chamou um menino, colocou-o no meio deles e disse-lhes:

— Em verdade vos digo, se não vos converterdes e vos tornardes como esta criança, não entrareis no reino dos céus. Mas, quem se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no reino de Deus.

E acrescentou:

— Os reis e príncipes deste mundo são chamados grandes, porque estão sentados no trono e servidos por seus súditos. Entre vós, porém, não há de ser assim; aquele dentre vós que quiser ser grande, seja o servidor de todos.

Deste modo, inverteu o Mestre toda a política mundana dos discípulos pela sabedoria do Evangelho; grandeza não é ser servido, grandeza é servir voluntariamente.

AI DO SEDUTOR DA INOCÊNCIA

Enquanto Jesus dava estas instruções aos rudes pescadores da Galiléia, continuava a trazer abraçado o pequeno modelo vivo, o qual se sentia muito a gosto.

Os olhos de Jesus descortinavam os véus do futuro, abrangiam os horizontes do universo, e dos seus lábios romperam palavras veementes, que repercutiram como trovão pelo círculo dos ouvintes:

— Quem der incentivos de pecado a um desses pequeninos que tem fé em mim, melhor lhe fora que lhe suspendessem ao pescoço uma mó e o abismassem nas profundezas do mar. Ai do mundo por causa dos incentivos ao pecado! É inevitável que venham esses incentivos, mas ai do homem por quem vierem!. . . Vede que não desprezeis a nenhum desses pequeninos, pois eu vos digo que os seus anjos contemplam sem cessar a face de meu Pai celeste.

Os discípulos entreolharam-se, aterrados, ante a veemência dessas palavras. O pequeno protegido arregalou os olhos e os fitou no semblante de seu protetor; não compreendia, certamente, o alcance daquela ameaça; mas sentia que Jesus dizia alguma coisa terrível e muito séria àquela gente grande.

Bom seria que toda a cristandade desses quase **2000** anos tivesse ouvido essas palavras de Jesus, que proclamam que toda a criança tem fé nele, isto é, está no reino dos céus — quando os nossos teólogos afirmam que toda a criança é concebida e nasce em pecado; “sai desta alma, satanás — diz o rito batismal — e dá lugar ao Cristo”. E tentam com um copo de

água, ou com um mergulho numa piscina, expulsar o suposto diabo e introduzir o Cristo na alma humana.

Em qualquer exame teológico dos nossos seminários seria Jesus reprovado.

A FESTA DOS TABERNÁCULOS

Aproximava-se a mais popular, a mais poética e sugestiva das solenidades de Israel — a festa dos Tabernáculos.

Ocorria esta solenidade no outono, no mês de Elul (setembro), quando já se consideravam terminados os principais trabalhos da lavoura, quando já as safras se achavam nos celeiros, e nos lagares corraera o mosto das uvas. Encaminhavam-se então os filhos de Israel para a capital do país, em demanda do grandioso santuário nacional.

Por espaço de **40** longos anos, peregrinara o povo hebreu pelo deserto, rumo à terra da Promissão, habitando em tendas, ou à sombra de ranchos de ramagens improvisados à beira do caminho. E em grata recordação desse período histórico celebravam os hebreus, todos os anos, a festa das Tendões ou Tabernáculos.

Tudo era vida e alegria nesses dias. Saqueavam as frondes das árvores, e com elas armavam pavilhões primitivos nos arredores de Jerusalém, neles habitavam por espaço de oito dias. A temperatura outonal favorecia essa vida ao ar livre, à sombra de verde folhagem.

Nesses dias, estavam desertas as casas; nem mesmo barracas de lona se viam; somente “pavilhões” de folhagem, pontuados das últimas flores da estação e, não raro, garridamente ornados de espigas, cachos de uvas e outros produtos agrícolas.

Pela lei, só os homens tinham obrigação de viver nessas tendões; nelas também comiam e dormiam. Conta-se que ao rabi Gamaliel foram oferecidos duas tâmaras e um vaso d'água em sua casa; mas ele mandou que os levassem para a tenda — tão escrupuloso era o mestre na observância da lei, durante a semana dos Tabernáculos.

Talvez em nenhum outro período do ano se manifestasse tão claramente como neste a índole característica daquele povo. Nesses dias, se casavam, na mais encantadora harmonia, a religião e a poesia, os primores da terra e os esplendores do céu, o gosto estético do hebreu e o sentimento religioso do israelita, o impulso espontâneo das almas e as prescrições

litúrgicas da lei mosaica, a vibratibilidade psíquica desse povo nômade e o sopro do seu misticismo.

A solenidade dos Tabernáculos era, ao mesmo tempo, a festa da colheita: uma imponente ação de graças pelos benefícios da safra, que a munificência divina lhes concedera, na Terra da Promissão, em que “corriam leite e mel”.

Cinco dias antes do início dos festejos, celebrava-se a “Expição”, dia de jejum, dia de sacrifícios, e de caráter profundamente significativo. O sumo sacerdote tomava dois carneiros ou bodes, e sacrificava um deles. Depois, colocava as mãos na própria cabeça e proferia determinadas fórmulas litúrgicas confessando os pecados do povo e suplicando perdão; em seguida, colocava as mãos sobre a cabeça do animal, simbolizando assim a transferência para o mesmo de todos os delitos de Israel. Logo, um dos levitas tangia o “bode expiatório” para o deserto até à beira de um precipício, distante **18** quilômetros de Jerusalém, no qual era abismado o animal.

A alviçareira notícia da morte do “bode expiatório” chegava a Jerusalém em poucos momentos, transmitida por meio de bandeiras colocadas ao longo dos caminhos, em determinados intervalos. Imediatamente, se arriava a bandeira rubra plantada à entrada do templo, e hasteava-se a bandeira branca — cor da inocência e da alegria — por sinal que Deus perdoara os pecados a seu povo. Assim como o “bode expiatório” era despenhado no abismo e se esfacelava na queda, assim, dizia-se, aniquilava Deus as prevaricações de seu povo.

Terminada a cerimônia da expiação, purificada a nação inteira por essa “absolvição geral”, principiavam as jubilosas solenidades dos Tabernáculos. Multiplicavam-se os holocaustos oferecidos no templo.

A primeira noite representava o que havia de mais belo para os olhos e para a alma de um genuíno israelita. Enquanto de todos os terraços, das cimalhas das casas e dos peitoris das janelas ardiam milhares de lâmpadas, e de gigantescos candelabros se erguiam labaredas, cantava o coro dos levitas, do alto da escadaria semicircular de **15** degraus, os Salmos de Davi sobre as glórias e as liberalidades de Deus.

Através da tépida escuridão da noite, debaixo de um céu pontuado de estrelas, bruxoleavam as chamas de uma infinidade de tochas. Era a procissão das luzes, que se volvia lentamente pelas ruas da cidade, na qual tomavam parte também os austeros escribas e doutores da lei. Recordava a

nuvem luminosa que acompanhara os israelitas na sua marcha através do deserto. As trevas nadavam em luzes, o silêncio ressoava de hinos e cânticos!... A alma de Israel vibrava num acorde de júbilo e de gratidão! . . .

Os dias imediatos eram consagrados ao sentimento de gratidão pelos benefícios recebidos; os últimos eram dias de petição para que Deus não deixasse de mandar, sobre a terra, as chuvas salutares e indispensáveis à prosperidade material.

Na manhã do último dia, durante o sacrifício, descia um sacerdote das alturas de Moriá, sobre o qual se achava construído o templo, e se dirigia à fonte de Siloé, que brotava ao sopé da colina, rompendo do interior do monte.

Lá embaixo, era o sacerdote recebido pelos demais serventuários do culto e pelo povo, ao som de trombetas e de hinos. Hauria água da fonte com um vaso de ouro, tomava a subir em procissão e a derramava sobre o altar dos holocaustos, enquanto todos cantavam o salmo **128**: “Haurireis água com alegria das fontes do Salvador” . . . Rompia intenso o clangor das trombetas, e todo o povo se prostrava de face em terra. Em sete giros consecutivos, rodeavam os sacerdotes o altar dos holocaustos, agitando na mão direita o ramalhete da festa, composto de uma palma, dois ramos de salgueiro, três de mirta e um pequeno limão, chamado *ethrog*.

Corria o provérbio: Quem não viu o júbilo de Siloé, não viu júbilo.

Deus e a pátria, a história e a natureza, a consciência da culpa e o desejo da expiação, o sentimento da própria mesquinhez e a fé na misericórdia divina, a gratidão e a esperança — de todos esses elementos tecia Israel o grandioso poema do seu ano litúrgico — a festa dos Tabernáculos.

JESUS VAI À FESTA DOS TABERNÁCULOS

Aproximavam-se, pois, essas sugestivas solenidades. Todas as estradas e trilhos fervilhavam de grupos de peregrinos.

Os parentes de Jesus, imbuídos de idéias mundanas e de uma falsa concepção do reino messiânico, nutriam a esperança de que o famoso profeta aproveitaria o ensejo para se apresentar na capital e dar um passo decisivo. A ocasião não podia ser mais propícia para um formidável “golpe de Estado”. A alma popular era massa inflamável; bastava que um homem

genial como o Nazareno lançasse a centelha viva do seu verbo eletrizante, que realizasse um dos seus estupendos prodígios — e Israel sacudiria o jugo estrangeiro e proclamaria a independência nacional. . .

Por isso diziam os seus amigos:

— Retira-te daqui e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes; pois ninguém, que deseja ser conhecido em público trabalha às ocultas. Uma vez que realizas tão grandes coisas, manifesta-te ao mundo!

Assim falavam os seus irmãos, observa o evangelista, porque nem eles tinham fé em Jesus. Não formavam idéia exata da sua missão.

Respondeu-lhes ele:

— O meu cempo ainda não chegou. Para vós, sim, sempre é tempo oportuno; a vós não vos pode o mundo odiar; a mim, porém, me odeia, porque eu dou testemunho de que as suas obras são más. Subi vós à festa; eu não subo à festa, porque ainda não chegou o meu tempo.

Assim lhes falou e ficou na Galiléia.

As caravanas partiram.

Mais tarde, também Jesus iria a Jerusalém, não em público, mas ocultamente. É o que ele queria dizer: que não ia como peregrino com a caravana, mas em caráter particular, para não causar reparo demasiado; pois não chegara ainda a hora da sua morte; numa outra solenidade, sim, iria publicamente a Jerusalém para ser crucificado.

“Por ocasião das solenidades, os judeus procuravam a Jesus e diziam: Onde está ele? Muito se falava nele entre o povo. Ele é bom — diziam uns. Qual! — tomavam outros — engana a gente! — Mas ninguém falava dele às claras, com medo dos judeus.”

De modo que a festa dos Tabernáculos deste ano tinha as suas nuvens... Não reinava a mesma alegria expansiva e franca dos anos anteriores; uma tensão nervosa ocupava todos os espíritos... Que seria de Jesus?... Que aconteceria ao profeta de Nazaré?... A sanha dos seus inimigos não conhecia limites... Ansiosamente aguardavam a chegada do Nazareno...

DESPEDIDA DA GALILÉIA, MALDIÇÃO DAS CIDADES

IMPENITENTES

Pela última vez, lança Jesus um olhar sobre Cafarnaum e o lago de Genesaré — olhar cheio de dor, cheio de amor, de amor incompreendido!.. .. Quase três anos havia ele trabalhado na Galiléia, e Cafarnaum tornara-se a “sua cidade”; o Genesaré era o lago de Jesus e dos discípulos, pois todos eles eram galileus à exceção de Iscariotes.

E Jesus se despede...

Seu grande e incompreendido amor lhe confrange o coração, faz-lhe brotar dos lábios palavras repassadas de saudades e de amargura... Não há no mundo martírio mais atroz, do que um grande amor retribuído com indiferença, ou com desprezo.. . E o coração do Nazareno sorveu até à lia o cálice desta amargura.

Chegando ao alto de uma colina, relanceou um olhar para as regiões onde ficavam as cidades de Corozain e Betsaida, testemunhas de tantos prodígios e de tantas provas de amor — e testemunhas também, de tanto desamor, com que os seus habitantes haviam rejeitado o Evangelho do reino de Deus.

Por isso, fulminou Jesus sobre as cidades impenitentes esta maldição:

— Ai de ti, Corozain! Ai de ti, Betsaida! porque, se em Tiro e Sidon se tivessem operado os prodígios que em vós se operaram desde há muito teriam feito penitência em cilício e cinzas! Mas eu vos digo que, no dia do juízo, terão Tiro e Sidon sentença mais benigna do que vós!

Tiro e Sidon, cidades pagãs da Fenícia, no litoral do Mediterrâneo, não tinham recebido a abundância de graças que Jesus prodigalizara às cidades de Israel; por isso, é menos grave a incredulidade e impenitência desses gentios que a dos judeus.

E, olhando para Cafarnaum, que jazia a seus **pés**, ruidosa e profana, exclamou Jesus:

— Ai de ti, Cafarnaum! Tu, que foste elevada até ao céu — até ao inferno serás abismada. Porque, se em Sodoma se tivessem feito os prodígios que em ti se fizeram, até ao presente subsistiria! Pois declaro-te que sentença mais benigna terá Sodoma, no dia do juízo, do que tu!

Sim, Cafarnaum fora elevada até ao céu, porque por espaço de longos anos residira nos seus muros aquele que é o centro e a essência do paraíso. A cidade de Sodoma era pecadora, mas Cafarnaum é tanto mais pecadora, quanto maior o número de graças que recebeu e não aproveitou.

Depois desta maldição, voltou Jesus às costas a Corozain, Betsaida e Cafarnaum, e tomou rumo Sul, ao encontro dos seus inimigos, ao encontro da morte...

REPULSA POR PARTE DOS SAMARITANOS

Atravessa Jesus com seus discípulos a terra de Samaria, para ir a Jerusalém, e tomar parte nos últimos dias da festa dos Tabernáculos. Era a sua última viagem para a capital. Deixara para sempre a sua querida Galiléia, pátria de quase todos os seus discípulos, cenário da sua mocidade e da maior parte da sua vida pública. Para lá não tornaria senão depois da ressurreição, e quase como espírito. Com a energia do herói, que, de olhar firme e passo seguro, enfrenta a morte, vai Jesus ao encontro do seu trágico destino. Restavam-lhe ainda alguns meses de vida. Desde este outono até à próxima primavera, o campo da sua atividade seriam Jerusalém e arredores.

Refere Lucas:

“Quando se aproximavam os dias do seu passamento, encarou Jesus resolutamente a sua ida a Jerusalém, e despachou mensageiros adiante de si. Partiram e chegaram a uma povoação dos samaritanos para lhe preparar pousada. Mas não foram recebidos, porque iam rumo a Jerusalém.”

Não havia para o samaritano espetáculo mais irritante do que ver os israelitas encaminharem-se para Jerusalém, pelo tempo das festividades religiosas. Os samaritanos, nessa época, já não possuíam templo, mas adoravam a Deus no monte Garizin; e exasperava-os o pensamento de que os judeus os considerassem hereges e se arrogassem o privilégio exclusivo do verdadeiro culto.

Por isso, não quiseram dar pousada a Jesus e seus discípulos, sabendo que eles iam para as festas dos Tabernáculos.

Em face dessa repulsa, indignaram-se os dois irmãos, Tiago e João, filhos de Zebedeu, e disseram a Jesus:

— Senhor, queres que mandemos cair fogo do céu, para devorá-los? Jesus, porém, voltando-se para eles, observou:

— Não sabeis que espírito vos anima! pois o Filho do Homem não veio para perder os homens mas, sim, para salvá-los.

E foram em demanda de outra povoação.

E Jesus pôs aos dois discípulos impetuosos o apelido jocoso de “filhos do trovão”.

Pensavam e sentiam ainda como pensa e sente todo o homem-ego: de acordo com os ditames da lei de talião: olho por olho, dente por dente. Somente quando o “homem mosaico” se transforma no “homem crístico”, é ele capaz de pensar e agir de outro modo. Mas essa transformação definitiva só aconteceu aos discípulos de Jesus na gloriosa manhã de Pentecostes, quando foram iluminados pelo Espírito da Verdade, após nove dias de silêncio e oração.

DISCÍPULOS IMPERFEITOS

Enquanto atravessavam as regiões setentrionais da Judéia em demanda de Jerusalém, começou Jesus a falar aos seus discípulos sobre a missão que os ia enviar em breve. Toda a vez que o divino Mestre toca neste assunto, a difusão e a vitória do reino de Deus, as suas palavras assumem extraordinário brilho e beleza; está mais do que nunca em “seu elemento”. Esse ardor místico se comunicava, não raro, aos que o escutavam, também a muitos daqueles que não eram ainda do número dos seus companheiros inseparáveis.

Certo dia, nessa mesma viagem, apresentou-se a Jesus um dos escribas, que o tinha ouvido falar, e exclamou entusiasticamente:

— Mestre, seguir-te-ei aonde quer que fores!

Esse homem parecia vivamente impressionado com o ideal apostólico.

Cravou Jesus um olhar atento no semblante do jovem entusiasta, e disse tranquilamente, sopesando as palavras:

— As raposas têm cavernas, e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça...

Queria dizer: Meu amigo, se queres de fato ser meu discípulo e seguir-me aonde eu for, lembra-te de que terás de partilhar a minha sorte; terás de viver como eu vivo, desprendido de tudo e de todos, sem propriedade, sem casa, sem mesa, sem família nem lar; deves estar pronto a sacrificar tudo o que o homem pode possuir e gozar; terá de tomar-te mais pobre que as raposas do mato e as aves do espaço.. .

“O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça...”

Ecoa nestas palavras o desapego do Nazareno, lembra a sua voluntária pobreza, a sua renúncia aos bens materiais da vida humana.

Jesus não tem casa. . . Desde que deixou a carpintaria de Nazaré, é ele um nômade!... De dia, cruzando aldeias e descampados, sempre a espalhar a semente do Evangelho do reino de Deus, sempre a curar enfermidades, sempre a consolar os aflitos e sobrecarregados; de noite, em colóquio com o Pai celeste, na solidão do deserto e nas alturas das montanhas, ou fruindo umas horas de descanso, em casa alheia, ao pé de uma árvore ou à beira da estrada. . .

Tal é a vida do Nazareno.

O seu vestuário é singelo; a sua mesa, incerta; não leva dinheiro no bolso; não conhece mão carinhosa que lhe enxugue o suor da fronte ou lhe componha a cabeleira em desalinho; não tem no mundo alma que o compreenda, que lhe faça companhia nos caminhos solitários do seu idealismo. . . Nasceu numa gruta — mas a gruta era de todos. Foi reclinado numa manjedoura — mas a manjedoura era dos pastores. Expirou numa cruz — mas a cruz — mas a cruz não era dele. E ainda após o derradeiro suspiro não teve onde reclinar a cabeça — e a sua cabeça ficou suspensa no ar, entre o céu e a terra. Depois de morto, encontrou onde reclinar a cabeça — mas foi em sepulcro alheio. O próprio corpo exangue não lhe pertencia — era da autoridade pública, da qual o requereram os discípulos. Nem mesmo a sua alma lhe pertencia, era creatura de Deus — e ele a entregou ao Pai celeste — “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!” E o seu coração pertence a toda a humanidade. . .

Parece que o escriba, em face de semelhante perspectiva, recuou aterrado e desistiu do seu propósito de seguir o Mestre aonde quer que fosse. . .

Só uma alma muito rica pode aceitar tão grande pobreza...

Foram seguindo viagem.

Eis senão quando, um dos discípulos de Jesus, recebendo notícias do falecimento de seu pai, foi logo pedir licença ao Mestre para se retirar e assistir aos funerais do extinto, antes de empreender a excursão apostólica de que Jesus falara e que parecia ir longe.

— Segue-me! — disse-lhe o Mestre.

Mas o discípulo pediu com instância:

— Permite-me que vá primeiro sepultar meu pai.

Por mais natural e humanitário que parecesse este pedido, Jesus não lho concedeu; mas respondeu em tom enérgico:

— Deixa que os mortos sepultem seus mortos! Tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus!

É como se dissesse: Deixa que os ainda espiritualmente mortos sepultem os fisicamente mortos. Os espiritualmente vivos não devem perder o seu tempo com isto. Tu recebeste uma vocação superior; deixa de parte toda e qualquer ocupação, ainda que boa e legítima, quando se trata dos supremos interesses do reino de Deus.

*
*

Depois de algum tempo, chegou a caravana apostólica a uma encruzilhada. Disse então um dos discípulos a Jesus:

— Seguir-te-ei, Mestre; mas permite que vá primeiro a casa despedir-me da minha gente.

Que coisa mais natural? A casa não ficava longe, e o futuro missionário, antes de empreender a sua missão, queria dar os adeuses à família e aos parentes. Mas teve de ouvir dos lábios do Mestre as palavras incisivas:

— Quem empunha o arado e olha para trás não é idôneo para o reino de Deus.

Fazem estas palavras suspeitar que não se tratava de uma simples despedida. O coração daquele discípulo, parece, estava dolorido de saudades de alguma pessoa querida que tinha entre seus parentes ou suas parentas; queria vê-la e falar-lhe ainda uma última vez. Jesus, porém, sabia que o coração tem razões de que a razão nada sabe, e que aquela despedida da sua “gente” podia vir a ser, para esse moço, a despedida do apostolado e do seu idealismo religioso.

Jesus não admite para colaborador qualquer homem; é necessário que seja possuidor de predicados especiais, que tenha uma vontade firme e inquebrantável; a liberdade de espírito de se emancipar de toda a escravidão das criaturas, ainda a mais doce e querida; o heroísmo de renunciar de renunciar de vez e para sempre a tudo que possa vir a paralisar-lhe os surtos da alma, ou desviar-lhe as energias do coração.

Quando o famoso aventureiro, Fernando Cortez, em 1519, aportou à praias do México com algumas centenas de soldados, perguntou aos seus guerreiros se algum deles desejava regressar para casa, com medo das lutas que os esperavam em terras incógnitas e hostis, ninguém se apresentou. Então mandou o arrojado conquistador lançar fogo aos navios, em que tinham vindo de Cuba, reduzindo-os a cinzas, a fim de

cortar toda e qualquer esperança de regresso ou de fuga. Agora era vencer ou morrer!

É o que Jesus exige aos seus discípulos; queimar os navios do mundo! Não pensar jamais em regresso nem deserção! A vida do apóstolo está definitiva e irrevogavelmente entregue à discricção do seu divino soberano. A divisa é; Vencer ou morrer!

Quem empunha o arado e olha para trás não presta para o reino de Deus!

MISSÃO E REGRESSO DOS DISCÍPULOS

Enviou Jesus os discípulos, de dois a dois, pelas regiões circunvizinhas, a fim de anunciarem o reino de Deus.

Partiram eles guiando-se pelas instruções do Mestre.

No dia marcado voltaram para junto de Jesus. E logo, com uma familiaridade confidencial, se puseram a contar as aventuras e peripécias que tinham passado no ministério evangélico. Quanta coisa nova e interessante não lhes sucedera!.. Horas e horas estiveram contando...

Entretanto, o que acima de tudo impressionara a esses novéis missionários, o que os deixara assombrados e eclipsava todos os demais acontecimentos, era a atividade sinistra dos demônios, e era o soberano poder que eles, pobres pescadores e lavradores da Palestina, tinham sobre esses invisíveis inimigos. A ingerência do mundo dos espíritos no mundo da matéria é sempre motivo de sensação e terror.

— Senhor — exclamaram os discípulos — até os demônios nos estavam sujeitos, em teu nome!

Sorriu Jesus, e, tomando-os à parte, à sombra de uma árvore, mostrou-se vivamente interessado pela narração de cada um deles em particular.

Depois que os discípulos esgotaram o assunto e as novidades, disse Jesus, quase em atitude de visionário:

— Eu via Satanás cair do céu como um raio!.. .[&]

Tamanho era o poder que os discípulos exerciam sobre o mundo hostil, em nome de Jesus.

Em seguida, passando os campos do apostolado social para o terreno da realização própria, faz ver aos novéis missionários que o dom dos milagres, que tanto os impressionara, ainda não dava, de per si,

merecimento algum; mais sublime que esse poder era a vida íntima com Deus, que torna o homem participante da natureza divina. Neste sentido, acrescentou significativamente o Mestre:

— Eis que vos dei poder de calcar serpentes e escorpiões, e poder sobre todas as potências adversas; coisa nenhuma vos fará mal. Entretanto, não seja esta a vossa alegria, que se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão escritos nos céus.

E, ao penar na vida eterna e na glória do reino de seu Pai, sentiu-se Jesus tomado de um arroubo de amor e entusiasmo, e, levantando as mãos e erguendo os olhos ao céu, exultou em espírito, exclamando:

— Glorifico-te, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque ocultaste estas coisas aos doutos e aos eruditos e as revelaste aos simples. Sim, meu Pai, assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém senão o Pai sabe quem é o Filho; e ninguém sabe quem é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

E voltando-se para os seus discípulos, prorrompeu nestas palavras:

— Ditosos os olhos que vêem o que vós vedes, pois eu vos declaro que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram.

Depois, correndo o olhar pela roda dos circunstantes, e vendo aqueles homens cobertos de pó e fatigados do exaustivo labor, disse:

— Vinde a mim, todos os que andais aflitos e sobrecarregados, e eu vos aliviarei! Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Pois o meu jugo é suave, e o meu peso é leve.

O MAIOR DOS MANDAMENTOS O BOM SAMARITANO

Depois do regresso dos discípulos da sua excursão missionária, prosseguiu Jesus caminho, rumo à metrópole. Mui de indústria, retardou a jornada para não alcançar a primeira parte da festa dos Tabernáculos, que durava uma semana; queria chegar só pelo fim das solenidades.

Já não vinha longe de Jerusalém, quando se lhe apresentou um doutor da lei e lhe fez esta pergunta:

— Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?

Respondeu-lhe Jesus tranquilamente:

— Que está escrito na lei? Como é que lês?

Tomou o doutor:

— Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda a tua mente e com todas as tuas forças; e amarás o próximo como a ti mesmo.

— Muito bem respondido — disse-lhe Jesus — faze isto, e terás a vida.

O doutor da lei calou-se, um tanto perplexo. Pois, pela resposta que ele próprio dera, tão prontamente, bem se via que a pergunta nada tinha de singular e difícil; qualquer menino israelita saberia responder, assim como as crianças do século XX, bem doutrinadas, sabem recitar, na pontinha da língua, os dez mandamentos da lei de Deus. Tratava-se de um dos textos sacros mais conhecidos e familiares do Pentateuco. Aquele diálogo tinha visos de lição de catecismo ou escola dominical; mas, o doutor não era decerto nenhum aluno de escola, e, sim, um mestre em Israel. E de um homem tão instruído como ele se devia esperar, propriamente, algo de mais difícil e intrincado, alguma questão sutil, alguma das célebres controvérsias que entre si agitavam as famosas escolas de Hillel e Shammai, ou coisa análoga, mas não uma verdade palmar como esta, que os *rabis* de Israel até levavam escrita nos seus filactérios e a cada passo recitavam.

Por isso, para não fazer má figura, procurou o doutor da lei uma saída mais honrosa, queria “justificar-se”, diz o evangelista, queria mostrar que não perguntara sem razão; porquanto o caso tinha os seus quês, que o Nazareno, bisonho no programa das escolas em voga, talvez nem suspeitasse. Propôs, portanto, uma questão que lhe parecia bem mais complicada, dizendo com ares de entendido:

— Mas, quem é meu próximo?

Agora sim, pisava terreno firme; estava no seu elemento; porque esta pergunta dava margem a discussões e controvérsias sem fim.

Ensinavam os rabinos da época que o nosso próximo eram os amigos, as pessoas da família e da parentela; outros homens, sobretudo os *goim* (gentios), estavam excluídos. Mas não concordavam entre si sobre o alcance da palavra “próximo”; pois o parentesco tem muitos graus, e a palavra “amigo” é elástica.

Jesus, conhecendo as idéias e a deslealdade de seu interlocutor, condescende com a fraqueza dele; mas, em vez de se emaranhar nas teias de sutilezas e sofisticacões em torno da palavra “próximo”, rasga uma

perspectiva tão ampla como os horizontes da humanidade, passando ao doutor da lei uma lição de mestre sobre o verdadeiro amor ao próximo.

Descia um homem de Jerusalém a Jericó. . .

Achava-se Jesus nos arredores da cidade. O caminho que daí levava a Jerusalém era “mal-assombrado”, não de fantasmas do outro mundo, mas de malfeitores deste mundo. Aquelas profundas quebradas, aquelas gargantas sinistras, aquelas cavernas escuras e aqueles desfiladeiros por entre penhascos, formavam o valhacouto favorito dos salteadores e bandoleiros da Palestina; não passava ano sem que um ou outro viandante incauto caísse vítima dessas emboscadas.

Prevaleceu-se o Mestre dessas circunstâncias para ilustrar uma das suas doutrinas.

Disse, pois, Jesus ao doutor da lei e demais ouvintes:

— Descia um homem de Jerusalém a Jericó e caiu nas mãos dos ladrões. Estes o despojaram, cobriram-no de feridas, e, deixando-o meio morto, foram-se embora. Aconteceu descer pelo mesmo caminho um sacerdote; viu-o — e passou de largo. Igualmente, chegou ao lugar um levita; viu-o — e passou de largo. Chegou ao pé dele, também, um samaritano, que ia de viagem, viu-o — e moveu-se à compaixão; aproximou-se, deitou-lhe óleo e vinho nas chagas e ligou-as; em seguida, fê-lo montar no seu jumento, conduziu-o a uma hospedaria e teve cuidado dele. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: Tem cuidado dele, e o que gastares a mais, pagar-to-ei na volta.

Nesta altura, dirigiu-se Jesus ao doutor da lei, que o estava escutando, sem atinar com o porquê dessa história, e perguntou-lhe:

— Qual desses três se houve como próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? <*

— Aquele que lhe fez misericórdia — respondeu prontamente o fariseu.

Judeu que era, não se animava a dizer lhanamente: “o samaritano”; reconhecer a palma ao inimigo, ao “herege” da Samaria. Achou mais prudente e menos doloroso ladear a questão, recorrendo ao circunlóquio: “aquele que lhe fez misericórdia”.

E, de súbito, qual punhalada no coração, tem de ouvir dos lábios do Nazareno esta intimação peremptória:

— Vai e faze tu o mesmo!

— Horrível. .. Tomar por modelo o samaritano, o herege, o inimigo nacional; e não o sacerdote, nem o levita de Israel!...

O doutor da lei retirou-se, mais douto do que viera — e menos orgulhoso... Sabia também de que modo se manifestava a verdadeira e genuína ética.

amar a seu Pai divino. A consciência mística da pater-

A ética do segundo mandamento não é senão o transbordamento da mística do primeiro mandamento. Ninguém pode amar realmente seu irmão humano sem

nidade única de Deus se revela irresistivelmente na vivência ética da fraternidade universal dos homens.

BETÂNIA

Estava prestes a terminar a fatigante jornada que conduzia Jesus e os seus discípulos, desde as plagas setentrionais da Galiléia, através da Samaria, até o sul da Judéia.

Aproximavam-se de Jerusalém a fim de tomar parte na festa dos Tabernáculos; já se achavam em Betânia, situada ao sopé do Monte das Oliveiras, meia hora para o leste da capital.

Nessa pequena povoação moravam Lázaro e suas irmãs, Marta e Maria. Parece que eram órfãos e aí possuíam uma bela propriedade, com um prédio senhoril de família abastada. Muitas vezes, nas suas peregrinações, recolhia-se Jesus a esse retiro convidativo, e sempre era saudado como hóspede e amigo querido.

Betânia quer dizer “Casa da graça. . .”

Silencioso idílio de paz no meio dos tumultos do mundo profano.. .

Lázaro, o grande e devotado amigo de Jesus...

Marta, tipo da mulher ativa, que não se sentia satisfeita, enquanto não oferecesse ao amigo o melhor da sua casa, o refrigerio mais confortável, o prato mais saboroso, o vinho mais puro.

Maria, alma silenciosa e cismadora, tranquila como as águas profundas. . .

Desta vez, parece, estava Lázaro ausente; o evangelista não lhe menciona a presença com uma só palavra. Achavam-se em casa apenas as duas irmãs, Marta e Maria; dedicadíssimas ao divino Mestre, ainda que de gênio e índole totalmente diversos. O amor de Marta, dona-de-casa, traduz-se numa atividade intensa para servir ao querido hóspede;

o amor de Maria revela-se num enlevo contemplativo, que a mantém sentada aos pés do Mestre, bebendo cada uma daquelas palavras que lhe brotavam dos lábios, como centelhas de luz...

Enquanto o divino Mestre, cercado dos discípulos e com Maria sentada a seus pés, falava do reino de Deus, Marta girava na lida afanosa, solícita, irrequieta, já na horta, já na cozinha, já na dispensa; o trabalho era muito, o tempo pouco e os hóspedes assaz numerosos.

Em dado momento, pára no limiar da porta da varanda, onde se achava Jesus com os seus ouvintes, e, lançando um olhar significativo a Maria, diz ao Mestre:

— Não te importa, Senhor, que minha irmã me deixe só com o serviço? Dize-lhe, pois, que me ajude.

Palavras enérgicas e delicadas ao mesmo tempo; não é ela, porém, que conseguirá tirar sua irmã de aos pés do Mestre — tentativa inútil! — Só a uma ordem de Jesus deixará ela o seu lugar, e trocará a vida contemplativa pela ativa.

Mas Jesus não deu a ordem sugerida por Marta; antes tranquilizou a consciência de Maria, justificou-lhe a conduta, e suavemente repreendeu a interpelante:

— Marta, Marta, andas solícita e irrequieta com muitas coisas; entretanto, uma só coisa é necessária: Maria escolheu a parte boa, que não lhe será tirada.

Estas palavras do Nazareno e essa mentalidade “mística” do seu ser dificilmente encontrarão admiradores entre os filhos legítimos do século XX; pois a “única coisa necessária” é trabalhar, trabalhar, trabalhar! Ganhar dinheiro, fazer negócios, bater *records*, sustentar a concorrência mundial, etc. Pudera, não! Quem considera definitiva a existência terrestre, e não a encara como uma simples fase preliminar, provisória e preparatória de outra existência, dará por errada e falha uma vida avesso à “física” do ego humano e voltada para a “metafísica” do Eu divino.

Vigora e vigorará sempre o conflito entre os “filhos da luz” e os “filhos deste século”.

O que Jesus censura em Marta não é o trabalho em si. O que ele repreende é a solicitude excessiva e o modo irrequieto que se revelam nos atos de Marta.

Relação das Obras do Prof HUBERTO ROHDEN

Coleção FILOSOFIA UNIVERSAL:

© Pensamento Filosófico da Antiguidade A Filosofia Contemporânea O Espírito da Filosofia Oriental

Coleção FILOSOFIA DO EVANGELHO:

Filosofia Cósmica do Evangelho O Sermão da Montanha Assim Dizia o Mestre O Triunfo da Vida sobre a Morte O Nosso Mestre

Coleção FILOSOFIA DA VIDA

De Alma para Alma ídolos ou Ideal?

Escalando o Himalaia O Caminho da Felicidade Deus

Em Espírito e Verdade Em Comunhão com Deus Cosmorama Porque Sofremos Lúciér e Lógos A Grande libertação Bhagavad Gita (tradução)⁹» Setas na Encruzilhada Entre Dois Mundos

Minhas Vivências na Palestina Egito e Índia Filosofia da Arte A Arte de Curar pelo Espírito Orientando

"Que vos Parece do Cristo?" ,

Educação do Homem Integral Dias de Grande Paz (tradução)

O Drama Milenar do Cristo e do Anticristo Luzes e Sombras da Alvorada Roteiro Cósmico A Metafísica do Cristianismo[^]

A Voz do Silêncio

Tao Te King de Lao-Tsé (tradução) - Ilustrado Sabedoria das Parábolas O 5.º Evangelho Segundo Tomé (tradução)

A Nova Humanidade

A Mensagem Vivendo Cristo (Os 4 Evangelhos) - tradução Rumo à Consciência Cósmica Bp| Homem-«-,

Estratégias de Lúcifer*¹, mM Homem e o Universo Imperativos da Vida . Profanos e Iniciados |^E|jvJpi!io Testamento

Lampejos Evangélicos

Coleção MISTÉRIOS DA NATUREZA:

Maravilhas do Universo Alegorias Ísis

Maja - Aventuras de Uma Abelha - Bonsells • (tradução) Por Mundos
Ignotos Coleção BIOGRAFIAS:

Paulo de Tarso Agostinho

Por Um Ideal - **2** vols. Autobiografia

Mahatma Gandhi - Ilustrado

Jesus Nazareno - **2** vols

Einstein - O Enigma da Matemática - Ilustrado

Pascal - Ilustrado

Myriam

Coleção OPÚSCULOS:

Saúde e Felicidade Pela Cosmo-Meditação Catecismo da Filosofia

Assim Dizia Mahatma Gandhi (ÍOO Pensamentos)

Aconteceu Entre **2000** e **3.000**

Ciência Milagre e Oração São Compatíveis?

ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Notas

[[← 1](#)]

* Ver relação completa das obras, no fim deste livro.

[←2]

*São Paulo

[←3]

1) O texto conhecido “aos homens de boa vontade” não corresponde ao original grego, onde a “boa vontade” (ou benevolência) se refere a Deus.

[←4]

1) O jota é a letra mais pequenina do alfabeto hebraico, não passando de um traço semelhante ao nosso apóstrofe.

[← 5]

3) No meu livro *Sabedoria das Parábolas* encontrará o leitor explicações mais completas.

[←6]

4) Amélia Rodrigues.

[← 7]

1) Páscoa (ou *Phase*) era, para o judeu, a saída da longa escravidão no Egito, o êxodo, ou independência nacional.

[←8]

2) Para Jesus, satan (diabo, belzebu) não é o demônio, que são entidades invisíveis da natureza. Satan, ou satanás, segundo o Evangelho, é o "forte" ou chefe dos demônios, que são chamados "utensílios" e "armas" dele. Quando os discípulos de Jesus expulsaram demônios, satan se viu privado de utensílios e armas dele e perdeu o seu poder. Segundo Jesus, satan ou o diabo é uma criação mental do homem anti-divino. Neste sentido, Pedro, quando se opôs ao espírito de Jesus, é chamado satan, palavra hebraica para adversário; e Judas, quando não tinha fé nas palavras do Mestre, é tachado de diabo, palavra grega para opositor. É quase geral, no ocidente, a confusão entre diabo e demônio; o Evangelho, porém, nenhuma vez identifica satan ou o diabo com os demônios. Jesus nunca expulsou o diabo, mas expulsou muitos demônios. Aliás, satan ou diabo nunca aparece no plural, como os demônios.

Table of Contents

JESUS NAZARENO

JESUS NAZARENO

JESUS NAZARENO

Mensagem

Advertência

Huberto Rohden Vida e Obra

PREFÁCIO DAS EDIÇÕES ANTERIORES

PREFÁCIO PARA A SÉTIMA EDIÇÃO

PRIMEIRA PARTE SOLIDÃO E TRABALHO

JOÃO, O PRECURSOR

MARIA, A MÃE

MARIA VISITA ISABEL

O PROFETA DO DESERTO

DE NAZARÉ A BELÉM

NASCIMENTO DE JESUS

OS PASTORES

APRESENTAÇÃO NO TEMPLO

O VIDENTE SIMEÃO

MAGOS DO ORIENTE

JESUS FUGITIVO

REGRESSO À PÁTRIA

ENTRE OS DOUTORES

ONDE ESTEVE JESUS DOS 12 AOS 30 ANOS?

MESTRE E MÉDICO PARTE SEGUNDA

O MERGULHO DE JESUS

JESUS TENTADO PELO DIABO

“MESTRE, ONDE MORAS?”

“ENCONTRAMOS O MESSIAS”

AS BODAS DE CANÁ

PRIMEIRA PURIFICAÇÃO NO TEMPLO

“RENASCER DE ÁGUA E ESPÍRITO”

O PRECURSOR NO CÁRCERE

“ÁGUA VIVA”

O FILHO DO FUNCIONÁRIO

JESUS EM NAZARÉ
EXPULSÃO DE UM DEMÔNIO
CURA DA SOGRA DE PEDRO
A PESCA ABUNDANTE
CURA DE UM LEPROSO
O PARALÍTICO DE CORPO E ALMA
VOCAÇÃO E BANQUETE DE LEVI
O ESPOSO E OS CONVIVAS
O DOENTE DE 38 ANOS
CRISTO MENOR E IGUAL AO PAI
ATRAVÉS DAS SEARAS
O HOMEM COM A MÃO ATROFIADA
O SERMÃO DA MONTANHA
O CENTURIÃO DE CAFARNAUM
O JOVEM DE NAIM
A EMBAIXADA DE JOÃO BATISTA
JESUS ELOGIA O PRECURSOR
CAPRICHOS PUERIS
MADALENA
JESUS ALIADO DE SATANÁS
A MÃE E OS “IRMÃOS” DE JESUS
PARÁBOLAS DE JESUS(5)
O SEMEADOR
A SEMENTEIRA A CRESCER
ERVA DANINHA NO TRIGAL
O GRÃO DE MOSTARDA
O FERMENTO
O TESOURO OCULTO E A PÉROLA PRECIOSA
A REDE
TEMPESTADE NO LAGO
OS POSSESSOS DE GERASA
A MULHER HEMORROÍSSA
A FILHA DE JAIRO
OS CEGOS DE CAFARNAUM
MISSÃO DOS DISCÍPULOS
MORTE DE JOÃO BATISTA
PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS
CRISTO, O PÃO VIVO
MANDAMENTOS DIVINOS E TRADIÇÕES HUMANAS
A MULHER CANANÉIA
O SURDO-MUDO
O FERMENTO DOS FARISEUS
A PEDRA DA IGREJA
JESUS PREDIZ A SUA PAIXÃO
TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS
O ENDEMONINHADO AO PÉ DO TABOR
TRISTEZA DOS DISCÍPULOS
JESUS PAGA TRIBUTO
JESUS PROPÕE POR MODELO UMA CRIANÇA
AI DO SEDUTOR DA INOCÊNCIA
A FESTA DOS TABERNÁCULOS
JESUS VAI À FESTA DOS TABERNÁCULOS
DESPEDIDA DA GALILÉIA, MALDIÇÃO DAS CIDADES
IMPENITENTES
REPULSA POR PARTE DOS SAMARITANOS
DISCÍPULOS IMPERFEITOS
MISSÃO E REGRESSO DOS DISCÍPULOS
O MAIOR DOS MANDAMENTOS O BOM SAMARITANO
BETÂNIA
Relação das Obras do Prof HUBERTO ROHDEN

Notas